



---

## Espiritualidade e Vida Cristã

Regina Fernandes Sanches e Sidney de Moraes Sanches

---

Bacharel em Teologia

NED – Núcleo de Educação à Distância

### Dados do Curso

<b>CURSO</b>	Bacharel em Teologia
<b>MODALIDADE:</b>	EAD
<b>DISCIPLINA:</b>	Espiritualidade e Vida cristã
<b>ÁREA/EIXO:</b>	Teologia Prática
<b>AUTOR:</b>	Prof. Regina Fernandes Sanches e Sidney M. Sanches
<b>CARGA-HORÁRIA:</b>	80 horas

### EMENTA:

Estudos da teologia da vida cristã e da espiritualidade relacionada à ela, com base em análise bíblica, histórica e da sua prática integral.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

<b>1.</b>	<b>UNIDADE I – A Espiritualidade Cristã</b>	<b>03</b>
	Aula 1: Compreendendo a Espiritualidade	
	Aula 2: A Religiosidade Brasileira e a Espiritualidade	
	Aula 3: Espiritualidade Cristã na Pós-modernidade	
	Aula 4: Espiritualidade e Pneumatologia	
<b>2.</b>	<b>UNIDADE II – Fundamentos da Espiritualidade</b>	
	Aula 1: Teologia e Espiritualidade	
	Aula 2: Bases Bíblicas da Espiritualidade no Antigo Testamento	
	Aula 3: Bases Bíblicas da Espiritualidade no Novo Testamento	
	Aula 4: Panorama Histórico da Espiritualidade Cristã	
<b>3.</b>	<b>UNIDADE III - Vida Cristã</b>	
	Aula 1: Vida e Fé Cristã	
	Aula 2: Teologia e Vida	
	Aula 3: A Virtude e o cristão virtuoso	
	Aula 4: Vida Cristã e a Questão da Ética	
<b>4.</b>	<b>UNIDADE IV – A Prática da Vida Cristã</b>	
	Aula 1: A Oração e Leitura da Bíblia na Vida Cristã	
	Aula 2: O Serviço e o Sofrimento	
	Aula 3: A Vida Cristã e o Discipulado	
	Aula 4: Vida Cristã e a Questão Ética	
	<b>CONCLUSÃO</b>	
	<b>ESTUDOS COMPLEMENTARES</b>	
	<b>BANCO DE QUESTÕES</b>	

## **UNIDADE I – A Espiritualidade Cristã**

### **Plano de estudo:**

**AULA 1 – Compreendendo a Espiritualidade**

**AULA 2 – A Religiosidade Brasileira e a Espiritualidade**

**AULA 3 – Espiritualidade Cristã na Pós-modernidade**

**Aula 4 – Espiritualidade e Pneumatologia**

### **Objetivos de aprendizagem:**

AULA 1 – Discorrer sobre significados e vocabulários relacionados à espiritualidade

AULA 2 - Apontar relação entre espiritualidade e religiosidade brasileira.

AULA 3 – Identificar aspectos específicos da espiritualidade na contemporaneidade.

AULA 4 - Discorrer sobre a relação entre espiritualidade e teologia do Espírito Santo a partir da América Latina.



*Figura 1 Cruz – Fonte: Pixabay*

## 1. Compreendendo Espiritualidade

Ainda é mínimo o interesse na formação espiritual que as igrejas evangélicas brasileiras têm dispensado às vastas multidões que delas se aproximam diariamente. Este assunto está ausente na pauta de congressos, conferências, mídia e eventos relacionados às tarefas da Comunidade cristã. Normalmente, a formação espiritual é confundida com discipulado e este com a formação do caráter. Estes assuntos estão interligados, mas não podem ser misturados entre si ou reduzidos a um ou outro, menos ainda, deve-se confundi-los com a formação espiritual.

Por formação espiritual entendemos uma vivência determinada pelos valores do Reino de Deus. Formar alguém conforme esses valores envolve uma vivência que procura integrar, e não separar, os diversos momentos da vida. É a vida em amor para com Deus e, solidariamente, para com as outras pessoas. Estas, tanto pode ser o vizinho como o ser humano mais distante. São, na realidade, as diversas formas e expressões de “próximo” em nossas vidas.

A construção de tal proposta tem, como ponto de partida, a vida conforme experimentada por Jesus. Ela é narrada nos Evangelhos. Porém, existe outro texto no Novo Testamento, a carta aos Hebreus, que consegue captar a vida de Jesus exatamente como entregue solidariamente às outras pessoas, pois a interpreta ao estilo de vida dos sacerdotes do Antigo Testamento. Seu conteúdo a torna bastante útil ao ensino que desejamos apresentar.

Muitos estudiosos têm-se debruçado sobre a carta aos Hebreus visando extrair-lhe os preciosos ensinamentos. Para diversos deles, a forma como Hebreus aborda a pessoa de Cristo se baseia em um relacionamento estabelecido entre Ele e os que nele confiam. Esta confiança é possível pela compreensão de que Cristo é o nosso sumo sacerdote e nosso intercessor à direita do Pai, nos céus. Esta compreensão pode ser transferida ao convívio da Igreja com a sociedade humana. Esta pode confiar na Igreja, uma vez que ela intercede a seu favor perante o sumo sacerdote Cristo Jesus. Portanto, o Cristo sacerdote transmite seu ministério à Igreja sacerdote.

Assim, podemos dizer que a formação espiritual de uma comunidade cristã consiste em um modo de viver a vida de maneira sacerdotal. Esta tem a ver com o estilo de vida que adota inclusive entre os que ainda não são cristãos. Entre eles, tal comunidade se reconhece um sacerdote cuja eficácia da sua presença depende, em grande medida, dos relacionamentos adotados para com aqueles.

A Igreja possui um fundamento relacional seguro com Jesus Cristo, o sumo sacerdote. Ele foi construído sobre a solidariedade de Jesus para com ela. Esta é a base sob a qual se apresenta e se insere na sociedade humana não cristã que a cerca. Pela natureza sacerdotal deste fundamento, seu estilo de vida torna-se distintamente solidário. Suas características próprias são fornecidas pela carta aos Hebreus. Doravante, a Carta aos Hebreus, torna-se, para nós, um manual de formação espiritual para comunidades cristãs. Sobretudo para aquelas interessadas em um estilo de vida cuja prática histórica seja tremendamente relevante para a sociedade humana à qual sonha ministrar.

### **1.1 O Problema da Definição**

Explicar o que é espiritualidade não é uma tarefa muito fácil em um contexto como o nosso, América Latina, com forte tendência para a religiosidade. Isso geralmente faz com que se compreenda espiritualidade em relação à intensidade da vida religiosa, ou seja, a espiritualidade está na mesma medida da religiosidade. Não somente criamos níveis de espiritualidade, como os associamos ao tempo dedicado à Igreja local, horas gastas em oração diária, e, no meio pentecostal, a quantos dons espirituais o cristão possui. Não que tais situações não estejam relacionadas à vida espiritual, mas não podemos reduzir a espiritualidade a elas.

Se a religiosidade faz parte do nosso contexto sócio-cultural, e, se pretendemos fazer uma teologia contextualizada, precisamos tratar desse assunto, inclusive da sua relação com nossa espiritualidade.

Contextualizar a espiritualidade é necessário porque ela é uma experiência humana em relação ao divino, e nós humanos sempre estamos localizados em algum tempo e lugar, temos data e endereço. Em tempos não muito distantes do nosso predominava o entendimento de que espiritualidade era o mesmo que santidade, no

sentido de isolamento da sociedade, como se ao nos convertermos deixássemos de fazer parte do mundo. Nas últimas décadas temos superado essa compreensão equivocada de vida espiritual, e estamos aprendendo a viver nossa fé no mundo, com todas os desafios e dificuldades que isso impõe.

Nos países mais pobres ou em desenvolvimento como o Brasil o quadro religioso é bastante complexo e bastante relacionado aos problemas sócio-culturais. Nessas regiões, culturalmente, não se vive a religião como algo à parte, mas no conjunto da vida. Religião não como simples conceito, mas como modo de viver. Basta-nos lembrar do que sabemos dos povos africanos, indiano e latino-americano. No Brasil, por exemplo, predomina o cristianismo, mas existem as religiões chamadas afro-brasileiras, as indígenas, o espiritismo e fortes representações de outras grandes religiões, como: islamismo, judaísmo e movimentos hinduístas. Além disso, muitos seguem o cristianismo como religião oficial, mas adotam práticas e frequentam cultos de outras religiões, o que é chamado de sincretismo. O artesanato que encontramos em várias partes do país é em sua maioria de inspiração religiosa, seja ele produzido em madeira, pedra sabão, cerâmica, etc.

Se espiritualidade tem a ver com a vida espiritual, certamente esse quadro que descrevemos a afeta. Queremos dizer que ela não acontece no vácuo, por mais que a relacionemos ao transcendente e a uma ordem metafísica. Ela tem a ver com as situações concretas da vida no mundo. Ainda que a modernidade iluminista tenha relegado a religião à esfera dos valores e da ética e entregue às ciências a orientação da vida concreta, na prática do dia a dia o fator religioso ainda é significativamente condicionador de nossas relações com as questões sociais, econômicas e culturais, ao menos na parte mais pobre do mundo. Nossa teologia da espiritualidade deve corresponder a essas situações e aos problemas que comprometem a vida. Devemos fazê-lo a partir de dentro dessa realidade, pois fazemos parte dela de acordo com John Mbiti, teólogo, filósofo e poeta africano, queniano:

A religião permeia todas as partes da vida, de maneira tão completa que não é fácil, talvez nem possível isolá-la. Um estudo desses sistemas religiosos é portanto... um estudo do povo em si, com toda a sua complexidade da vida tradicional e moderna<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> MBITI, John S. Christianity and traditional religions in Africa. London, S.P.C.K, 1970, p. 1.

Precisamos ver o contexto da espiritualidade de modo abrangente, integral ou seja: histórico-religioso, socioeconômico, cultural, ecológico, etc, lembrando que assim é o ser humano e a vida que ele constrói no mundo.

Para entendermos a espiritualidade cristã nesta perspectiva não podemos nos limitar às pesquisas bibliográficas, mas devemos ouvir o que as pessoas vivenciam sobre ela nas situações mais diversas. Também temos que ficar atentos ao que acontece na Igreja, lugar que entendemos ser propício para a espiritualidade. Obviamente não devemos deixar de considerar nossa própria vivência pessoal como fonte para uma teologia da espiritualidade.

Ainda pretendendo ampliar nosso foco para compreendermos melhor a vida espiritual, há alguns conceitos religiosos relacionados a ela que precisam ser mais bem esclarecidos. Alguns termos normalmente são utilizados como sinônimos de espiritualidade, no entanto, eles possuem sentido próprio e se referem a alguns aspectos ou momentos da nossa espiritualidade, mas não são ela propriamente dita:

#### **a) Religiosidade –**

Refere-se tanto à afeição pela religião não institucionalizada, como ao seguimento criterioso de uma determinada crença, obediência às suas regras, cumprimento dos seus ritos, dedicação a um sistema religioso pelo sistema em si. A religiosidade normalmente está situada no âmbito da cultura e das manifestações populares. Também prescinde de um entendimento teórico e se localiza mais no campo da prática e da vivência.

#### **b) Fé –**

Distinta da religiosidade é a fé, que tem a ver com o envolvimento com Deus a partir de uma resposta pessoal a ele. Possível mediante a conversão, ou seja, a decisão pelo seguimento como fruto de um ato de liberdade. Demanda a crença nesse Deus para um envolvimento de vida com ele.



A fé não é um estado humano e nem mesmo uma qualidade conforme explicada por Karl Barth, isso ele chama de “religiosidade”. Fé é história que se constrói com Deus através da sua Palavra “uma história nova a cada dia”. Também não é o misterioso que vai além do racional e do inteligível:

...uma pessoa, chegada ao limite daquilo que julga ser conhecimento humano comprovado, resolve dar espaço a uma situação, a uma opinião, estabelecer um postulado, um cálculo de probabilidades, para então identificar o objeto da teologia com aquilo que supôs, postulou e considerou verossímil, e, neste sentido, o assumir<sup>2</sup>.

Ele ainda acrescenta: “Claro que tal caminho poderá ser trilhado, mas ninguém deve pensar que isto seria a fé na qual poderá tornar-se e ser teólogo”. Para Barth a fé é condição inegociável para a Teologia, afinal, conforme ele, ela é objeto da Teologia. A fé é o **evento** da admiração, do abalo e do comprometimento com a palavra de Deus. Ela está relacionada ao *credere in* (crer em), “a saber, em Deus mesmo, no Deus do evangelho, que é Pai, Filho e Espírito Santo”.

...a palavra de Deus, provida do poder vivo do Espírito que lhe é próprio e, assim, provida da soberania que só ela possui, liberta uma pessoa dentre muitas – de modo que ela se torna liberta e pode existir constantemente para isto – para aceitar esta mesma palavra....

Este crer precisa ser compreendido, requer entendimento, mas também é evento dinamicamente histórico, pois orienta nossa vida a cada dia, nos surpreende e nos transforma.

### c) **Misticismo –**

Os termos místico, mística e misticismo aparecem com freqüência na história da Igreja e como sinônimo de espiritualidade. Misticismo tem a ver, todavia, com a experiência espiritual e não com o seu pensamento e reflexão necessariamente. Trata-se da vivência interna da relação com o divino, na esfera do sentimento e da personalidade.

---

2. BARTH, Karl. Introdução à Teologia. São Leopoldo: Sinodal. 1996. p. 64

## 1.2 O que é Espiritualidade

Podemos explicar a espiritualidade em geral como algo que, embora não material, está relacionada à vida concreta. É possível também compreendê-la no âmbito da religião de acordo com Alister McGrath: "... à busca por uma vida religiosa autêntica e satisfatória, envolvendo a união de ideias específicas de determinada religião com toda a experiência de vida baseada em e dentro do âmbito dessa religião<sup>3</sup>.

A Espiritualidade Cristã, por outro lado, como o próprio nome identifica, é específica da fé cristã. Neste caso, o seguimento religioso, a experiência mística e a devoção são orientadas pela fé na revelação de Deus em Jesus Cristo. McGrath a define como: "... à busca por uma existência cristã autêntica e satisfatória, envolvendo a união das ideias fundamentais do cristianismo com toda a experiência de vida baseada em e dentro do âmbito da fé cristã"<sup>4</sup>.

De acordo com ele a palavra espiritualidade procede do termo hebraico *ruach*, que pode ser traduzido por "espírito", inclusive no sentido de "vento", "alento". Refere-se ao ânimo de vida, tanto que a gera como que a sustenta. Também tem a ver como cada cristão responde à sua fé nas diversas representações cristãs que existem o que, de acordo com ele, permite-nos falar de "espiritualidades cristãs"<sup>5</sup>.

Como é um assunto sobre o qual há muitas opiniões, geralmente relacionadas às diversas experiências religiosas, precisamos ter noção de certos requisitos e, por outro lado, limites em seu entendimento:

### a) Requisitos:

**1) É algo próprio do humano** – é uma prática que requer entendimento, decisão, portanto, racionalidade, mas também sentimento, comportamento, vivência, o que é caracteristicamente humano.

---

3. MC GRATH, Alister. *Uma Introdução à Espiritualidade Cristã*. São Paulo: Vida, 2008. P. 20.

4. Ibidem, P. 20.

5. MC GRATH, *Uma Introdução à Espiritualidade Cristã*, p. 37.

**2) É abrangente** – qualquer descrição de espiritualidade que pretender circunscrevê-la a um de seus aspectos ou a um dos aspectos da realidade humana falhará em seu entendimento. Ela abrange tudo o que está relacionado à vida no mundo e fora dele.

**3) É diversa** – por ser um elemento da vida religiosa ela se apresenta de múltiplas formas e manifestações.

#### **b) Equívocos:**

**1) É algo que se opõe ao material** – historicamente no cristianismo, principalmente desde o séc. II com a influência do neoplatonismo sobre o pensamento da fé, tem sido entendida em contraposição ao corpóreo ou material, ou seja, vida espiritual seria o oposto da vida material.

**3. Refere-se exclusivamente à vida religiosa** – como que sinónima de religiosidade, referindo-se ao mero seguimento das crenças e prática dos ritos.

**4) Na religião refere-se à relação com a transcendência** – como algo que se opõe ao material é intensificada na medida da superação da materialidade e contato com o divino.

**5) Níveis de espiritualidade** – que há níveis de espiritualidade e que estes elevam as pessoas à categorias de mais ou menos iluminados ou as tornam, em certa medida, divinas.

Na atualidade não cabe mais explicar espiritualidade como o oposto do que é material e concreto, ou como referindo-se exclusivamente ao evento religioso em si. Vivemos em um tempo que busca superar os vícios criados pela modernidade, como o dualismo entre fé e razão, religião e ciência, espiritual e material. A cultura contemporânea esforça-se pela integração dos vários aspectos que fazem parte da vida em geral no mundo. Espiritualidade tem a ver com isso, não se trata de um apêndice ou simplesmente um valor a ser agregado ou não, mas como algo intrínseca à vida.

#### **Conclusão**

A espiritualidade cristã possui como base a fé. É por ela que acolhemos a palavra de Deus e o anúncio de Jesus Cristo que ela nos faz, não necessariamente como se fosse um discurso não racional que necessita ser simplesmente acreditado e não compreendido. Mas, devido ao caráter transformador desse conhecimento, que não é meramente cognitivo, mas que provoca a vida. A religiosidade faz parte da espiritualidade, tal como a experiência mística e a devoção a auxiliam, mas não são sua fonte ou modo principal. A fonte de nossa espiritualidade é Jesus Cristo, que conhecemos prioritariamente pela palavra de Deus. A vida não é a razão da nossa espiritualidade, mas seu contexto. A espiritualidade cristã, conforme o próprio nome diz, é cristológica e cristocêntrica.

O seguimento de Jesus Cristo gerador da espiritualidade cristã não se dá, no entanto, como a um líder religioso de grande inspiração. Conhecemos Jesus pela obra de salvação que ele realizou. Nesse sentido, nossa espiritualidade é fruto do evento do encontro com Cristo e a salvação por ele providenciada, conforme ensinou o apóstolo Paulo aos cristãos na cidade de Corinto: “Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado” (I Cor. 2.2).

É em função disso que o estudo da espiritualidade cristã requer compreender seus fundamentos bíblicos e vivência histórica da Igreja. Também não podemos prescindir da análise do contexto onde essa espiritualidade acontece, pois tanto ele a condiciona como é condicionado por ela.

## Aula 2 - A Religiosidade Brasileira e a Espiritualidade



A cultura religiosa do povo brasileiro traz consigo a presença de valores cristãos não necessariamente apoiados em alguma doutrina ou instituição religiosa oficial, mas que fornecem identidade, um rosto brasileiro ao cristianismo aqui praticado. Esses valores cristãos não podem ser compreendidos isoladamente, mas como parte e originários em uma cultura religiosa cristã.

### 2.1 A religiosidade do povo brasileiro

Um povo tem como um de seus elementos fundamentais, senão o mais fundamental, a religiosidade. Por religiosidade se entende o interesse e a participação de determinado povo nas atividades religiosas que sua cultura propicia. Nem sempre essa participação requer o compromisso da pessoa, apenas que ela cumpra as diversas etapas da prática e do ritual religioso previsto pela cultura. O fato de uma pessoa ser mais ou menos religiosa depende, portanto, do grau de envolvimento e da frequência de participação nestas atividades culturais.

A religiosidade de um povo não se expressa apenas por meio de crenças e ideias, pois ela é também o exercício de práticas e rituais providos pela cultura. Por outro lado, crenças e ideias, práticas e rituais, são alimentados por valores religiosos,

que, compartilhados pelos usuários de determinada cultura, apóiam e orientam sua religiosidade.

Esse entendimento é fundamental quando se trata de compreender a religiosidade do povo brasileiro. Nela, por força da assimilação cultural do cristianismo, existem dois valores cristãos básicos:

1. O valor da providência, isto é, o mundo e a vida são dirigidos por Deus.
2. O valor da fé, isto é, o mundo e os fatos da vida podem ser alterados pela fé em Deus, o milagre, considerado uma resposta direta e imediata de Deus a qualquer necessidade básica da existência.

Esses valores, por sua vez, se desdobram em outros valores, que são enumerados como segue:

- a) Busca do propósito da vida. Existe uma finalidade ou propósito para a vida, e este é entendido como um desígnio divino. Longe da negação ou da falta de sentido para a história, há uma direção, ainda que oculta às vezes, e que o brasileiro religioso tenta localizar nos acontecimentos.
- b) Busca de segurança e salvação. A percepção de que o mundo sem Deus é caótico e maligno faz com que o brasileiro religioso busque na fé em Deus o fortalecimento de uma sensação de segurança em meio ao caos desalentador. Isto significa, para ele, a salvação, um consolo inexplicável de que as coisas ainda podem ser consertadas e vir a dar certo.
- c) Sentido de pertencer a um povo cristão. Para o brasileiro religioso pertencer ao cristianismo é condição para afirmar as relações familiares, de vizinhança, de afetividade e, até, de nacionalidade.
- d) Fonte de virtudes humanas. A cultura religiosa cristã é fonte de virtudes e de caráter que constrói o imaginário virtuoso do brasileiro religioso. Os valores compartilhados desde a observação da vida que Jesus viveu, dos demais personagens bíblicos, e dos homens e mulheres santos da fé cristã estimulam o desejo da semelhança ou fornecem critérios de avaliação e juízo.
- e) Riqueza de participação nas práticas e rituais religiosos. A exuberância de criatividade em cada manifestação religiosa do povo brasileiro demonstra a enorme força que sua cultura religiosa imprime sobre sua imaginação. Por meio

desta, o brasileiro religioso se enfeita; se expressa; cantando, dançando, orando, gesticulando, ritualizando cada etapa da vida, redesenhando, a cada vez e de novo, a sua fé.

- f) Abertura ao sobrenatural. O brasileiro religioso vê a realidade como bi-dimensional, feita de mundo natural e mundo sobre-natural, coisas visíveis e in-visíveis, materiais e i-materiais, paralelas, porém integradas e entrelaçadas umas às outras.

## **2.2 Reflexão bíblica e teológica acerca da concepção religiosa cristã do povo brasileiro**

Condiz com o ensino bíblico da origem de tudo em Deus e que estabelece a relação divina com a sua criação.

Segundo a narrativa bíblica, Deus não somente criou o universo natural (Gênesis 1:1; Hebreus 1:2; 11:3), porém se manteve distinto de sua criação existindo ao lado dela (Salmo 90:2; Atos 17:24-28). A partir do existir de Deus numa realidade que não a natural, visível e material, surge uma outra realidade que passa a existir ao lado e entrelaçada a esta, sobre-natural, in-visível e i-material.

Desde esse ponto de vista, Deus é nomeado como:

O Santo (Isaías 6:1-7). Deus está separado e ultrapassa o mundo da natureza e dos homens em seu caráter e perfeição.

O Todo-Poderoso (Gênesis 17:1). Agindo desde fora de sua criação, Deus tem a capacidade de dominar a natureza e os homens, subjugá-los e levar adiante os seus propósitos.

O Invisível e o Imaterial (1 Timóteo 1:17) Não há forma natural ou humana que possa apreender a Deus e ele é totalmente independente, em existir e agir, de qualquer limite natural ou humano a um grau que jamais será imaginado.

Assim separado da ordem natural, visível e material da realidade, Todo-Poderoso para dominá-la, inacessível a qualquer forma ou expressão natural e completamente livre de suas leis e limites, Deus aparece como a Outra Face da realidade que os seres humanos nascem, vivem e experimentam igualmente. Esta se

constitui em toda uma ordem de existência explicada como sobrenatural, invisível e imaterial.

Desde essa outra realidade, Deus age nos eventos do mundo natural e humano por seus agentes, seres igualmente celestiais. Mas, freqüentemente, ele mesmo se apresenta intervindo em situações críticas em favor de algumas pessoas (Gênesis 12:1,4) ou do seu povo (2 Reis 19:6,7); falando aos homens por profeta, visão, sonho, ou boca a boca (Números 12:6-8); deixando-se ver em aparições (Êxodo 3:2-6); manipulando fenômenos da natureza (1 Reis 18:36-39).

As ações de Deus no passado continuam acontecendo no tempo de Jesus Cristo e da Igreja, como: visitas de anjos (Lucas 1:26; Atos 10:3); sonhos (Mateus 1:20); visões (Atos 10:10); profecias (Atos 21:19,11), e, sobretudo, na afirmação de que em Jesus Cristo, o Filho de Deus manifestou ao mundo o resplendor da glória de Deus (Hebreus 1:3).

Desse modo, o ser humano existe em uma realidade na qual estão entrelaçados o natural e o sobrenatural, o visível e o invisível, o material e o imaterial, e a personalidade religiosa do povo brasileiro é capaz de se tornar sensível e receptiva a ambas, conscientemente ou não.

### **2.3 A espiritualidade e a cultura religiosa do povo brasileiro**

A possibilidade da relação entre espiritualidade e cultura religiosa do povo brasileiro requer algumas observações preliminares.

Primeiro, as práticas e rituais religiosos atrelados a esta cultura religiosa nem sempre se apóiam no cristianismo oficial, não parecem recomendáveis por este, mas é inegável o espírito cristão que as orienta.

Segundo, conforme esta cultura religiosa, todos os acontecimentos da vida são encarados religiosamente sob a esfera do cristianismo. As necessidades básicas para viver são por ela respondidas. Existe uma visão da existência onde a causa e a resposta de todas as questões da vida estão ligadas a Deus.

Terceiro, o brasileiro religioso é muito mais sensível à solidariedade e integração coletiva promovida pelo cristianismo. As práticas e rituais religiosos são coletivos, tendo seu clímax nas festas religiosas. Nelas, conhece-se a vida dos outros



e as necessidades são expostas sem nenhuma vergonha de apresentá-las. Os resultados e as graças alcançadas são testemunhados publicamente e celebra-se o favor adquirido conjuntamente.

Após estas três observações, pode-se expor que evangelização melhor satisfaz as observações feitas acima. Esta é feita desde a cultura religiosa cristã do povo brasileiro e compreende as seguintes questões:

Primeiro, é necessário reconhecer a existência real de dois mundos, natural e sobrenatural, experimentados ao mesmo. No processo formal da espiritualidade, fala-se deles como se estivessem separados em duas realidades distintas. Isto gera posições ambíguas, tais como: aceita-se o natural e rejeita-se o sobrenatural; aceita-se o natural e racionaliza-se o sobrenatural; confunde-se o natural e o sobrenatural; rejeita-se o natural e mistifica-se o sobrenatural. O adequado é assimilar o natural e o sobrenatural igualmente através da abertura da capacidade do brasileiro religioso de percebê-las juntas.

Segundo, não se deve menosprezar as práticas e rituais ligados à cultura religiosa do povo brasileiro. Ao contrário, deve-se levá-las a sério seja qual for o revestimento que utilizem.

Terceiro, deve-se enfatizar o Espírito Santo, sua pessoa e atividade como interlocutor privilegiado nesta cultura religiosa do povo brasileiro. É necessário falar sobre ele, ensinar como age e orientar quanto à dependência dele e acerca da sua presença na ordem natural, incluída a vida humana.

Quarto, é preciso lidar com o sobrenatural. Não como uma simples questão de aceitá-lo ou administrá-lo. Os agentes sobrenaturais estão por toda parte.

Por último e por fim deve-se considerar a necessidade da vivência da espiritualidade adequada a essa cultura religiosa do povo brasileiro, na medida em que os evangélicos desejem se integrar à cultura do povo brasileiro, a qual possui as seguintes características:

Cultura simbólica e oral, dramática e pictorial. Desenhos, flores, quadros, imagens, figuras, dramas devem ter um papel importante nas estratégias de evangelização. O elemento escrito deve ser reduzido ao mínimo. A pregação deve ser espontânea e dinâmica com maior ênfase no testemunho e na narrativa que na

explicação e doutrina.

Caráter comunitário, coletivo e associacional dos relacionamentos. Não se deve isolar o evangelizado do restante da família ou da comunidade, antes, deve-se incentivá-lo a prosseguir sua vida comum com a qual estava acostumado. O grupo não deve ser removido para uma igreja fora do local onde a comunidade mora. Deve-se começar uma igreja no próprio lugar e manter um forte vínculo com ele.

Os problemas da vida como ponto de partida da evangelização. A evangelização deve trabalhar desde as necessidades físicas e materiais do evangelizado, demonstrando que o evangelho beneficiará realmente a pessoa e que ela melhorará de vida ao aceitá-lo, o que é inteiramente verdadeiro.

O caráter festivo, comemorativo e dramático do culto. Cultos com muita música e ritmos populares, testemunhos, orações e manifestações do Espírito Santo, uso de apresentação de crianças, apelos, imposição de mãos, batismo e Ceia do Senhor, dentre outros motivos para celebrações.

A devoção como o ponto forte para efetivar e manter os resultados da evangelização. Oração em suas diversas maneiras, jejuns, vigílias, períodos de devoção, práticas de devoção, são uma constante na vida dos evangelizados. Quando o brasileiro religioso é evangelizado pelo cristianismo, por vezes é forçado a abandonar sua devoção afro-indígena e nada lhes é oferecido no lugar, deixando um grande vazio emocional.

As classes sociais mais simples e populares como espaço privilegiado da vivência da espiritualidade em relação com a cultura religiosa do povo brasileiro. Da perspectiva das classes média e alta da sociedade brasileira, que é a mentalidade que prevalece na maior parte do Catolicismo oficial, e nas igrejas protestantes históricas e pentecostais clássicas, o pensamento é que a espiritualidade é muito mais confessional, portanto, racional, litúrgica e cognitiva. O processo pelo qual ela se torna possível no povo brasileiro é a educação metódica e transposição cultural.

## **Conclusão**

As origens da cultura religiosa do povo brasileiro remontam à colonização e consolidação das múltiplas experiências religiosas de colonizadores portugueses,

indígenas da terra e escravos africanos. Bem mais tarde, chegou o Protestantismo, com uma experiência religiosa estranha àquelas já existentes, o que dificultou sua penetração. Coube ao Pentecostalismo a profunda inculturação que ocorre bem recentemente.

Não se pode falar de uma espiritualidade do povo brasileiro sem diálogo e inserção nesta cultura religiosa, cujo resultado será uma igreja evangélica popular. Esta espiritualidade é legítima, pois o Evangelho e o Espírito Santo que o comunica a nós é para todos, portanto, não deve ser seletivo. Ainda, pode funcionar como o início de um movimento de inserção social e cultural das classes mais simples em um projeto brasileiro de nação.

Para que tal aconteça, são necessárias algumas mudanças na forma tradicional como os evangélicos veem a espiritualidade, a igreja e a teologia. A primeira mudança é de natureza histórica. Esta diz respeito à aceitação dos valores cristãos já presentes na formação desta cultura religiosa que seriam apenas reorientadas em uma teologia brasileira da espiritualidade.

Uma segunda mudança é de natureza cultural. Esta diz respeito às muitas formas de expressar a cultura religiosa como resultado desta formação histórica. Por serem esses traços culturais por demais materiais, simbólicos e afetivos, a nova compreensão de espiritualidade deve saber distinguir e aceita-los sem criar grandes empecilhos à sua permanência como espiritualidade cristã.

Uma terceira postura é de natureza social. Esta diz respeito aos participantes desta cultura religiosa cristã, entre os quais ela se faz mais presente, quase intuitivamente. As pessoas mais simples conservam mais facilmente a experiência religiosa tradicional e são refratárias a uma forma de espiritualidade que se torna cada vez mais burguesa em busca das classes superiores da sociedade.

Uma quarta mudança é de natureza teológica. Esta diz respeito ao tipo de teologia que libertará a compreensão de espiritualidade para assumir as três mudanças anteriores. Como discurso humano, a teologia tende a se amoldar histórica, cultural e socialmente. Crítica de seu próprio discurso, a teologia pode ser voz desta cultura religiosa do povo brasileiro na medida em que se aproxima de sua categoria fundamental de comunicação: a narração. Conhecer Deus como experiência humana imediata do povo brasileiro, aproximando essa experiência humana daquela narrada

na Bíblia, seria a grande possibilidade de uma teologia evangélica popular, contextualmente brasileira.

### Aula 3 - Espiritualidade cristã na *pós(anti)modernidade*<sup>6</sup>



Figura 2 - Cibernética - FONTE: Pixabay

Gostaria de começar fugindo das definições tão costumeiras que se tornaram rótulos da *pósmodernidade*, ela mesma sendo um desses rótulos. Evitar definir é reconhecer que há algo nas palavras que não se consegue explicar, não pela falta de conteúdo, porém por excesso. Nesse caso, a frase acima vale tanto para a *pósmodernidade* quanto para as palavras mesmas. É por questão de comodidade, pois ser a palavra mais usada que a utilizaremos. A necessidade é de simplificação, pois os significados das coisas estão muito confusos atualmente.

#### **Espiritualidade Pós-moderna**

---

<sup>6</sup> O tema *pós(anti)modernidade* faz sentido, pois se trata de uma reação à modernidade denominada, às vezes, por alguns dos seus aspectos, de *pós*. Preferiremos, aqui, tratar da *pós* enquanto *antimodernidade*. Naturalmente, não se trata de ser *contra* no sentido obscurantista, mais adequado sob o termo *prémoderno*. Daí, talvez, se justifique o *pósmoderno*. Este capítulo foi extraído com permissão do autor e da editora, do livro: SANCHES, Sidney M. *Experiência de Deus Hoje*. Campinas: Saber Criativo, 2018.

Segundo nosso título, a espiritualidade cristã está localizada dentro da pósmodernidade, uma vez que *na* é a somatória da preposição em mais o artigo definido a = na. Ocorre que em refere a um lugar enquanto que a define esse lugar. Lugar é solo, chão, que nutre, alimenta, dá e mantém a vida. A pósmodernidade é o lugar onde ou desde o qual se pode achar espiritualidade cristã. Há espiritualidade cristã se existe pósmodernidade cristã, isto é, uma identidade, uma fé, uma vivência que se nutre da pósmodernidade.

Porém, não se pode falar de uma espiritualidade cristã na pósmodernidade. Afinal, ela se descreve como multifacetada, descentralizada, superfragmentada, hiperindividualizada. Ela é lugar que reúne lugares; não é uma, porém muitas. Cristã é um desses lugares, como também: islâmica, budista, espírita(?!), Nova Era, secular, e assim por diante, são lugares que se apresentam como de espiritualidade.

Nem cristã favorece um único lugar, repetindo-se a experiência microcosmicamente. A identidade cristã é tão multifacetada, descentralizada, superfragmentada, hiperindividualizada quanto o é a pósmodernidade. Ela se associa a microlugares, tais como: Protestantismo(s), Pentecostalismo(s), Neopentecostalismo(s), Catolicismo(s), e microtemas: missão integral, libertação, feminismo, minorias, jejum e oração, batismo com o Espírito Santo, santificação, guerra espiritual, cura interior, discipulado, cultura, e muitos outros. Ainda que alguém queira dizer que a espiritualidade é uma – cristã, contudo ela é apenas vivenciada nesses e outros diversos lugares. Isto é, só a conhecemos desse modo.

Sendo um lugar, ele deve ser encontrável, mapeável, senão não é um lugar. Onde encontrar a pósmodernidade? Na Internet, na TV, nos clips da MTV, no cinema, nas ideias, na cidade, no ar... Talvez seja isso, aquele tipo de substância que respiramos e da qual não nos preocupamos em reconhecer, pois estamos imersos nela. Às vezes, sentimos sua necessidade quando ela nos falta.

Interessante quanto ao ar é que dele não se pode fazer reservas, nem do passado nem para o futuro. Ele nos impõe a ordem do presente, onde, quanto ao passado, sabe-se que respirou algo, mas, quanto ao futuro, o máximo que se pode fazer é continuar respirando, sofregamente.<sup>7</sup> Isto é pósmodernidade: uma sensação

---

<sup>7</sup> GUMBRECHT Hans Ulrich. "Sem Saída". *Caderno Mais*. Folha de São Paulo, p. 10, 25/09/05.

do espírito humano, confusa quanto ao passado porque carregada de um presente intenso e urgente, sem horizonte porque a arquitetura urbana lho vedou, sem futuro porque ele já chegou, sem escatologia porque a apocalíptica dita a ordem do dia: “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, pois virão dias...” – (Ecles. 12.1).

É como se os dias já tivessem chegado, e o sentimento é de juízo e cansaço. As promessas da modernidade falharam, o Sol fez e concluiu seu percurso, e, sem percebê-lo, o tempo passou para todos nós, deixando-nos um enorme gosto amargo de fim de campeonato, com as emoções em frangalhos, a mente sobrecarregada, e imposta a necessidade orgânica de prosseguir vivendo, afinal, que prazer tem o homem debaixo do Sol?... – (Ecles. 1.3).

Sem futuro, a antiga noção judeu-cristã de sacrifício perdeu o sentido.<sup>8</sup> Condicionado pela ideia de que há um futuro que o justifica, ele é oferecido como prêmio pela renúncia a algo, aqui e agora, em troca de outra coisa mais à frente, no futuro. Sofrimento, pena, castigo, culpa e o livramento dessas coisas mais além nada significam mais. Por consequência, expiação, perdão, alívio enquanto um futuro a realizar-se não motiva ao sacrifício agora, seja em favor do um, seja em favor de todos.

Com um presente inesgotável à frente, resta vivê-lo a qualquer preço, quanto mais caro, melhor a vida, sendo esse o sacrifício que se conhece. Dedicar-se a vida à devastação, verdadeira rapina de coisas, denominada consumo, às quais dedicamos a maior parte do nosso trabalho, convenientemente chamado, hoje, de *luta*. Quando não se pode pagar à vista por ele, faz-se dívidas, acumulando-se a culpa, e recebendo castigo não depois, mas agora mesmo, por meio dos mecanismos de crédito e financiamento, resultando em condenação e exclusão: “Vocês cobiçam coisas, e não as têm; vocês vivem a lutar e a fazer guerras!” – (Tiago 4.2).

Seja a busca pelos melhores bens e serviços, seja a exclusão dessa possibilidade, faz pender o espírito humano sobre o *Nada* e o *Vazio*, entre o medo de ter e perder, e o medo de perder e não mais ter. Semelhante ao antigo temor de ficar fora do céu, indo para o inferno.

---

<sup>8</sup> LÖWY Michael. “O Capitalismo como Religião”. *Idem*, p. 6, 18/09/05.



Ocupar ou tolerar esse vazio é a tarefa ora proposta no surpreendente retorno à religião nas ciências humanas contemporâneas, o conjunto pomposamente chamado: Ciências da Religião. A esse respeito, chama a atenção, sobretudo, o retorno da filosofia contemporânea à religião<sup>9</sup>, descobrindo que r(R)eligião ou d(D)eus é o lugar onde chegou a secularização efetuada pela modernidade, em uma espécie de: d(D)eus morreu, vamos conversar sobre e(E)le<sup>10</sup>.

Duas propostas são bastante interessantes: a religião secular do pragmatismo samaritano<sup>11</sup> e a religião fraterna do bom senso<sup>12</sup>. Retiradas da leitura do Evangelho de Jesus, o Cristo, elas bem podem sugerir um caminho para a espiritualidade cristã a partir de duas categorias evangélicas: a compaixão e a recepção para com o próximo. Quanto à espiritualidade cristã, porém, cabe uma advertência. Seguir o caminho contemporâneo da discussão de d(D)eus passa, necessariamente, por Jesus, chamado o Cristo: “Quem me vê a mim, vê o Pai” - (Jo. 14.9).

Mesmo o caminho da presença onipresente do Espírito Santo, algo como uma era do espírito segundo Joachim de Fiore<sup>13</sup>, também passa, necessariamente por Jesus, chamado o Cristo: “O Espírito dará testemunho de mim” - (Jo. 15.26). Pelo caminho de Jesus, que o levou a ser chamado Cristo, três coisas se propõe que respondem ao apelo do espírito pósmoderno e afirmam a identidade cristã: seguimento – imitação – comunidade.

Seguimento: deve-se entender que Cristo também é uma identidade, aquela de Jesus. Jesus, o Cristo. Acontece assim: aquele que viveu, ao qual chamavam Jesus, pela história que viveu foi identificado o Cristo. Logo, a identidade não é o nome, mas a vida que se vive. Seguir a Jesus, o Cristo é repetir semelhante processo de identificação: “Não serás mais chamado Simão, mas Pedro, “Não serás mais chamado por seu nome, mas cristão”, “E em Antioquia, foram chamados cristãos pela primeira vez”.

---

<sup>9</sup> ROUANET Sérgio Paulo. “A volta de DEUS”. *Ibidem*, p. 9-11, 19/05/02.

<sup>10</sup> Os melhores exemplos: DERRIDA J., VATTIMO G. (Orgs.). *A Religião. O Seminário de Capri*. São Paulo, Estação Liberdade, 2000; VATTIMO G. *Depois da Cristandade*; DERRIDA J. *Acts of Religion*. London, Routledge, 2002.

<sup>11</sup> JR. Paulo Ghiraldelli. “Pragmatismo Samaritano”. *Ibidem*, p 7, 03/07/05.

<sup>12</sup> DENNET Daniel. “A religião do bom senso”. *Ibidem*, p. 7, 12/02/06.

<sup>13</sup> VATTIMO Gianni. *Depois da Cristandade*.



Imitação: esse processo dá-se pela imitação da ação de Jesus, que lhe forneceu a identidade de o Cristo. Imitar é reproduzir, copiar, duplicar, multiplicar uma prática. É manter uma atitude contínua definida pelo pra/gma: “E percorria Jesus os povoados e aldeias, expulsando os demônios e curando as doenças do povo” - (Luc. 13.22); “Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, e como ele andou por toda parte fazendo o bem e curando todos os oprimidos pelo Diabo” – (Atos 10.38); “Ensinai-os a fazer tudo o que vos tenho mandado” – (Mat. 28.20); “Vai tu, e faze o mesmo” – (Luc. 10.37).

Comunidade: se o espírito atual é de extremo individualismo, a identidade cristã é de total comum-ação, agir-comum, em-comum, com-o-comum: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estarei no meio deles” – (Mat. 18.20). O Nome *cristão* reúne e une a todos que permanecem comuns sob esse agir comum. O Nome *cristão* nada tem de excepcional a não ser por identificar aqueles que se amam fraternalmente, como irmãos. Desse modo, comunidade tem outro nome: fraternidade: “E sereis conhecidos de todos por isso: por vos amardes uns aos outros” – (Luc. 21.17).

Resumindo: uma identidade cristã é acrescida ao espírito humano da *antimodernidade* a partir da identidade de Jesus, o Cristo. Na narrativa de sua vida, reproduzem-se infinitamente as narrativas individuais contemporâneas, as quais, por isso mesmo, encontram-se agindo comumente, estão em comum.

## **Conclusão**

De fórmulas, à semelhança dos antigos conselhos, o mundo da tecnociência está cheio delas. De tantas que são já deveriam ter resolvido o problema da existência humana e, como dizem os *antimodernos*, nunca estivemos tão longe disso, por mais que os oráculos da modernidade prossigam em nos assegurar uma receita de felicidade. Não! O que foi escrito não se trata de uma fórmula, pois o que se requer delas é que dêem certo! Quando se trata de existir para a vida e para a morte, não existem fórmulas, mas caminhos possíveis e, sobre isso, “Disse Jesus: Eu sou o caminho! – (Jo. 14.6); Não morrerei, antes viverei, e contarei as obras do Senhor! – (Sal. 118.17).

## Aula 4 – Espiritualidade e Pneumatologia

Na TLA (Teologia latino-americana) dificilmente encontraremos uma pneumatologia pela pneumatologia, ou seja, com a intenção somente de compreender melhor o ser do Espírito Santo. Uma pneumatologia latino-americana parte da pergunta sobre a ação do Espírito no mundo e a relação desse mundo com Ele. É devido à isso que podemos inferir a teologia do Espírito Santo de Orlando Costas do texto escrito por ele intitulado “A Vida no Espírito”<sup>14</sup>. Da mesma forma, podemos afirmar que a teologia da espiritualidade cristã dele deriva-se da sua teologia do Espírito.

Costas contextualiza sua Teologia do Espírito no que em sua época chamavam de Mundo dos Dois Terços e, atualmente, chamamos de povos subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, ou seja: África, Ásia, América Latina e Caribe. Ele deixa claro isso ao dizer “Neste trabalho proponho-me a explorar o significado desta peregrinação para o povo de Deus no Mundo dos Dois terços” (p. 52). É a partir desse lugar mais sócio-econômico e cultural do que geográfico que ele escreve e para o qual deseja responder (*ou corresponder*).

Ele descreve como um lugar de vida cultural e religiosamente diversificado, em contrapartida, lugar de gente empobrecida, devido à isso, enfraquecida. No entanto, essa gente demonstra uma evidente dependência do Espírito Santo, como argumenta: “Em qualquer parte do mundo dos dois terços a que alguém possa ir, se encontrará com sinais do Espírito...” (p. 51). - Esses povos são naturalmente sensíveis ao Espírito Santo. Isso possibilita um crescimento rápido do movimento pentecostal e de renovação, ou movimentos carismáticos e místicos como é o caso da Ásia e Pacífico.

Essa parte do mundo não sofre do problema de falta de religião, pois é naturalmente religioso, portanto, afeito à espiritualidade e propício à evangelização. Costas então inicia sua reflexão sobre a teologia do Espírito Santo explicando que, como seres humanos, somos espíritos “encarnados” (com carne), ou seja, materializados no mundo. Quer dizer com isso que por sermos também seres espirituais, somos capazes de ir além da nossa materialidade e nos sintonizar (linkar mesmo) com o Espírito sustentador do universo. É devido à isso que não estamos

---

14 COSTAS, Orlando. A Vida no Espírito. In.: *Boletim Teológico*, Ano 3 (dezembro de 1989), nº 10. São Paulo: FTL – Brasil, p. 51-63.

limitados ao concreto e à materialidade, como quis convencer a modernidade. A realidade para nós é muito mais do que aquilo que simplesmente podemos tocar. Somos seres que transcendem. É também por isso que somos capazes de produzir arte e compreender o abstrato, bem como o mundo espiritual.

No entanto, como seguidores de Jesus Cristo, desejamos a partir do conhecimento de Deus, sermos orientados para uma vida no Espírito Santo e, com isso, participantes da sua obra no mundo.

Para isso nosso teólogo porto-riquenho trabalha dois aspectos:

- 1) A Fonte da Peregrinação – um esboço de uma Teologia do Espírito Santo a partir e para o contexto que ele focaliza: o Mundo dos Dois Terços.
- 2) As Dimensões da Peregrinação – um esboço de uma Teologia da Espiritualidade Cristã à luz da Teologia do Espírito Santo anterior, a partir e para o contexto que ele focaliza: o Mundo dos Dois Terços.

#### **4.1 O Espírito Santo: Fonte da Vida**

Para uma pneumatologia que parte da Ásia, África, América Latina, Caribe e até Oceania (como incluiu Costas), não se pode deixar de considerar a preocupação fundamental desses povos e lugares: a vida e sua preservação. Vida apresentada na forma de seres humanos, animais e plantas, bem como os ecossistemas que eles integram. E tudo que a eles estão relacionados, inclusive pra fins de preservação, como: culturas, organização social interação ecológica, etc.

Em função disso, o texto inicia a teologia do Espírito Santo apresentando-o como a Fonte da Vida, conforme ensina a própria Bíblia: ele é *Ruach*, aquele que gera a energia que mantém o mundo.

Conforme Costas, o Espírito Santo é muito mais que a presença da transcendência de Deus. Ele é o próprio Deus se fazendo presente em nosso mundo. Todavia, a presença e atuação dele no mundo é percebida de modo real.

Cada aspecto do desígnio de Deus – desde a criação do mundo até a consumação de todas as coisas – está associado com o Espírito. Isto implica que a identidade pessoal do Espírito se revela em eventos e fatos concretos<sup>15</sup>.

É Ele quem nos permite tomar conhecimento do outro e nos relacionarmos com ele, bem como com o próprio Deus em Jesus Cristo. Recuperando a tradição cristã

---

15 Ibidem, p. 53.

do ponto de vista que ele propôs, o Mundo dos Dois Terços, ele afirma que a terceira pessoa da Trindade é “o Deus mediano”, tanto em relação à Jesus Cristo como com a própria criação. Ele reforça:

“... pelo Espírito o gênero humano toma consciência da existência de 'outros' e recebe a capacidade para comunicar-se, ou formar uma comunidade, com eles. Este estar em relação com os outros é o que torna a vida humana espiritual” (p. 54)

Conforme Costas, quando reconhecemos que o outro é outro e não nós, nem mesmo uma extensão nossa, e aprendemos a nos relacionar com ele a partir desse “respeito”, o fazemos pelo Espírito, transcendemos. De fato, a vivência assim evitaria desentendimentos e até guerras, seria a Koinonia (comunhão) da oikoumene (terra habitada). Isso, de fato, somente poderia ser obra do Espírito.

#### **4.2 O Espírito Criador**

Novamente Costas recorre ao texto bíblico para tratar do Espírito como Criador, como de praxe na TLA a Palavra possui primazia. Referindo-se ao Gênesis ele argumenta que a força criativa da palavra de Deus na criação de todas as coisas, é o Espírito Santo. Ele é “a energia da palavra”. Mas, é na vida humana que essa energia se torna mais evidente, pois conforme Jó “O Espírito de Deus me fez; o sopro do Todo-poderoso **me dá** vida” (Jó 33.4).

Mas o Espírito não somente deu a vida, como dá a vida continuamente. Conforme o texto bíblico (Salmo 104) é ele quem renova a vida no mundo, não somente humana, mas de toda criação. Inferimos que toda ação humana contrária à vida, é também contrária à ação de Deus no mundo.

O texto encerra esse ponto afirmando que se o Espírito age no mundo criando e sustentando a vida em sua totalidade, a missão da Igreja não pode ser em outro lugar, a não ser em participação à obra do Espírito. Isso é espiritualidade.

## **UNIDADE II – Fundamentos da Espiritualidade**

### **Plano de estudo:**

**AULA 1 – Teologia e Espiritualidade**

**AULA 2 – Bases Bíblicas da Espiritualidade no Antigo Testamento**

**AULA 3 – Bases Bíblicas da Espiritualidade no Novo Testamento**

**Aula 4 – Panorama Histórico da Espiritualidade Cristã**

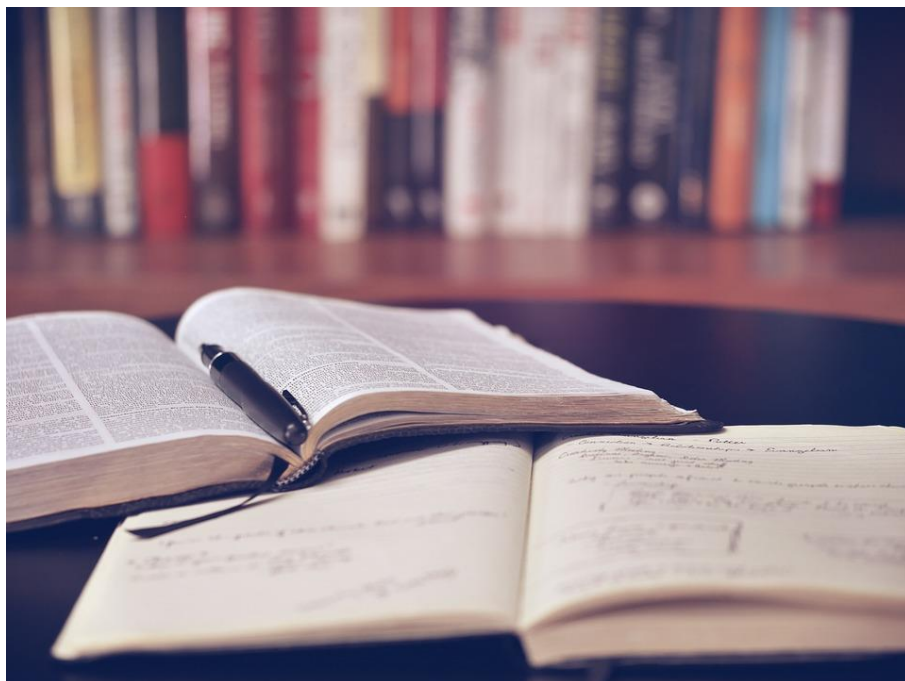
### **Objetivos de aprendizagem:**

AULA 1 – Relacionar teologia e espiritualidade

AULA 2 – Fundamentar a espiritualidade cristã na teologia do AT

AULA 3 – Fundamentar a espiritualidade cristã na teologia do NT

AULA 4 – Discorrer sobre o desenvolvimento histórico da espiritualidade cristã



*Figura 3 - Biblioteca - FONTE: Pixabay*

## Aula 1 -Teologia e a Espiritualidade Cristã

Para uma teologia contextualizada da espiritualidade cristã é necessário que o teólogo e a teóloga se predisponham a partir de uma atitude de comprometimento com a fé que pretendem analisar. Isto é imprescindível para que seu exercício não resulte em mero ensaio sobre o fenômeno religioso e suas manifestações. Uma ajuda nos é oferecida pelo teólogo escocês John Mackay, que adverte sobre a postura adequada para uma teologia que pretende ser feita no caminho.

### 1.1 Questão de Atitude

John Mackay atuou na América Latina por vários anos (até 1932) como missionário no Peru. Mackay nasceu na Escócia em 1889 em uma família presbiteriana. Foi na Escócia também que ele realizou seus primeiros estudos teológicos. Sua conversão deu-se sob a orientação da própria família, conforme ele mesmo relata: “Deus me achou e se fez real em minha vida. Aprendi que o Criador não é um ser distante (...), sim uma realidade atual aqui no caminho da vida<sup>16</sup>. Em 1932 mudou-se para os EUA para ser secretário da obra missionária na América Latina e África, tornando-se depois presidente do Seminário Teológico de Princeton por um longo período. A Teologia missionária de Mackay foi uma das inspiradoras da Teologia Latino-americana:

O teólogo Mackay teve a aparência de uma pessoa cortez e delicada, não possuía um espírito tradicional. Porém, tinha um espírito apaixonado para lutar contra todas as forças desumanizantes que degradam o ser humano. Mackay se baseou em uma teologia de compromisso social e de participação, e na capacidade de solidarizar-se com os que estavam sofrendo [...]<sup>17</sup>.

A preocupação e envolvimento social de Mackay vinham de inspiração teológica e não somente de influências ideológicas da época, embora demonstrasse possuir profundo conhecimento e bom diálogo com várias correntes filosóficas e

---

<sup>16</sup> MACKAY, John A. Prefacio a la Teología Criatiana. Buenos Aires: La Aurora, 1940, p. 20

<sup>17</sup> CANTERO. Luis Eduardo. El pensamiento teológico de John Mackay. Un aporte a la teología latinoamericana, en especial Colombia. In.: Teología y cultura, año 2, vol. 4 (diciembre 2005).

sociológicas correntes em seu tempo. Para ele o teologizar de forma adequada passava pelo ponto de vista, ou seja, de onde se percebe a realidade e como interagimos com ela.

## 1.2 A Teologia para Juan Mackay

A teologia da espiritualidade cristã de Juan Mackay é fundamentalmente cristológica. Para ele o seguimento a Jesus Cristo é o meio legítimo de liberdade e, portanto, de espiritualidade:

Um dos paradoxos do cristianismo consiste em que um homem é tão plenamente livre e tão plenamente humano, quanto mais vive sua vida cativa ao divino. A forma perfeita da bondade humana é a liberdade espiritual, e a única forma verdadeira de liberdade espiritual é a liberdade do cristianismo<sup>18</sup>.

Ser livre em Deus, de acordo com Kosuke Koyama, teólogo japonês, é compartilhar das suas preocupações e fazer delas as nossas preocupações pessoais e comunitárias. É aprender a amar o próximo como fruto dessa liberdade:

Quando o amor funciona, o caráter da liberdade se revela – mesmo que continue sendo um mistério para nós. “Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém sua vida pelos amigos” (João 15:13). O homem tem a liberdade de amar e “dar sua vida pelos amigos”. Quando escolhe perder a sua liberdade pelo amor aos outros, é que ele se torna mais livre e mais amoroso<sup>19</sup>.

Isso corresponde ao princípio de liberdade cristã da Reforma Protestante, que em Deus e somente nele e em sua presença somos livres, como livres podemos amar e devemos servir.

A metáfora teológica mais conhecida de Mackay é a do Balcão e a do Caminho, que trata das inquietações teológicas à respeito da vida humana e as últimas coisas que a espera. Ele alerta que este é um assunto de séria investigação, mas ao mesmo tempo de perspectivas, ou seja, de onde e como se vê. No caso, destaca duas:

---

<sup>18</sup> Mackay, p. 125.

<sup>19</sup> KOYAMA Kosuke, *Fifty Meditations*. Orbis Books, 1979, p. 46.



**1) Primeira perspectiva** - devemos levar à sério a importância do lugar de onde buscamos a compreensão da fé, pois muitas vezes apresentamos como verdades nossos meros pontos de vista. Fazer teologia requer discernimento:

É necessário que o estudante das coisas divinas realize suas observações quando e onde brilha plenamente a luz, recordando..., que há um panorama noturno, assim como um diurno, do mundo<sup>20</sup>.

Ele cita como exemplo a diferença diurna e noturna da baía do Rio de Janeiro, vista desde o Pão de Açúcar. A luz radiante do sol permite uma belíssima e clara visão durante o dia, mas a escuridão noturna não permite que vejamos entornos e detalhes importantes para o entendimento do que se vê. É devido à isso que Mackay orienta:

Todo que deseja estudar a realidade espiritual sob outra luz que não seja a plena luz solar da auto-revelação de Deus, está condenado a não obter mais que uma visão noturna do mundo, com tudo o que isso implica. (P. 36).

**2) Segunda perspectiva** – tem a ver com a atitude pessoal do teólogo: que é negativa se ele for movido meramente por uma curiosidade intelectual e científica, mas será positiva se ele:

O investigador se sente movido não somente pela curiosidade, sim por um espírito de verdadeiro e sério interesse; se o que lhe interessa antes de mais nada não é achar boas causas para argumentar, sim uma boa causa para abraçar; se o que aspira não é simplesmente alcançar um vislumbre da verdade, sim chegar a uma decisão em relação à verdade; se tem fome e sede de uma ordem superior de vida, então está preparado, mediante tudo isso, para obter a iluminação espiritual<sup>21</sup>.

Um teólogo preocupado em produzir um saber da fé que corresponda à realidade e seja relevante à ela apresentará atitudes de comprometimento com esta mesma realidade. Ocupar-se-á em conhecê-la melhor e não se esquivará do envolvimento com ela. Para exemplificar essa atitude teológica ele utiliza as figuras da sacada e do caminho:

---

<sup>20</sup> MACKAY, 1940, p. 35

<sup>21</sup> MACKAY, 1940, p. 36-37



1) **A teologia da sacada** (*balcón*) - De onde vemos à distância, na condição de expectadores, o que se passa na rua ou em lugares que a visão permite. Ele explica:

A Sacada é o ponto de vista clássico, e, por tanto, o símbolo do expectador perfeito, para quem a vida e o universo são objetos permanentes de estudo e contemplação [...] a sacada significa uma imobilidade da alma, que pode coexistir perfeitamente com um corpo móvel e peripatético<sup>22</sup>.

A atitude da sacada é daquele que não assume como sua as causas importantes que assiste de longe. No caso do teólogo, é a atitude daquele que analisa de longe, formula teses e especula conhecimentos. Mesmo a fé e a espiritualidade são objetos que analisa a partir de certo distanciamento. Sua visão das coisas é como a vista noturna da baía do Rio de Janeiro, conforme exposta anteriormente.

2) **A teologia do caminho** - É aquela feita não somente na rua, mas na caminhada nela, na vivência e na experiência da própria vida:

A verdade se encontra no Caminho. Ainda poderia dizer que somente até que um homem desça da sacada ao caminho, seja por sua própria vontade, seja por circunstâncias que o tirem dali, é quando começa a conhecer o que é a realidade<sup>23</sup>.

Trata-se daquela forma de teologia que se ocupa não tanto com perguntas sobre nossa “essência última”, mas com nossa “existência concreta”. Um exemplo interessante dessa atitude que ele apresenta é a dos discípulos (caminhantes) no caminho de Emaús, que criam que seria estabelecida uma nova ordem com a chegada do Messias, porém, tiveram suas expectativas frustradas com a morte de Jesus. Voltavam para casa entristecidos, quando foram abordados por um desconhecido, que se pôs a caminhar com eles e a explicar-lhes o verdadeiro sentido das promessas bíblicas e como elas estavam se realizando naqueles fatos. A esperança reacendeu no coração daquelas pessoas e, já em casa, no partir do pão, reconheceram que o caminhante amigo era Jesus. De fato, somente poderia ser ele.

Porque o caminho de Emaús é o caminho dos nossos tempos. Naqueles caminhantes que transitavam com fadiga, há dezenove séculos atrás, por aquele escabroso caminho, vemos a nós mesmos e a nossos contemporâneos. Nós também, como aqueles discípulos, havíamos sonhado com uma nova era, como

---

<sup>22</sup> MACKAY, 1940, p. 38

<sup>23</sup> Ibidem.

eles, temos saboreado a amargura da decepção. A cristandade têm sofrido uma desintegração. Milhões de nossos companheiros de caminho tem se separado de Cristo e da civilização e das esperanças cristãs. Uma era tem chegado ao fim. Nosso caminho é o caminho de Emaús. Um estado de tranqüila desesperança tem dominado nosso espírito. A teologia tem hoje uma nova tarefa, a de devolver à vida seu sentido, a de restaurar os cimentos sobre os quais se constroem toda vida verdadeira e todo verdadeiro pensamento<sup>24</sup>.

Tal como ele mesmo propõe a teologia de Mackay foi sendo elaborada em sua caminhada missionária pela América Latina e América do Norte, conforme Cantero confirma “Finalmente, Mackay sempre foi um ativista que fomentava a reconciliação nacional e internacional. Sempre militou nos movimentos ecumênicos e populares a favor da democracia, dos direitos humanos”<sup>25</sup>.

### **Conclusão:**

Para uma teologia da espiritualidade cristã precisamos ouvir os sábios conselhos de Mackay e nos posicionarmos em caminhada junto às pessoas e em envolvimento com elas. Devemos priorizar o melhor ponto de vista possível, a fim de não cometermos graves equívocos tanto em nosso entendimento da realidade, como da própria fé. Ainda que estudemos a fé de modo formal nos cursos de teologia, não podemos fazê-lo como se fosse uma área qualquer do conhecimento. Devemos lembrar sempre que pensamos a fé a partir de dentro dela, da sua experiência. Essa é a principal relação da Teologia com a Espiritualidade. Uma teologia somente se justifica se alimentar nossa espiritualidade. Por outro lado, nossa espiritualidade solicita ser fundamentada e esclarecida. Para isso, faz-se necessário uma teologia que se faz no caminho da fé e da vida.

A teologia do caminho surge do seguimento do modelo do próprio Jesus. Os evangelhos escolheram narrar sua obra na perspectiva geográfica, da caminhada dele da Galiléia para Jerusalém. Seus milagres, ensinamentos e cuidados foram manifestos para os do caminho. Em nenhum momento ele se apresentou como expectador da vida, mas como um seu participante. Seja no encontro com os pescadores à beira do mar, com a mulher à beira do poço, com o cobrador de impostos na realização de sua

---

<sup>24</sup> MACKAY, 1940, p. 35, p. 11

<sup>25</sup> CANTERO, 2005.

tarefa, com a multidão em sua busca desesperada por ajuda. Eram nessas situações que Deus se tornava conhecido maravilhosamente na vida de Jesus Cristo.

## AULA 2 - Bases Bíblicas da Espiritualidade Cristã no Antigo Testamento



Figura 4 - Bíblia - FONTE: Pixabay

A atitude de envolvimento proposta por Mackay, teologia do caminho, deve ser também em relação à própria Bíblia. Ela não pode ser tratada como mero livro de informações, que de fato ela não é. Trata-se de um livro de espiritualidade, pois visa fazer o Deus que age no mundo conhecido de nós. É sempre uma redução submetê-la a uma leitura temática, pois incorremos no risco de deixar muita coisa importante para trás. Mas faremos tal exercício com a consciência dessa limitação.

### 2.1 A Criação como Ponto de Partida

As bases para a espiritualidade no Antigo Testamento estão no entendimento do papel do Espírito Santo como força criadora e sustentadora da criação. Nas narrativas da criação encontramos os primeiros relatos sobre a presença e atuação do Espírito Santo: “E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas” – (Gên. 1.2). Nelas, ele é apresentado como *ruach*, termo hebraico que significa “vento”, no sentido de “alento”, “fôlego”, “ânimo”. O Espírito, na criação, é aquele que anima a vida e a torna

eficaz: “E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” – (Gên. 2.7).

O Espírito foi a energia de vida na criação de todas as coisas. Como tal, ele é também até hoje o sustentador dela no mundo. O Espírito Santo é Deus e, como tal, é Deus da vida e isto está expresso nas narrativas da criação de acordo com Júlio Zabatiero:

As narrativas da criação, no Gênesis, sendo lidas em comparação com as narrativas da criação dos povos vizinhos de Israel, revelam, à mão cheia, a preferência de Javé pela vida, e vida a todos: animais, plantas e pessoas. As pessoas Javé criou como seus representantes sobre a face da terra (este é o mais provável sentido da imagem de Deus na humanidade), terra que lhes foi dada como dádiva, fonte perene de vida!<sup>26</sup>

Podemos afirmar que se a floresta Amazônica permanece verde e as árvores de Buriti<sup>27</sup> continuam a dar seus frutos e sua seiva a alimentar muitos, é porque o Espírito de Deus ainda age no mundo. Se as matas ao longo das estradas de Minas Gerais reverdecem com uma pequena chuva após longo período de estiagem, é porque a vida está nelas, e essa vida (ânimo) vem do Espírito Santo e não de outro. Se o ser humano é capaz de dizer “a vida continua” após grandes perdas e sofrimentos, é porque há esperança no mundo, e esperança é vida que possui como fonte o Espírito Santo de Deus. Neste sentido, todo atentado contra a vida no mundo, nas suas mais diversas manifestações, é também atentado contra o Espírito Santo e sua obra vivificadora.

A ação da Igreja no mundo deve ser em compartilhamento com à missão do Espírito de revivificar a criação. Essas também são as bases da pneumatologia latino-americana, que forma o pano de fundo de nossa teologia da espiritualidade cristã.

## 2.2 A Pneumatologia Latino-americana e a Espiritualidade Cristã

Na Teologia Latino-americana (TLA), em sua vertente evangélica, dificilmente encontraremos uma pneumatologia pela pneumatologia, ou seja, com a intenção somente de compreender melhor o ser do Espírito Santo. Uma pneumatologia latino-

---

<sup>26</sup> ZABATIERO, Julio T. *Liberdade e Paixão*. Londrina: Descoberta, 2000, p. 101.

<sup>27</sup> Buriti: árvore comum no norte do país, que tem todas as suas partes utilizadas em alimentos ou para construção de artefatos, por isso, chamada pelos indígenas de “árvore da vida”.

americana parte da pergunta sobre a ação do Espírito no mundo e a relação desse mundo com Ele. É sobre isso que trata a teologia do Espírito Santo de Orlando Costas, teólogo porto-riquenho falecido em 1987, que se destacou tanto pela participação ativa no movimento evangélico de missão latino-americano promovido pela FTL – Fraternidade Teológica Latino-americana, como pelas produções teológicas publicadas<sup>28</sup>.

Como de praxe na TLA Costas contextualiza sua Teologia do Espírito Santo na parte do mundo que em sua época chamavam de Mundo dos Dois Terços e, atualmente, chamamos de povos subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, ou seja: África, Ásia, América Latina e Caribe: “Neste trabalho proponho-me a explorar o significado desta peregrinação para o povo de Deus no Mundo dos Dois terços”.<sup>29</sup> É a partir desse lugar, mais sócio-econômico e cultural do que geográfico que ele escreve e para ao qual deseja corresponder.

Ele descreve o Mundo dos Dois Terços como lugar de cultura e religiosidade diversificadas, em contrapartida, lugar de gente empobrecida e enfraquecida. Todavia, essa gente demonstra uma evidente dependência do Espírito Santo, como argumenta: “Em qualquer parte do mundo dos dois terços a que alguém possa ir, se encontrará com sinais do Espírito...”<sup>30</sup>. Os povos dessa parte do mundo são naturalmente sensíveis ao Espírito Santo. Isso possibilitou um crescimento rápido do movimento pentecostal e de renovação como aconteceu na África e América Latina, ou movimentos carismáticos e místicos como é o caso da Ásia e Pacífico. De fato eles não sofrem com o problema da falta de religião, pois é naturalmente religioso, portanto, afeito à espiritualidade e propício à evangelização.

Costas esclarece que somos seres espirituais, como humanos somos espíritos “encarnados”, ou seja, materializados no mundo. Quer dizer que por sermos seres também espirituais somos capazes de irmos além da nossa materialidade e nos sintonizarmos com o Espírito sustentador do universo, o Espírito Santo. É devido à isso que não estamos limitados ao concreto e à materialidade, como quis convencer a modernidade. A realidade para nós é muito mais do que aquilo que simplesmente

---

28 COSTAS, Orlando. A Vida no Espírito. In.: *Boletim Teológico*, Ano 3 (dezembro de 1989), nº 10. São Paulo: FTL – Brasil, p. 51-63. – Texto que será analisado para verificarmos alguns caminhos para uma pneumatologia latino-americana.

<sup>29</sup> (p. 52).

<sup>30</sup> (p. 51).

podemos tocar. Somos seres que transcendem. É também por isso que somos capazes de produzir arte e compreender o abstrato, bem como o mundo espiritual.

Porém, também somos seres materiais e estamos no mundo por alguma razão. Somos seguidores de Jesus Cristo e desejamos, por causa disso, sermos orientados para uma vida no Espírito Santo e de participação em sua obra no mundo. Para isso é necessário conhecer melhor o Espírito Santo e como ele age na criação e em favor dela. Não é possível uma espiritualidade que não seja sinônima de uma vida no Espírito.

### **a) O Espírito que age no mundo**

Para uma pneumatologia que parte da Ásia, África, América Latina, Caribe e até Oceania, não se pode deixar de considerar a preocupação fundamental desses povos e lugares: a vida e sua preservação. Vida apresentada na forma de seres humanos, animais e plantas, bem como os ecossistemas que eles integram. E tudo que a eles estão relacionados, inclusive pra fins de preservação, como: culturas, organização social interação ecológica, etc.

Conforme Costas, o Espírito Santo é muito mais que a presença da transcendência de Deus. Ele é o próprio Deus se fazendo presente em nosso mundo. Todavia, a presença e atuação Dele no mundo é percebida de modo real.

Cada aspecto do desígnio de Deus – desde a criação do mundo até a consumação de todas as coisas – está associado com o Espírito. Isto implica que a identidade pessoal do Espírito se revela em eventos e fatos concretos<sup>31</sup>.

É Ele quem nos permite tomar conhecimento do outro e nos relacionarmos com ele, bem como com o próprio Deus em Jesus Cristo. Recuperando a tradição cristã do ponto de vista que ele propôs, o Mundo dos Dois Terços, ele afirma que a terceira pessoa da Trindade é “o Deus mediano”, tanto em relação à Jesus Cristo como em relação à própria criação: “... pelo Espírito o gênero humano toma consciência da existência de 'outros' e recebe a capacidade para comunicar-se, ou formar uma comunidade, com eles. Este estar em relação com os outros é o que torna a vida humana espiritual”<sup>32</sup>.

---

31 COSTAS, 1989, p. 53.

32 COSTAS, 1989, p. 54.



Conforme Costas, quando reconhecemos que o outro não é nós e nem uma extensão nossa e aprendemos a nos relacionar com ele a partir desse “respeito”, o fazemos pelo Espírito, transcendemos. De fato, a vivência assim evitaria desentendimentos e até guerras, seria a *Koinonia* (comunhão) da *oikoumene* (terra habitada). Isso, de fato, somente poderia ser obra do Espírito.

### **b) O Espírito e a Criação**

Costas, referindo-se ao capítulo 1 do Gênesis, argumenta que a força criativa da palavra de Deus naquele momento foi o Espírito Santo. Ele é “a energia da palavra”. Na vida humana essa energia também é evidente, pois conforme Jó “O Espírito de Deus me fez; o sopro do Todo-poderoso me dá vida” (Jó 33.4). Isto não desconsidera o Espírito Santo como pessoa e Deus Trino, muito bem esclarecido pela tradição patrística, mas precisamos revalorizar essa obra do Espírito de vitalizar a criação e seu papel como Deus no mundo. O Espírito não somente deu a vida, como a dá continuamente conforme o Salmo 104. 27-29:

Todos esperam de ti, que lhes dêes o seu sustento em tempo oportuno. Dando-lho tu, eles o recolhem; abres a tua mão, e se enchem de bens. Escondes o teu rosto, e ficam perturbados; se lhes tiras o fôlego, morrem, e voltam para o seu pó. Envias o teu Espírito, e são criados, e assim renovas a face da terra.

É ele quem renova a vida no mundo, não somente humana, mas de toda criação. É o Deus presente e atuante. Se o Espírito age no mundo criando e sustentando a vida em sua totalidade, a missão da Igreja não pode ser em outro lugar, a não ser em participação na obra do Espírito. Essas são as bases para uma espiritualidade integral, preocupada com a vida e com a realização da vontade de Deus nela.

### **2.30 Culto como lugar de Espiritualidade**

Outro tema apresentado pelo Antigo Testamento e que está intimamente relacionado à Espiritualidade é o Culto como lugar de comunhão do povo de Israel com Javé segundo Fohrer:

... o culto a Iahweh na monarquia era altamente variado. Era prestado nos santuários oficiais de Jerusalém, Betel e Dã, nos santuários do período antigo separados por veneráveis tradições e em muitos pequenos santuários locais. Revestia-se de muitas formas. Era um culto de Estado, oficial, que celebrava não apenas os eventos culturais comuns, mas também eventos especiais da vida de Estado, tais como a investidura de um rei (cf. Sl 2, 72, 101, 110), ou as orações,



ação de graças ou lamentações que acompanhavam a guerra... Era um assunto que dizia respeito a toda população, como por ocasião de um dia de lamentação ou de arrependimento proclamado num tempo de angústia (cf. Jr. 36.9). Era o ato cultural dos habitantes de uma aldeia, quando julgavam que necessitavam oferecer um sacrifício... Era uma festa de um clã ou família... ou o ato de uma única pessoa que desejava oferecer suas petições ou ação de graças perante Deus ou obter um oráculo... .

O culto servia para cultivar a comunhão entre lahweh e Israel como povo de lahweh... Podemos resumir dizendo que o culto tinha a intenção de promover o reconhecimento da soberania de Deus e fortalecer e aprofundar a comunhão com Deus...<sup>33</sup>.

De Vaux esclarece que em hebraico templo, lugar onde realizavam o culto e onde se davam as teofanias, expressa a ideia de casa, santuário, mais adequadamente a habitação de Deus<sup>34</sup>.

Os profetas, no entanto, pareciam apresentar certa resistência ao culto conforme praticado por Israel. Isto não se devia ao culto em si, mas ao ideal de culto que eles defendiam, ou seja: mais autêntico, lugar de verdadeira adoração a Deus, lugar do conhecimento de Deus e dos seus desígnios, da celebração sincera:

O valor do culto verdadeiro é inestimável, como fonte de força e direção para a vida interior, lugar onde o doente recobra a saúde e o homem decaído se levanta. Mas o lugar onde o povo recebia a influência benéfica de lahweh se transformou em um carnaval de atividade humana<sup>35</sup>.

O templo, onde se realizava o culto, era freqüentemente o lugar utilizado pelos profetas para proferir suas mensagens. No caso de Amós era principalmente lugar de denúncia da corrupção que tinha no culto sua sacralização (Am. 4.4-5). Conforme o profeta, o ritual não substitui a prática da justiça, ao contrário, ele somente possui validade em um contexto de justiça e juízo.

Aborreço, desprezo as vossas festas, e as vossas assembléias solenes não me dão nenhum prazer. E, ainda que me ofereçais holocaustos e ofertas de manjares, não me agradarei delas, nem atentarei para as ofertas pacíficas de vossos animais gordos. Afasta de mim o estrépito dos teus cânticos; porque não ouvirei as melodias dos teus instrumentos. Corra, porém, o juízo como as águas, e a justiça, como o ribeiro impetuoso. (Amós 5.21-23)

Os profetas denunciavam o culto dissociado dos outros ensinamentos da lei que conduziam a uma vida correta, tanto em relação a Deus como em relação ao próximo.

---

<sup>33</sup> FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. São Paulo: Academia Cristã, 2006. P. 259-260.

<sup>34</sup> DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003, p. 321. – O autor, nas páginas 312 a 375, oferece consistente estudo sobre o Templo e o culto em Israel.

<sup>35</sup> WOLFF, Hans Walter. *Bíblia Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003. P. 102.

O culto sem a vivência da justiça era idolatria, porque não se referia ao Deus verdadeiro. O ritual sozinho não possui sentido para Deus. Ele somente cumpre seu papel quando é a manifestação celebrativa do seu povo em reconhecimento às suas obras no mundo, e obras de justiça. O culto em um ambiente de egoísmo e corrupção é meio de manipulação das pessoas e de aborrecimento de Deus, e não sua alegria.

Enquanto o profeta Amós denunciou o culto de Israel (Reino do Norte) o profeta Isaías fez o mesmo em relação ao culto de Judá (Reino do Sul). Ele proclamou que Deus estava cansado das ofertas, das festas e das celebrações que realizavam a ele. O culto que lhe dedicavam não provinha de um conhecimento dele: “O boi conhece o seu possuidor, e o jumento, a manjedoura do seu dono, mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende.” (Is. 1.3).

Para Deus o culto é santo quando oferecido por um povo santo e não o contrário “Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos e cessai de fazer o mal” (Is. 1.16). O que Deus ordena ao povo é que deixe de ser mau e passe a ser bom. Deixe ser corrupto e passe a ser justo: “Aprendeí a fazer o bem; praticai o que é reto; ajudai o oprimido; fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viúvas.” (Is. 1.17). Se Israel assim o fizesse e quando o fizesse, Deus seria verdadeiramente adorado, e não somente por Israel, mas por todos os povos que testemunhassem suas obras.

E virão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém, a palavra do Senhor. E ele exercerá o seu juízo sobre as nações e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças, em foices; não se levantará espada nação contra nação, nem aprenderão mais a guerra. Vinde, ó casa de Jacó, e andemos na luz do Senhor. (Is. 2.3)

O quadro descrito pelo profeta em sua mensagem parece anunciar muito mais os tempos finais, onde haverá o culto perfeito a Deus, marcado pela paz e justiça entre os homens, fruto do conhecimento de Deus e da imensa alegria que ele produz no coração humano. Mas, ele se refere também ao culto dentro do contexto e da realidade histórica nossa, como manifestação histórica da nossa espiritualidade. O texto acima faz-nos entender que o culto do povo de Deus é sua principal maneira de se manifestar como tal no mundo, é sua epifania.

Lawrence Boadt também relaciona a mensagem do profeta Ezequiel ao culto e seu desvirtuamento. Ao invés de ser um momento de adoração e serviço tornou-se lugar de provocação a Deus e de seu aborrecimento:

Mas as ofensas preponderantemente enfocados são cúlticas, incluindo a profanação do sábado (20.12-24), adoração nos lugares altos (6.13; 20.28), e profanação do santuário (23.37-38). Ezequiel entendeu claramente que a raiz do afastamento de Israel para com lahweh era uma perda de conhecimento de Deus e seus estatutos pactuais. O cap. 20, com sua marcante história sobre a teimosia de Israel, desde o tempo do êxodo, apresenta um ponto agudo – em tempo algum Israel seguiu Deus de todo o coração – sempre foi rebelde! Deus deu seus estatutos e regulamentos para habilitá-los, mas isto não foi o suficiente (20.40)<sup>36</sup>.

Ageu, profeta do retorno do exílio babilônico, também pronunciou acerca do templo. Para ele a existência do templo era sinal da presença e benção de Deus no meio do povo, como comentou Aelred Cody:

Tem sido sugerido que ele era um profeta de culto, mas para ele a importância do templo não estava tanto no fato de ser um lugar de adoração legítima, mas por ser um lugar da presença de lahweh na terra e não aparece no livro qualquer outro maior interesse relativo à adoração<sup>37</sup>.

Certamente há um conteúdo escatológico na mensagem histórica de Ageu. O povo que voltou do exílio deveria reconstruir o templo, mas protelava essa missão. As razões eram diversas. Parece, no entanto, que a principal delas era o fato de se ocuparem com suas próprias moradias e não com a moradia de Deus. O profeta denuncia isto e proclama juízo sobre esse comportamento. Ao mesmo tempo faz a chamada ao povo para se ocupar da “Casa do Senhor”. Mas, há também um conteúdo messiânico em relação à isso, pois o templo era sinal da presença de Deus. Deus presente era sinal de cumprimento de suas promessas: ... e farei tremer todas as nações, e virá o Desejado de todas as nações, e encherei esta casa de glória, diz o Senhor dos Exércitos - (Ageu 2. 7).

O culto, conforme tratado pelos profetas é a demonstração visível da fidelidade a Deus. Deve ser realizado pelo povo de Deus como mostra do conhecimento Dele e de sua espiritualidade. Não é um simples ritual a ser repetido periodicamente, mas uma demonstração da paz harmônica e perfeita em Deus. Isto somente é possível

---

<sup>36</sup> BROADT, Lawrence. Ezequiel. In.: *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. São Paulo: Academia Cristã, 2007. P. 620.

<sup>37</sup> CODY, Aelred. Ageu, Zacarias e Malaquias. Idem., p. 702.

onde reina a justiça e as mãos são santas e, conforme os profetas, somente nessa condição o culto possui validade e é aceito por Deus.

### **Conclusão**

Outros temas relacionados à espiritualidade estão presentes no Antigo Testamento, como a aliança e a fidelidade a Deus, a prática da justiça, a sabedoria na vida e outros. Tratamos do tema da criação porque favorece a uma teologia da espiritualidade comprometida com a vida em seu sentido mais amplo inclusive o biológico. Sobre o culto a preocupação é a orientação para uma celebração contextualizada, mas que realmente cumpra o papel como lugar de verdadeira adoração à Deus.

## Aula 3 – Bases Bíblicas da Espiritualidade no Novo Testamento



Figura 5 - Bíblia - FONTE: PIXabay

A vida e obra de Jesus são mais do que modelo para nossa espiritualidade, são sua fonte principal. A vida com Deus somente é possível porque Cristo, através da sua obra salvadora, faz a mediação entre nós e ele, “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim”. - Jo 14;6. O sofrimento sacrificial foi o modo principal de realização dessa obra “A história de Jesus não foi a história vitoriosa de um triunfador messiânico, mas sim a história sofrida do servo de Deus”.<sup>38</sup> Nossa espiritualidade é cristã, não no sentido simples da referência religiosa, mas do seguimento à Cristo como o Servo Sofredor. Isto nos orienta a uma espiritualidade de doação e essencialmente cristológica.

### 3.1 Uma Espiritualidade Cristocêntrica

Os evangelhos ensinam sobre Jesus Cristo no relato de sua obra, pois foi assim que ele se apresentou à nós, como o Cristo salvador. Para seguirmos a Jesus Cristo temos que necessariamente passar por sua morte e ressurreição, ou seja, reconhecemos a sua validade para a nossa salvação e orientação da nossa vida no

---

<sup>38</sup> MOLTSMANN. Jurgem. *Trindade e Reino de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 80.

mundo. A fé é a via pela qual fazemos isto. Os ensinamentos de Jesus somente possuem sentido real a nós se compreendidos à luz da sua obra salvífica, como ele mesmo afirmou “A vós é confiado o mistério do Reino de Deus...” – (Mat. 4:11).

Jesus se identificou muito com os sábios de Israel e, por vezes, foi chamado de “mestre”, mas ele é mais do que um sábio, é a própria sabedoria de Deus presente no mundo. No Antigo Testamento a sabedoria “*hokmah*” é apresentada como aquela que esteve presente no momento da criação (Prov. 8:22-36) ordenando tudo. Como tal ela é conhecedora do mundo e do seu funcionamento, portanto, conforme o ensino predominante no livro de Provérbios a boa vivência no mundo somente é possível pela sabedoria de Deus “Porque o que me achar, achará a vida, e alcançará o favor do Senhor” – (Prov. 8:35).

O Novo Testamento apresenta uma releitura desse ensino sapiencial convergindo-o para Jesus Cristo. Ele é a sabedoria encarnada de Deus que nos ensina a viver no mundo “Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida” (Jo. 8:12), com a liberdade que somente em Deus é possível: “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (Jo. 8:36). Sua morte e ressurreição são como ele tornou isso possível a nós, portanto, são requisitos fundamentais para uma espiritualidade cristã.

### **3.2 Uma Espiritualidade Pneumatológica e Missionária**

A obra de Jesus não ficou, no entanto, estanque no tempo e lugar onde foi realizada. Ele prometeu enviar o Espírito da Verdade: “O Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós.” - João 14:17, que é também apresentado nesse mesmo capítulo de João como o Espírito Santo. Ele esclarece que o mundo não pode receber o Espírito porque não o reconhece, mas aqueles que pela fé acolheram o conhecimento revelado de Deus, sabem quem é o Espírito e estão sensíveis à eles. Esses, sim, podem recebê-lo bem como o conhecimento da verdade que ele transmitirá. A verdade que ele ensinará é a verdade de Jesus Cristo (Jo. 14:6) e de como toda a história da salvação converge para ele. Fica claro então que não compreenderemos Cristo se não for pelo Espírito Santo.



Em Atos dos Apóstolos o Espírito Santo se mostra agindo no sermão de Pedro no pentecostes. Surpreendentemente o discípulo de Jesus que há pouco tempo o negara, agora esclarecia aos ouvintes à respeito do mesmo Jesus como salvador do mundo, perpassando desde Abraão até seus dias. – (Atos 3. 11-26). O que estava em questão não era somente a consumação da obra de Cristo, mas o sentido que o Espírito Santo deu à obra, como fonte da verdade:

A obra reconciliadora do Espírito, por outro lado, coloca-se em evidência em quatro áreas pelo menos. Primeiro, o Espírito Santo produz consciência da história e compreensão do significado da pessoa de Jesus Cristo. O espírito é a testemunha fundamental da historicidade de Jesus e o mestre por excelência da autenticidade de sua obra salvadora como Filho de Deus<sup>39</sup>.

O Espírito também é apresentado no Atos dos Apóstolos como a energia, a força, o motor que impulsiona a Igreja em sua missão. Uma palavra recorrente no livro de Atos é “poder”. Ela é utilizada para se referir à proclamação dos apóstolos “os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus” – (Atos 4.33); ao ministério de Estevão “cheio de fé e poder” – (Atos 6.8) e outros. Em tais narrativas o tempo tem a ver com energizar mesmo, fazer com que a proclamação, a oração, o testemunho surtam efeitos extraordinários, que vão além da condição natural humana. Quando compartilhamos do ministério do Espírito ele compactua com nossa missão dando a ela a força necessária para que o impossível aconteça, “E disse Pedro: Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda. E, tomando-o pela mão direita, o levantou, e logo os seus pés e artelhos se firmaram” - Atos 3:6-7.

Se o poder que torna efetiva nossa missão no mundo é do Espírito Santo o mérito sempre será dele, pois ele é esse poder de Deus em nossa insuficiência: “E disse-me: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” – (II Co. 12:9). Isto não nos torna melhores que os demais, mas certamente com maiores condições para o serviço a Deus.

Se espiritualidade é estar e viver no Espírito, é então ser convencido por ele acerca da verdade de Jesus Cristo. Também é permitir-se instrumentalizar na missão para realização das suas obras maravilhosas e cumprindo o que propôs Juan Stam:

---

<sup>39</sup> COSTAS, 1989, p. 8

Vivemos nestes tempos como cidadãos de uma nova ordem. De agora em diante, somos a levedura e a semente, a luz e o sal da nova criação, assim como do Reino que veio e virá. Isso significa viver como primícias da nova criação vindoura. Enquanto isso, “entre os tempos”, vivemos desejando e apressando a gloriosa transformação de todas as coisas, conforme o Criador prometeu<sup>40</sup>.

Compreendemos então que espiritualidade cristã não é exatamente aquela postura contemplativa de internalização da fé e vivência mística da experiência religiosa cristã. Esse é o modelo típico herdado do monasticismo medieval, que ofereceu a nós um modo de espiritualidade mais ascético, meditativo e baseado nas disciplinas espirituais. Embora seja extremamente interessante, este modelo não define por si só a espiritualidade cristã. Necessitamos por vezes do isolamento, da quietude e da meditação para alimentar nossa vida espiritual, mas, conforme o livro de Atos, o ouvir o Espírito, sair em missão, proclamar, conceder saúde a doentes também é espiritualidade, vivendo no mundo como ensina Padilla: “Necessitamos internalizar esta radicalidade da fé cristã que faz possível que vivamos no mundo sem ser do mundo, envolvidos plenamente na sociedade, com os valores do reino de Deus e com os recursos do Espírito Santo”<sup>41</sup>. Quando fazemos isto estamos mais do que nunca no Espírito. O efeito disso em nós é como o efeito do exercício físico feito em boa medida, que no momento em que é realizado parece estar consumindo nossas forças, mas com o tempo descobrimos que, com ele, ganhamos saúde, portanto, energia de verdade.

## Conclusão

Fazemos parte de um contexto de vida na América Latina com sérios problemas em níveis estruturais com alcance coletivos e individuais. Convivemos com situações de miséria e carência máxima, violência manifesta das mais diversas formas, sofrimento humano pelas mais variadas causas. Também temos visto esforços pela implementação de políticas públicas que visam melhorar as condições de vida da população em vários aspectos, avanços tecnológicos e de pesquisas científicas que favorecem a saúde e o bem estar humano e da criação. Não

---

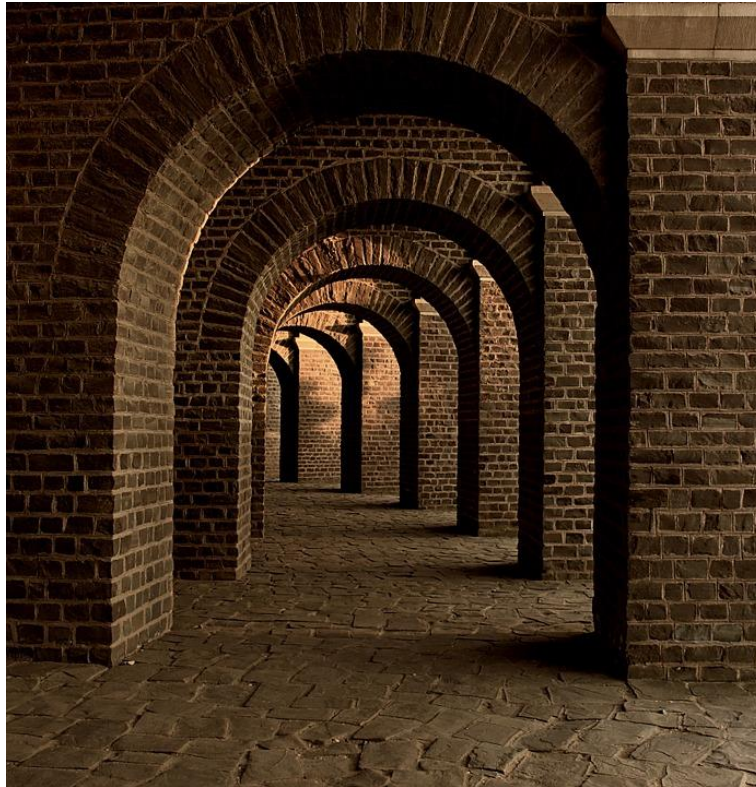
<sup>40</sup> Stam, Profecia Bíblica e Missão da Igreja, 2003, p. 98.

<sup>41</sup> PADILLA, René. Disponível em: <http://www.kairos.org.ar/images/revistaKairos/rpadilla-oracionpolitica.pdf>, acesso em 10/03.



necessitamos constantemente afirmar o mal e negar a existência de coisas realmente boas no mundo para tornar válida e necessária nossa fé. Mas, reconhecemos teologicamente que o que há de verdadeiramente bom nesse mundo, de alguma forma, possui relação com o Espírito Santo de Deus, pois ele como Deus presente no mundo é a fonte única do verdadeiro amor.

## Aula 4 - Panorama Histórico da Teologia da Espiritualidade Cristã



*Figura 6 - Arcos Antigos - FONTE: Pixabay*

A história da Espiritualidade cristã somente é possível como um recorte dentro da história mais abrangente da Igreja e da sua teologia. Não se trata de um assunto à parte, pois diz respeito em como essa Igreja vivencia e compreende essa fé.

### **4.1 Antecedentes bíblicos**

As bases da teologia da espiritualidade cristã estão na Bíblia. No Antigo Testamento a espiritualidade é baseada na relação histórica concreta do povo com Deus. A história é o lugar da ação divina. Ele promete salvação e a realiza no tempo e no espaço. Essas promessas realizadas viram memória e esperança, que se revitalizam nas novas situações do povo com seu Deus. Da mesma forma, Deus requer do seu povo fidelidade à aliança que estabeleceram no Sinai. Tanto nas narrativas do Pentateuco, Livros Históricos e Profetas, como nos ensinamentos dos Escritos a vida com Deus se faz na coletividade (do povo de Israel), e realizada mediante a fidelidade aos preceitos do Senhor. Essa fidelidade, que seria sinônima de espiritualidade, deveria ser visibilizada através de políticas corretas e justas, vida

social e familiar exemplar, dedicação religiosa, transmissão do conhecimento de Deus, etc. A necessidade de ser fiel se devia ao fato de que Israel era o povo eleito de Deus e com ele havia firmado a aliança:

A finalidade da eleição é o serviço, e quando ele é recusado, a eleição perde seu sentido. Primordialmente, Israel deve servir os marginalizados em seu meio: o órfão, a viúva, o pobre e o estrangeiro. Sempre que o povo de Deus renova sua aliança com Javé, reconhece que está renovando suas obrigações com a vítimas da sociedade<sup>42</sup>.

É em vista das razões acima que a espiritualidade de Israel estava estreitamente relacionada à sua missão de transmissão do conhecimento de Deus pela via da vida no mundo e da comunicação e registro da revelação. Era preciso que as nações adorassem a Deus e, para isso, teriam que conhecê-lo. De certa forma, a espiritualidade das nações passava pelo serviço de Israel.

No Novo Testamento a espiritualidade passava pelo reconhecimento do Messias em Jesus Cristo e o seguimento dos seus ensinamentos, conforme transmitidos pelos apóstolos e, em vista disso, a reunião como *Ekklesia* e o exercício da missão. Tanto quanto a espiritualidade é dinâmica e celebrativa no AT, no NT ela proclamadora (*kerigmática*), de serviço (*diaconia*), comunitária (na *koinonia*), requer ensino (*didaskalia*) e é celebrativa (*litúrgica*).

#### 4.2 No período Antigo

Como não poderia ser diferente, a helenização da teologia cristã afetou o modo de se vivê-la no mundo. Outro fator que contribuiu para isso foi a institucionalização da Igreja, que trouxe consigo a formalização do culto e a instituição do clero como mediador da relação com Deus. Podemos afirmar que a espiritualidade a partir desse período começou a ser confundida com a religiosidade, no sentido que passou a se valorizar mais o cumprimento dos ritos e seguimento das regras eclesiais do que a prática vivencial da fé movida pelo conhecimento de Deus.

Na medida em que o povo era distanciado da Palavra de Deus, mais religioso se tornava. Não há espiritualidade sem conhecimento de Deus por meio da sua Palavra. Qualquer relação com a fé cristã que se estabeleça sem esse conhecimento é meramente seguimento religioso, porque a fé cristã requer consciência, como afirmou o apóstolo Pedro 3.15: “Antes, santificai ao Senhor Deus em vossos corações;

---

42 BOSCH, David. *Missão Transformadora*. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 36.

e estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós”. Isso é devido porque a fé cristã fundamenta-se na revelação de Deus e ela nos foi transmitida pela Palavra de Deus, bem como o conhecimento de Jesus Cristo.

O monasticismo surgiu nessa época como movimento de espiritualidade alternativo aos rumos excessivamente institucionais que a Igreja tomava. Ele propôs uma forma de viver a fé caracterizada pelo isolamento, reclusão e a prática de disciplinas espirituais, favorecendo o surgimento de uma espiritualidade de caráter apofático<sup>43</sup>, que MacGrath explica como:

A teologia apofática identifica e enfatiza as limitações do conhecimento humano a respeito de Deus, principalmente a possibilidade de ideias e figuras humanas comunicarem toda a realidade de Deus<sup>44</sup>.

Um exemplo de espiritualidade apofática nesse período foi Gregório de Nissa ( viveu em Cesaréia, Capadócia em 330 a 395), como bem comprova um texto dele próprio:

Quanto mais acreditamos que, o “Bem”, por sua própria natureza, está muito além do alcance do nosso conhecimento, maior é nosso sentimento de tristeza por estarmos separados desse “Bem”, que é tão grande quanto desejável, embora não possa ser completamente contido em nossa mente<sup>45</sup>.

Um outro exemplo de espiritualidade desse período é Agostinho de Hipona, um importante teólogo dessa época e grande influenciador do pensamento medieval, inclusive dos reformadores. Conforme MacGrath “Agostinho argumenta basicamente que fomos criados para a comunhão com Deus. Quando isso não se realiza, o resultado é um sentimento de insatisfação e inquietude”<sup>46</sup>. Agostinho condiciona a felicidade humana à espiritualidade:

Para Agostinho, as verdadeiras realização e satisfação humanas vêm somente quando Deus é adorado e conhecido. É interessante que Agostinho admita que outras coisas no mundo poderão oferecer pelo menos alguma aparência de felicidade; para ele, o fato de o mundo ser criado por Deus significa que em toda a criação existem indícios da bondade e majestade de Deus. A criação, então, contém algum “reflexo da verdadeira felicidade”, que poderá servir de indicação para a fonte e satisfação dessa alegria: Deus<sup>47</sup>.

---

43 Espiritualidade Apofática – parte da concepção teológica que a mente humana não consegue compreender plenamente os mistérios de Deus e que isso condiciona sua espiritualidade. Devido a isso ela é mais contemplativa e com ênfase no esvaziamento e na negação dos desejos. A espiritualidade catafática baseia-se na afirmação dos pensamentos e desejos na devoção cristã.

44 MCGRATH, Alister E. *Uma Introdução à Espiritualidade Cristã*. São Paulo: Vida. 2008, p. 210.

45 MACGRATH, 2008, p. 246.

46 MACGRATH, 2008, p. 249.

47 Ibidem.

### 4.3 No Período Medieval

As tendências do período antigo acentuaram-se no período medieval. O clero centralizou e exclusivizou a leitura da Bíblia. A Teologia se distinguiu da doutrina e se tornou nas grandes escolas uma forma de pensamento especulativo da fé. O monasticismo se tornou a grande força missionária e expansionista da Igreja, bem como de espiritualidade da época. Aqueles que estavam fora dele, mas compunham a cristandade, se apegaram à religiosidade e, quando muito, ao misticismo corrente.

O misticismo medieval, caracteristicamente apofático, gerou representantes interessantes e que são lembrados até hoje na história da espiritualidade, como por exemplo Bernardo de Claraval (monge de Claraval, França, que viveu entre 1.090 a 1.153). Conforme ele a Escritura Sagrada, pela qual possuía grande apreço, deveria ser muito mais orada do que estudada. Seus textos se caracterizavam pela ênfase no sentimento e linguagem poética.

Existe indubitavelmente uma espantosa analogia entre o azeite e o nome do Amado, pelo que a comparação apresentada pelo Espírito Santo não é arbitrária. A não ser que possais sugerir algo de melhor, afirmarei que o nome de Jesus possui semelhança com o azeite na tripla utilidade deste último, nomeadamente, para iluminar, na alimentação e como lenitivo. Mantém a chama, alimenta o corpo, alivia a dor. É luz, alimento e medicina. Observai como as mesmas propriedades podem ser encontradas no nome do noivo divino. Quando pronunciado fornece luz; quando meditado, alimenta; quando invocado, serena e abranda. (Bernardo de Claraval)

Outro nome bem conhecido, principalmente por ter sido fonte de inspiração de Lutero, foi Meister Eckhart (1.260 a 1.327), monge dominicano, filósofo e místico, que se serviu do neoplatonismo para expor sua compreensão de Deus.

Nessa época surgiram também várias mulheres que contribuíram com a mística cristã, como: Hildegarda de Bingen, Gertrudes a Grande, Matilde de Magdeburgo, Matilde de Hackeborn e a conhecida Teresa de Ávila.

### 4.4 Na Reforma Protestante

De todos os reformadores parece ter sido Lutero o que mais foi influenciado pela mística medieval. Seus escritos transparecem uma espiritualidade bastante dependente de uma relação mais íntima e interna com Deus.

A santidade cristã ou a santidade comum da cristandade é a seguinte: quando o Espírito Santo dá às pessoas fé em Cristo, santificando-as pela fé (Atos 15.9). Em outras palavras, quando o Espírito cria um novo coração, uma nova alma, um novo corpo, uma nova obra e uma nova natureza e escreve os mandamentos de Deus em corações (2 Coríntios 3.3), não em tábuas de pedra<sup>48</sup>.

No entanto, eles propuseram um novo paradigma de espiritualidade cristã ao afirmarem o sacerdócio universal de todos os crentes, ou seja, que todos temos livre acesso a Deus. Isso implica que não dependemos de mediadores humanos para nos relacionarmos com Deus. Podemos fazer-lhe orações, oferecer-lhe nossas vidas em serviço, ler a Palavra e buscar entendê-la, pois, conforme ele, o Espírito Santo ilumina a todos igualmente para o entendimento das Escrituras.

Lutero esclarece que o conhecimento de Jesus Cristo e sua graça que recebemos da Palavra nos torna pessoas livres. Como seres livres em Deus estamos prontos para o serviço ao próximo e as boas obras, como fruto de nossa própria liberdade. Nisso está a verdadeira espiritualidade cristã, na liberdade diante de Deus. Calvino também afirmava que o o homem somente se compreende de fato em Deus. Menos místico, mais filósofo e sistemático em sua teologia, relacionava a espiritualidade à disciplina da vida cristã, sua ética e reconhecimento da verdade.

O pietismo, movimento posterior à Reforma e que aconteceu dentro do luteranismo, propôs uma nova forma de espiritualidade. O ortodoxismo que caracterizou o protestantismo pós-reforma foi criticado pelos pietistas, que fizeram a chamada para a experiência da fé cristã e não somente sua confissão. Retomaram a importância da oração e da leitura piedosa das Escrituras ficando conhecidos como um movimento de espiritualidade. No moravianismo, movimento interno do pietismo, aliaram essa prática da espiritualidade à vida missionária para outros povos. A oração serviu não somente para alimentar a vida espiritual, mas para a realização e sustentação da tarefa missionária.

#### **4.5 Na Modernidade**

A Espiritualidade na modernidade apresentou várias representações. Rompeu-se com a noção de cristandade (uma sociedade cristã) no sentido medieval, pois o próprio cristianismo manifestou-se na forma de protestantismo e seus vários

---

48 LUTERO. *Como reconhecer a Igreja*. São Leopoldo: Sinodal, Coleção Lutero para hoje, 2001. p. 11.



movimentos, catolicismo ocidental e catolicismo oriental. Cada segmento cristão possuía suas concepções de espiritualidade baseadas em teologias diversas.

No protestantismo tanto encontramos aquelas formas mais racionalistas de vivência da fé, como foi o caso do confessionalismo, racionalismo e movimento liberal, quanto aquelas pietistas, como foi o caso do evangelicalismo, metodismo e posterior pentecostalismo. Destacou-se nesse período o movimento evangelical. Surgiu na Inglaterra no séc. XVIII, no interior da Igreja Anglicana, afirmando a necessidade de arrependimento, conversão e mudança de vida, com isso, a necessidade da evangelização e da experiência da fé. Este movimento foi influenciador do metodismo e gerador de um esforço missionário no séc. XIX para várias partes do mundo. Ele surgiu no contexto dos chamados grandes avivamentos (na Inglaterra, América do Norte e com vários focos na Europa). Estes avivamentos são como que movimentos radicais de espiritualidade.

#### **4.6 O Pentecostalismo**

No início do séc. XX surgiu nos Estados Unidos, no seio do evangelicalismo, um novo movimento de espiritualidade que chamaram de Pentecostalismo, sob a liderança de William Seymour. Afirmava a atualidade do batismo no Espírito Santo e dos dons espirituais, até então compreendidos no protestantismo como específicos da Igreja do primeiro século.

O pentecostalismo se espalhou por vários lugares no mundo, mas seu impacto maior foi na Ásia, África e América Latina. Embora tenha dado origem a várias Igrejas até os dias de hoje, sua importância também está na contribuição para a revitalização da vida cristã e do culto nas igrejas históricas.

Originalmente, para o pentecostalismo a vida com Deus passa por uma via pneumatológica, ou seja, do poder do Espírito Santo, bem como a vida e missão da Igreja no mundo.

#### **4.7 Movimentos Atuais de Espiritualidade**

Na atualidade temos, além do pentecostalismo que continua a comprovar sua vigência e força de influência, os movimentos teológicos do mundo dos dois terços que apresentam também suas formas de espiritualidade. Elas são sempre muito relacionadas à uma nova práxis cristã no mundo, solidária e preocupada com a

realidade concreta. Dentre elas destaca-se a teologia latino-americana da Missão Integral da Igreja, que propõe uma missão e forma de espiritualidade mais abrangente, holística e preocupada com o todo. Para tanto, apresenta o contexto percebido integralmente como lugar de onde se busca conhecer Deus e onde realizamos nossa missão. Da mesma forma, a Escritura deve ser lida como Palavra de Deus em um contexto, como também é contexto de vida, deve ser visto de modo integral.



## UNIDADE III – Vida Cristã

### Plano de estudo:

**AULA 1 – Vida e Fé Cristã**

**AULA 2 – Teologia e Vida**

**AULA 3 – A Virtude e o cristão virtuoso**

**Aula 4 – Vida Cristã e a Questão da Ética**

### Objetivos de aprendizagem:

AULA 1 – Apontar a relação entre vida e fé cristã para fins de construção de uma teologia da vida.

AULA 2 – Discorrer sobre tratamentos importantes para uma teologia da vida.

AULA 3 – Relacionar a questão da virtude à vida cristã.

AULA 4 – Relacionar ética, vida cristã e espiritualidade cristã.



Figura 7 Caminho - FONTE: Pixabay

## 1. Vida, Teologia e Igreja

Parte das coisas que existem no mundo são vivas, e, tanto as vivas como aquelas inanimadas são diversificadas, pois não apresentam uma mesma forma. Sobre a vida e suas formas Moltmann faz lembrar que ela nunca é genérica, é sempre específica e concreta. Ainda acrescenta “Ela é feminina ou masculina, jovem ou velha, judia ou gentia, branca ou de outras cores, deficiente ou não...”. Há, de fato, uma multiformidade da vida no mundo e a presença igualmente constante do Espírito Santo nela<sup>49</sup>. O Deus criador revelou sua perfeitíssima “criatividade” na riqueza da vida no mundo, e, por ela, o conhecemos não como um Deus estático, impassível e silencioso, mas como Deus dinâmico, que age e se revela na forma e no movimento do mundo e da vida. Este é um conhecimento de Deus, possível por meio da chamada revelação natural, que também manifesta a vontade divina em relação ao humano e sua capacidade criativa.

### 1.1 A Vida não é simples

A criatividade humana se mostra na construção cultural, nas múltiplas e complexas relações que estabelece no mundo e no tempo histórico, na busca pela felicidade e em todos os esforços e ações que demandam o movimento da mente e do corpo, do indivíduo e da coletividade na organização e manutenção da vida, em seu sentido restrito e amplo. Não podemos compreender um Deus criativo e uma humanidade criada à sua imagem e semelhança que seja pobre em possibilidades. Por outro lado, não se concebe a possibilidade da criatividade humana sem que isso remeta para um Deus também criativo e atuante desta forma no mundo por meio do seu Espírito Criador e Vivificador. É possível também afirmar que a filiação em Jesus Cristo renova em nós o que é próprio da vida criada por Deus, pois nos torna “nova criação” em Cristo Jesus.

As razões acima colocam o problema da vida como algo não simples de ser tratado, pois nem todos os seres vivos possuem a mesma constituição biológica, função nos ecossistemas e formas de vida. Também não cabe mais a antiga definição

---

<sup>49</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 64.

de que ser vivo é aquele que cresce e se reproduz, pois há cristais que crescem e se reproduzem, existem atualmente os famosos vírus de computadores que ameaçam arquivos diversos com sua reprodução, simulando a própria vida. Além disso, há hoje formas de organismos sintéticos que imitam o funcionamento natural da vida. Há também pesquisas já avançadas sobre a possibilidade da existência de formas de vida em outros planetas que reúnem condições para o desenvolvimento biológico. Independente das implicações teológicas disso é preciso considerar sua discussão.

Isto implica que qualquer definição da vida deve ser ampla o suficiente para abarcar formas biológicas e formações químicas diferentes, bem como a variação de modos de existência, mas deve ser específica o suficiente para aproximar de uma diferenciação e identificação do que de fato é vivo e o que é não vivo e suas interrelações. Explicações sobre o que é a vida tem sido associadas à possibilidade de se auto-reproduzir, evoluir, metabolizar, interagir com o ambiente, organizar-se de modo complexo, composição genética, etc. Voltamos aqui à questão criativa, pois o que parece caracterizar a vida é sua possibilidade de *auto*-expansão e tudo o que isso implica.

## 1.2 Vida e Fé Cristã

Na fé cristã pensamos a vida a partir da afirmação da criação, um axioma teológico complicado de tratar no contexto dos problemas acima colocados. São questões que vem sendo mais bem examinadas na contemporaneidade e gradativamente impostas como desafios para uma teologia que pretenda ser contextualizada no tempo histórico em que ela se faz. A própria condição de “axioma” já inflige dificuldades para a discussão desde seu ponto de partida, pois exige a pré-disposição para mudança e renovação de pensamento, sem as quais não é possível a correspondência ao dinamismo do funcionamento da vida no mundo. É preciso reconhecer que as ideias não são o esforço da cristalização em palavras daquilo que é dinâmico, mas a busca de compreensão visando esclarecer suas infinitas possibilidades. A vida escapa a qualquer tentativa de aprisionamento, ela simplesmente acontece, como a erva que insiste em nascer no vaso do lírio, a famosa gestação não planejada, a superação de uma doença terminal, a semente da flor que germina na mata, etc. A vida é assim, exagerada e livre, extrapolando às nossas

definições e conceitos como a água que escapa entre os dedos ao tentar segurá-la nas mãos.

Deus é o Criador de todas as coisas e, como tal, é ele quem sustenta o que criou por meio do seu Espírito atuante no mundo. O conhecimento de Deus passa pelo discernimento e reconhecimento das suas obras. O mundo e tudo o que nele existe são obras de suas mãos, conforme o texto bíblico (cfe Gn.1:1). Ao buscar conhecer o mundo criado nos depararemos com a inegável complexidade da existência no universo evidenciada pela interdependência entre os seres, a composição dos ecossistemas, a resiliência da vida, etc. Na atualidade, temos que reler os textos da criação sob essa perspectiva e verificar o quanto a obra da criação é bela e intrigante.

Isso é necessário porque as narrativas bíblicas da criação não oferecem detalhes, somente a apresentam na forma de narrativa, poesia ou escrito sapiencial, pois foram redigidas em uma época pré-científica. Não é assim com o cristão contemporâneo, que estuda ciências desde a educação básica e é bombardeado diariamente por notícias sobre novas descobertas científicas. Ele deve ler tais narrativas com a disposição de refletir mais detidamente sobre elas e colocá-las em diálogo com as discussões atuais e os próprios estudos realizados. Não é mais cabível negar as afirmações científicas, em nome de uma fé cristã que, oferecendo explicações pré-modernas para a existência do mundo, não deseja dialogar. Também não é mais aceitável o radicalismo científico que nega a contribuição da religião para a compreensão da realidade. Antes das ciências modernas apresentarem suas teorias acerca do surgimento do universo as religiões, com suas linguagens, davam suas explicações. Tanto quanto as religiões devem ouvir os resultados científicos, as ciências devem dialogar com as religiões, como modos diferenciados de saberes.

A fé cristã está então desafiada a dialogar, repensar e enriquecer seu conhecimento da criação de Deus, admitindo que sua percepção dela é sempre reduzida e insuficiente, pela falta do exercício da observação e da investigação criteriosas, como é realizado hoje pelas ciências.





## 2. O Problema da Vida na Teologia Cristã



Figura 8 Pensamento - FONTE: Pixabay

A Teologia cristã trouxe do pensamento filosófico e metafísico antigo a ideia da imutabilidade das coisas consideradas verdadeiras, baseada na filosofia do ser de Deus, portanto, das coisas por ele criadas, inclusive do *ser* humano. Deriva-se dessa filosofia também a ideia da ordem do universo e das coisas nele existentes, bem como o funcionamento da vida nele. Comblin esclarece que a isso se deve a espiritualidade contemplativa do cristianismo em geral, que nega ou despreza a materialidade do mundo, seu movimento e conseqüente *des*-ordem, e põe-se a contemplar aquele que é imóvel, portanto perfeito. Deve-se a isto também a busca da fé cristã pela ordenação das coisas, como sua condição ideal e a valorização do estático como modo perfeito de *ser*. Esta compreensão da realidade gerou uma teologia da Igreja que a tornou sempre resistente às mudanças no mundo e posicionada nele como “guardiã da ordem”. Comblin esclarece, referindo-se à Igreja Católica Romana: “Isso explica por que toda mudança é considerada perigosa, uma ameaça à identidade do cristianismo”<sup>50</sup>.

<sup>50</sup> COMBLIN, José. A vida – em busca de liberdade. São Paulo: Paulus, 2007. p. 19.

## 2.1 A Questão da Vida na Teologia

No protestantismo, embora iniciado com um “movimento” de reforma, o que denota dinamicidade e abertura, não é tão diferente, pois, na teologia, perdeu com o tempo a elasticidade da proposta original como comprova o ortodoxismo pós-reforma e a rigidez dos confessionalismos modernos. Na atualidade, isso tem resultado em uma resistência à revitalização da Igreja por meio de novas teologias e propostas hermenêuticas, que sempre são vistas como ameaçadoras à doutrina cristã.

O problema da vida na Teologia é um problema de ordem dogmática, da discussão própria de Deus, não somente de sua composição trinitária conforme ratificou em 381 d.C o Concílio de Constantinopla, com a fórmula de um só Deus em três pessoas, mas da economia trinitária e seu significado na contemporaneidade. Deus é um Deus em movimento, tanto internamente, quanto em sua atuação no mundo, diga-se, externamente. Um movimento criador e redentor ao mesmo tempo, portanto vivificador, pois não há criação ou redenção sem doação de vida e seu sustento. Não basta à teologia desejar pensar a vida, sem revisar sua concepção de Deus, de fato, é sobre isso que Comblin trata. Para ele é preciso pensar em Deus como o “Deus da vida”, como seu atributo principal.<sup>51</sup>

Somente a partir daí será possível pensar com coerência sobre a criação e, nela, a humanidade. Sem uma teologia da criação e uma antropologia no contexto da vida, como pensar a salvação que Cristo nos oferece e a Igreja que surge a partir dela? - A ausência dessas reflexões certamente tem sido a principal razão de teologias da salvação que visam tirar o cristão do mundo, ao invés de buscar transformá-lo.

A ação criadora de Deus não foi em nada estática, podemos mesmo falar de um movimento para a criação, onde a vontade divina resultava em vida por meio de sua palavra e da força que nela estava. De alguma forma, a palavra que o Deus trinitário fala em si mesmo, conforme mencionou Lutero, transborda em vida para fora dele e é sempre vivificadora. Essa vida é de tal modo verdadeira e intensa que se recria a todo instante, pela força contínua da palavra criadora de Deus, mediante ação

---

<sup>51</sup> COMBLIN, 2007. p. 19.

constante do Espírito Santo, a fonte da vida e seu sustentador no mundo. Sobre essa ação vitalizadora do Espírito, comenta Moltmann:

No Espírito, Deus mesmo está presente e nos rodeia de todos os lados. Vivemos e respiramos na atmosfera dele. Dessa maneira, o Espírito Santo torna-se o campo de energia vibrante e vitalizante da nova vida: Estamos em Deus e Deus está em nós. Nossas intenções vitais chegam ao conhecimento de Deus, e experimentamos as energias de Deus (SI 139). No “espaço amplo” da presença de Deus há condições para que a nova vida se desenvolva (SI 31.9). É assim que o Espírito de Deus é experimentado como força da nova vida em nós e como espaço da nova vida em torno de nós<sup>52</sup>.

Deus criou a vida mais do que resiliente, mas com capacidade de se reproduzir, multiplicar (Gn. 1:28) e expandir. Isso não acontece sem movimento, afinal criar sempre envolve transformar coisas, ambientes e pensamentos. É como a ideia de caos que assume formas pela palavra divina e formas que se movimentam no mundo, conforme os relatos do Gênesis. São as águas que fogem diante da palavra divina no e se acomodam no côncavo dos rios e mares, dos montes as águas jorram saciando a sede dos animais, o pasto cresce e alimenta o gado, o ser humano cultiva a terra e tem com o que se alimentar (Sl. 104: 7-8). A vida emerge da terra, corre entre as montanhas, cresce nos vales e agita-se no mundo. Essas são as imagens utilizadas para descrever a origem de todas as coisas. Na dança da criação a vida aconteceu com vigor e explode no mundo a cada momento.

Lutamos contra a fome, contra a violência, contra a corrupção política, contra o tratamento vil e indigno de humanos e animais, contra a exploração desordenada da terra, enfim, contra tudo o que compromete a vida. Toda busca humana tem como finalidade última a manutenção e a valorização da vida e tudo o mais é transformado em meios para isso. Mesmo os milagres de Jesus e seus ensinamentos podem ser lidos desse ponto de vista. A obra salvadora de Jesus Cristo envolve a morte daquele que estava vivo e a ressurreição daquele que estava morto. Nela, novamente a vida explode no mundo e na história por obra de Deus em Cristo e prevalece ante a morte, que não é a palavra derradeira ao mundo. A vontade divina se realiza outra vez em sua palavra encarnada, Jesus Cristo, e pela força do Espírito Santo. Mais um evento que se compreende no movimento da economia trinitária, com finalidade redentora.

---

<sup>52</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida – O Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 63.



## 2.2 Igreja, Teologia e Vida

As discussões sobre a vida podem ser aplicadas pela Teologia em campos diversos, como no caso do estudo da Igreja, que ainda que seja uma entidade social somente o é por ser formada por pessoas vivas e com todas as características e necessidades dessa condição. Como tal, a Igreja se constitui também como uma entidade que reproduz em si as características dos humanos que a formam, ou seja, deve se reproduzir, interagir com ambiente, metabolizar (tem a ver com suas transformações internas), organizar-se de modo complexo, etc. Falar de Igreja viva é, portanto, falar de sua complexidade, crescimento, interatividade com o contexto mais amplo do qual faz parte, e das suas transformações orgânicas para fins do próprio crescimento.

A Igreja, todavia, não é somente comunidade biológica, mas também teológica, constituída em torno do nome de Jesus Cristo e por causa dele. É o povo de Deus que caminha na história e testemunha a obra salvadora de Jesus Cristo em sua própria vida. Por causa dele, ela apresenta também a natureza humana e natureza divina, que não dualizam em sua existência mundana, mas, tais como Jesus Cristo e as Escrituras, interagem e se revelam na missão. Isso significa que ao ser comunidade teológica ela não perde sua condição de comunidade biológica e vice e versa. Uma confere sentido à outra na ordem do mundo e da fé. Como comunidade biológica ela faz uma chamada à vida que parte do temor do Senhor, e como comunidade teológica ela faz uma chamada à fé, que parte da vida.

Um dos fatores de risco de descaracterização da natureza da Igreja ainda na modernidade foi a ênfase no crescimento numérico, em detrimento das implicações internas e externas disso. O aumento do número de membros como missão prioritária surgiu de dentro do movimento das missões transculturais no séc. XIX, tornando-se um movimento de ordem estratégica chamado MCI – Movimento de Crescimento de Igrejas, que subsiste até hoje influenciando inúmeras igrejas evangélicas em várias partes do mundo. Se analisado da ótica biológica, verificaremos que um crescimento real se dá no conjunto das exigências de reproduzir, interagir com ambiente, metabolizar e organizar-se de modo complexo. Nem sempre um crescimento em ritmo acelerado possibilitará uma vida saudável, haverá certamente

o risco de ser uma anormalidade e sintoma de doenças, ou de gerá-las no processo anormal de crescimento, e isso também se aplica ao crescimento da Igreja. Não que a Igreja não deva crescer em números, mas deve cuidar por um crescimento equânime.

### **Conclusão**

Para ser uma Igreja viva requer que reúna características, que além de fazerem parte de sua própria natureza como comunidade humana e teológica, exigem ser desenvolvidas por ela em sua capacidade criativa. Como comunidade viva, portanto, dinâmica a Igreja é também criativa e isso deve se revelar em todas as suas ações e realização da missão no mundo.

### Aula 3 – A Virtude e o cristão virtuoso



Figura 9 - Cristão - FONTE: PIXabay

Na língua portuguesa, a palavra virtude tem vários sentidos que podem ser dirigidos para algo ou alguém.

**Virtude é:**

Valor, dignidade, castidade, simplicidade, santidade, eficácia

Quando a gente dirige essa palavra como algo que marca o caráter de uma pessoa, então, dizemos que ela é uma pessoa virtuosa. Usando apenas o primeiro sentido da palavra, podemos dizer que quando chamamos um cristão virtuoso, queremos dizer que ele é: sério, íntegro, digno, irrepreensível, reto, justo.

Temos uma antiga palavra para designar essa pessoa como uma pessoa direita. Hoje, chamaríamos, talvez, de gente boa. Você já aprendeu o suficiente para saber que ao chamar um cristão de virtuoso, direito ou honrado, é porque nota nessa pessoa os traços que você veio estudando nas Lições anteriores. Dizer que é um cristão virtuoso é afirmar que observamos em seu caráter, manifesto pela sua conduta, os caracteres de: responsabilidade, esforço, generosidade e compaixão.

Apresentamos muitos argumentos da experiência humana para mostrar o que esperamos de uma pessoa que se diz virtuosa. Será que as Escrituras também nos ajudam nessa demonstração?

### 3.1 Os Espaços das Virtudes Cristãs

Nossa pergunta inicial não é: *como* nos fazemos cristãos virtuosos?

Mas, *onde* devemos ser cristãos virtuosos?

Lendo as palavras de Jesus registradas nos Evangelhos, descobrimos que ele anunciou o reinado de Deus como o lugar onde seus discípulos deveriam viver. E, nesse lugar, eles deveriam viver de certo modo: virtuosamente.

Aprendemos, então, da parte de Jesus, um conjunto de virtudes que ele requer que seus discípulos apresentem enquanto querem entrar e, depois, enquanto vivem no reinado de Deus.

Também, quando lemos as epístolas, todas elas apresentam as igrejas ou comunidades de discípulos como lugar onde se espera uma prática virtuosa. Qualquer uma delas traz, informalmente ou formalmente, catálogos ou listas de virtudes que devem ser praticadas pelos cristãos uns para com os outros.

Também o mundo fora das igrejas era lugar de uma prática virtuosa, e esta era ensinada por imagens: sal da terra, luz ou luzeiros do mundo, os despertos, e assim por diante.

Podemos pensar, ainda, em outros lugares. Temos a nossa vida espiritual, que não deve ser marcada por uma prática negativa de evitar e combater o pecado, pois não há nenhuma virtude em alguém fazer isso, mas por uma prática do que é o bem a ser praticado a si mesmo, aos demais cristãos e aos outros.

Temos o culto a Deus e a Jesus Cristo, no Espírito, que praticamos, onde devemos ser animados e ensinados a nos tornarmos, ao final dele, pessoas melhores do que quando começamos. Temos o lugar da instrução cristã onde podemos ensinar e aprender as virtudes, formando o caráter cristão de crianças, jovens, adultos e idosos, além de constituir fonte de orientação para a atividade pastoral. Temos as Escrituras, do Antigo e do Novo Testamento, onde seus diversos textos formam um guia de conduta virtuosa para a formação do caráter do seu leitor e ouvinte. Assim, transformado pela leitura da Escritura, o leitor e ouvinte desenvolvem uma prática virtuosa no próprio meio em que está.

### 3.2 Sendo cristão virtuoso segundo o Antigo Testamento

A Bíblia é considerada, pela maioria dos cristãos, o conjunto de textos narrativos que fundamenta a sua vida prática no mundo. Por trás dessa afirmação, há a seguinte constatação: a Bíblia tem clara orientação ética. Ela surge das convivências humanas existentes, estabelecidas, para formar um povo que terá uma convivência toda particular e própria. Você pode chamar essa convivência peculiar de aliança e a virtude mais importante de santidade.

As formas estabelecidas de vivência e convivência humanas estão entranhadas nas narrativas contidas na Bíblia. Temos que ler e estudar essas narrativas, tanto as formas estabelecidas quanto aquelas propostas pela Bíblia. Basicamente, as narrativas falam de pessoas e povos com seus vícios e virtudes, seus maus e bons costumes.

A prática das virtudes, nas antigas narrativas hebraicas, se constitui a partir do Êxodo e da Aliança que acontece entre Deus e o povo hebreu. Essa dupla narrativa é juntada na seguinte declaração divina:

*“Eu sou o Senhor que vos tirou da terra do Egito, para ser o vosso Deus. Portanto, sede santos, porque eu, o Senhor, sou santo”.*

As virtudes, então, começam do conhecimento e imitação, na vida comunitária e individual, do caráter santo de Deus.

As virtudes que resultam desse caráter santo de Deus, são:

fidelidade, justiça, amor, misericórdia, todas resumidas na virtude maior: bondade.

A revelação do caráter de Deus se deu em seus atos bondosos em favor do povo hebreu. Por meio desses atos, o povo hebreu foi capaz de identificar a bondade divina e se relacionar com Deus como sendo bom e cheio de misericórdia. Essa foi a virtude principal aprendida e a ser imitada em uma conduta para os demais, de dentro da tribo e para fora dela também. A santidade de Deus encontrou lugar no meio do povo hebreu por meio da prática virtuosa da bondade que, por sua vez, apontava para as relações justas entre eles.

Veja o que diz o teólogo Stanley Grenz:

...ser parceiro de Deus na santa aliança não permitia nenhuma bifurcação entre a adoração no templo e a vida cotidiana. Ser recebido pelo Senhor no sábado exigia uma atitude correta para com Deus, bem como uma conduta apropriada durante a semana. Envolvia não apenas o coração puro, mas também mãos puras; não apenas a rejeição à idolatria, mas também atitudes de lealdade.

### 3.3 Sendo cristão virtuoso segundo Jesus

Composto por Mateus a partir de antigas fontes que remetem aos primeiros discípulos e primeiras comunidades crentes em Jesus, o Sermão da Montanha expressa a personalidade de Jesus como um mestre sábio, um instrutor de sabedoria.

Sua instrução está nas cinco grandes partes do Sermão:
--

A verdadeira felicidade
-------------------------

A interpretação correta da Lei e dos Profetas
---

A piedade genuína
-------------------

As atitudes e comportamentos sábios na vida cotidiana
---

A necessidade de traduzir sabedoria em ação.
--

Tal como Moisés, que subiu ao monte para receber os Dez Mandamentos, orientadores da prática virtuosa do povo de Deus, no passado, assim os discípulos sobem ao monte para receber de Jesus os princípios orientadores de sua prática virtuosa como povo de Deus, no presente e futuro.

Ele pode ser considerado a proposta de Jesus Cristo para um cristão virtuoso. O assunto do primeiro conjunto de ensinamentos (Mateus 5:3-8) é a felicidade. Felizes ou bem-aventurados são os que praticam certas virtudes recomendadas por Jesus, pois a eles é feita a promessa de entrarem no futuro Reino de Deus.

A primeira bem-aventurança se refere à prática da “pobreza de coração ou de espírito”.

Em Lucas 6:20 a expressão é:
------------------------------

Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus.
---

Temos duas palavras-chave aqui:

pobreza - coração ou espírito

A *pobreza* não é a virtude, mas é uma imagem verdadeira do que Jesus está dizendo para seus discípulos. Ninguém é virtuoso porque tem condições financeiras de realizar a virtude. Também, a pobreza não pode ser pretexto para alguém não ser virtuoso.

O *coração ou espírito*, sim, pois a virtude deve ser desejada e praticada desde o íntimo do discípulo. E a partir do cultivo das qualidades do coração ou do espírito que alguém será virtuoso tal como Jesus instrui seus discípulos.

O mesmo vale para as demais virtudes: os aflitos, os mansos, os famintos de justiça, os misericordiosos, os puros, os que promovem a paz, os perseguidos por causa da justiça e injuriados por causa de Jesus. Estas são traços do caráter de Jesus que são oferecidos aos seus seguidores.

As atitudes são reforçadas por meio de uma recompensa crescente que acompanha a entrada no Reino dos Céus: possuirão o Reino, serão consolados, herdarão a terra, serão saciados, alcançarão misericórdia, verão a Deus, serão chamados filhos de Deus.

Como dissemos, as epístolas dirigidas às igrejas do Novo Testamento são repletas de listas de virtudes e de admoestações para que os cristãos e cristãs as demonstrem em sua vida cristã cotidiana. De fato, ser cristão é ser virtuoso segundo o Espírito. Veja, abaixo, algumas relações que você pode acompanhar nos textos bíblicos mencionados:

Gálatas 5:22

Mas eis o fruto do Espírito: amor, alegria, paz, paciência, bondade, benevolência, fé, doçura, domínio de si.

Filipenses 4:6

Quanto ao mais, irmãos, tudo o que há de verdadeiro, tudo o que é nobre, justo, puro, digno de ser amado, de ser honrado, o que se chama virtude, o que merece elogio, ponde-o no vosso crédito.

Colossenses 3:12



Visto que sois eleitos, santificados, amados por Deus, revesti-vos dos sentimentos de compaixão, benevolência, humildade, doçura, paciência. [...] E acima de tudo, revesti-vos do amor: é o vínculo perfeito.

#### Segunda de Pedro 1:5-7

E por esta mesma razão, concentrando todos os vossos esforços, uni à vossa fé a virtude, à virtude o conhecimento, ao conhecimento o autodomínio, ao autodomínio a tenacidade, à tenacidade a piedade, à piedade a amizade fraterna, à amizade fraterna o amor.

Como você leu, os apóstolos recomendaram listas de virtudes a serem buscadas e praticadas no contexto das comunidades cristãs. Elas não são exclusividade cristã, mas, como já disse, se entre os cristãos e cristãs elas não forem encontradas, então fica mesmo difícil entender porque chamar um cristão de virtuoso.

Veja que elas se repetem em cada lista, reforçando-se umas às outras. Veja que as virtudes cristãs que recomendamos nesse estudo: responsabilidade, esforço, generosidade e compaixão, estão presentes de um modo ou de outro nessas listas.

Mas, veja a peculiaridade cristã em todas elas: o amor é que as une a todas tornando um cristão virtuoso por inteiro se ele, de fato, faz do amor uma opção de sua vida. Veja como o amor substitui a justiça como aquela que amarra todas as virtudes, como pensavam os gregos.

Então, agora, você está preparado para ser um cristão e uma cristã com caráter virtuoso cristão. Que seu empenho seja esforçar-se por apresentá-lo em seu cotidiano quanto mais o tempo passar e você amadurecer na prática das virtudes cristãs.

## Aula 4 – Vida Cristã e a Questão da Ética



Figura 10 - Cuidado - FONTE: Pixabay

### 4.1 Sendo um cristão responsável

*Precisamos falar do cristão ou da cristã como alguém responsável. Seja porque as Escrituras cristãs apelam ao cristão ou cristã que cuide, que se comprometa, que aja com moderação, e tudo isso requer responsabilidade. Seja, ainda, porque é um valor moral que vai além das exortações cristãs para toda a sociedade. Falamos de: responsabilidade civil, responsabilidade empresarial, responsabilidade política, responsabilidade comum ou individual, e por aí vai.*

Um ato responsável requer alguma forma de amadurecimento, pois quanto mais o tempo passa, mais se cobra do cristão ou cristã a responsabilidade. Portanto, a responsabilidade está intimamente vinculada a algum desenvolvimento moral que acompanha o espiritual, pois é à consciência moral de alguém que falamos quando pedimos que ela seja responsável.

Agir com responsabilidade é fazer algo por alguém. E isso tem grande valor pois julgamos que as pessoas mais confiáveis são as pessoas responsáveis. Veja que responsabilidade e confiabilidade andam juntas. E quando confiamos em alguém cuja conduta se mostra irresponsável, nós a tratamos como indigna da confiança que depositamos, como se ela nos tivesse traído.

## **4.2 Sendo um cristão cuidadoso**

Espera-se que um cristão ou cristã seja uma pessoa cuidadosa, que é uma das virtudes consequentes da responsabilidade. De um modo ou de outro, todos carecemos de sermos cuidados por outrem. Não é à toa que nos choca moralmente vermos mães que abandonam seus filhos recém-nascidos, ou filhos que abandonam seus pais idosos, e os entregam à sorte para morrer. Logo associamos o cuidado com a responsabilidade.

Porém, o cuidado requer tanto uma atenção ao algo ou alguém que se cuida quanto ao sujeito que nos julga responsável para cuidar daquele algo ou alguém. Aquele que pratica a responsabilidade, portanto, tem uma dupla responsabilidade: para com aquilo ou aquele que cuida, e também para com aquele que lhe confiou o cuidado. Cuidar é sentir-se duplamente responsável por alguma coisa diante de alguém.

## **4.3 Sendo um cristão comprometido**

Também se espera que um cristão ou cristã seja uma pessoa comprometida, que é outra virtude derivada da responsabilidade. Por isso muitas pessoas não querem comprometer-se, porque elas não querem ser responsáveis. Normalmente, elas dizem assim: “Não quero tomar conta disso, porque depois vão cobrar de mim se algo der errado!”

Comprometer-se com alguém é sentir-se responsável por ela e aceitar as consequências da responsabilidade. Não há meios de separar uma coisa da outra. Um cristão ou cristã que se compromete a cuidar de uma planta, de um animal, de um bebê ou de uma senhora idosa e doente, está assumindo uma responsabilidade e aceitando suas consequências. Caso aconteça algo à planta, ao animal, ao bebê ou à senhora idosa, certamente a pessoa responsável terá que dar explicações a quem o responsabilizou. Existe uma aliança, um pacto entre ambos. O compromisso o coloca em uma situação com as outras pessoas, nas quais elas poderão pedir dele que aja à altura do compromisso que assumiu.

## **4.4 Sendo um cristão moderador/a**

Ainda, espera-se que um cristão ou cristã tenha uma atitude moderada. Responsabilidade remete diretamente à moderação. Um cristão responsável se esforçará em não fazer nada demasiadamente ou insuficientemente, que a leve a faltar com a responsabilidade. Se ele cuida de um bebê, dar-lhe atenção exagerada pode ser um problema para ele, mas também não dar nenhuma atenção pode levá-lo à morte. O cristão responsável sabe exatamente o meio-termo entre as duas atitudes extremas.

Assim, agir com responsabilidade não quer dizer apenas dar tudo o que algo ou alguém precisa, mas também não permitir o que lhe faria mal, caso fosse permitido. Veja como a moderação é importante aqui. É como saber usar um remédio. Ele deve ser dado na medida exata, pois muito dele ou pouco dele podem, ambos, matar o doente. Quanta responsabilidade é exigida aqui! Veja que o remédio não tem responsabilidade, pois ele é o que é. Sua excelência, sua virtude é sua capacidade de curar o doente. A excelência, a virtude do ser humano que o manuseia está na responsabilidade com que age para com o doente, administrando-lhe a dose correta. É por isso que assusta tanto a nós, seres humanos, quando sabemos que pessoas se aproveitaram de uma vantagem para com um doente a fim de fazer-lhe mal.

#### **4.5 Sendo um cristão com responsabilidade pública**

Falamos, até agora, da responsabilidade pessoal do cristão e da cristã. Mas, o que dizer da responsabilidade pública do cristão e da cristã? Pensamos não apenas na atividade política de um(a) prefeito(a), um(a) governador(a), um(a) presidente(a). Também na atividade de julgar de um(a) juiz(a), de investigar de um(a) delegado(a) de polícia, de fazer apresentar um produto de um(a) publicitário(a), de dirigir um ônibus ou um táxi de um(a) motorista, de sinalizar o trânsito de um(a) guarda de trânsito, de um(a) cuidador(a) de idosos, de um(a) agente penitenciário(a). E, também, das atividades religiosas de um(a) pastor(a) ou um padre, e familiares, de um pai ou uma mãe, e assim vai a lista.

O que há de comum entre todos eles? Certamente, a responsabilidade. Todos esperamos que eles ajam conforme a responsabilidade atribuída às funções públicas que ocupam, e que é inerente a essas funções. Quando alguém assume uma função pública, ela também está assumindo a responsabilidade. Não dá para querer uma coisa, o privilégio, e não querer a outra, a responsabilidade. Por isso, não dá para

entender quando muitas pessoas querem os benefícios de uma função pública, mas não querem ser cobradas pela responsabilidade que acompanha a função pública.

Em nossos dias, um dos principais temas vinculados à responsabilidade é aquele do cuidado do planeta Terra. Essa responsabilidade coloca sobre todos nós o cuidado, compromisso e moderação no uso dos recursos do planeta, pensando na sua manutenção e também em preservar um ambiente adequado à vida humana para as próximas gerações.

Conforme ensina o filósofo Hans Jonas, todo o desenvolvimento tecnológico que está em nossas mãos nos torna tão grandes que precisamos de uma nova humildade. A humildade só é possível desde que entendamos a enorme responsabilidade que o uso da técnica coloca em nossas mãos. Veja isso de outra perspectiva: uma pessoa que adquiriu o poder, pelo uso da técnica, de refazer a própria história de uma pessoa, ou de curá-la de uma doença que a aflige imensamente. Esta pessoa deve se perguntar se está preparada para utilizar esse enorme poder, em que situações, em relação a quais indivíduos, em que medida, e assim por diante. Isto se chama responsabilidade.

#### **4.6 Sendo um cristão esforçado/a**

Você pergunta: o que o esforço tem a ver com uma virtude do caráter de um cristão ou cristã? Um cristão ou cristã costumam ser vistas como pessoas esforçadas para além da média das demais. De fato, a própria prática da fé cristã exige esforço, e, as Escrituras Sagradas, algumas vezes, acentua exatamente esse ponto. Isso não é certo quando Jesus diz que se alguém não carregar a própria cruz após ele não tem condições de segui-lo? Portanto, um cristão ou cristã bem desenvolvida moralmente é uma pessoa espiritualmente esforçada.

Precisamos esclarecer o que dizemos por esforço e esforçado/a.

<b>Esforço -</b>
Intensificação das forças físicas, intelectuais e morais para a realização de algum projeto ou tarefa. Aquilo que se faz com dificuldade e empenho, abrangendo, também, o seu resultado, isto é, a obra ou trabalho realizado. Intensificação da atividade quando esta se acha bloqueada, cabendo aí o estímulo e a animação.
<b>Esforçado/a</b>

Que demonstra grande aplicação e vigor na realização de suas tarefas.  
Que apesar de pouco ou nada inteligente, empenha-se em realizar satisfatoriamente suas tarefas.

Existem muitas áreas da nossa vida onde o esforço é fundamental: físico, intelectual ou moral, ou todos ao mesmo tempo. Você sabe que há objetos a carregar ou atividades físicas que ultrapassam o uso comum da força física. Você também deve pensar sobre seu próprio esforço como um estudante, nas horas de estudo que você dedica para aprender alguma questão difícil ao uso normal do entendimento, ou para realizar uma tarefa intelectual mais complicada.

Por causa da dose maior de dedicação que o esforço efetua, chamamos pessoas assim de diligentes e zelosas. Certamente, você já ouviu e leu essas exortações nos apelos do apóstolo Paulo aos irmãos e irmãs de suas igrejas. São outras maneiras de dizer que ele ou ela se entrega por inteiro à tarefa que se propôs, o que implica abandonar, mesmo que por algum tempo, outras coisas que não contribuem ou impedem o seu esforço necessário para aquela tarefa.

Entregar-se a determinada tarefa requer, por vezes, uma dedicação exclusiva e um esforço que vai muito além do que normalmente lhe é proposto, exige boa dose de coragem e valentia. Nesse caso, a coragem é a capacidade da alma de não ter medo ao ver o esforço que terá de fazer para a realização de uma ação. Nesse caso, ela não retém a disposição, não cede à vontade de não se esforçar. Um cristão ou cristã sem essas virtudes não pode realizar a sua vida cristã.

#### **4.7 Esforço e habilidades naturais**

É certo que existem tarefas para as quais certas pessoas têm mais facilidade do que outras. Mas, o fato de nascerem para determinada coisa não quer dizer que o esforço seja desnecessário. Pense em um ministro de louvor ou um pregador que aparenta possuir suas habilidades naturalmente, parece que ele não se esforça para realizar as coisas que faz. Se você acompanhar seu treinamento diário, descobrirá que em boa parte do seu tempo ele se esforça por aperfeiçoar as suas habilidades naturais.

Por outro lado, sabemos de pessoas que têm uma mínima habilidade natural para alguma tarefa que se propõe ou que lhe é proposta. Mas, com esforço maior até

que a pessoa do exemplo anterior, ela consegue tocar ou pregar tão bem quanto ela. Talvez, ela só precise de mais coragem e disposição.

### **a) E o esforço moral?**

Falemos agora do reforço da força também necessário para a aquisição e manutenção de uma virtude moral. Aprendemos que a virtude é um hábito sustentado por um querer que vai se consolidando e amadurecendo ao longo da nossa vida. O que estamos dizendo é que um caráter virtuoso bem formado responde melhor às obrigações morais que são exigidas de nós à medida que vivemos do que uma simples submissão à norma externa. Pessoas que desenvolveram o hábito do esforço não terão dificuldades em agir esforçadamente quando a ocasião exigir. Somente a ocasião também dirá quanto esforço será necessário e com que intensidade. Mas, o que é uma obrigação moral?

### **b) Obrigação moral**

Por vezes, obrigação moral é tratada como dever, o que não é algo muito adequado de se fazer. É mais apropriado dizer que a obrigação moral é uma ação moral que corresponde à virtude.

Primeiro é preciso saber o que se deve fazer, para depois se sentir obrigado a fazer esse dever. Dependendo da complexidade ou exigência do dever, então haverá necessidade de se medir a intensidade de esforço necessário a ser empregado no cumprimento da obrigação moral.

Ser obrigado por um dever traz uma sensação de falta de opção, a pessoa fica “travada”. Quantas vezes alguém ouve que é a obrigação dela ajudar com as tarefas da casa onde mora? Quem afirma isso está dizendo que cada indivíduo que mora em um mesmo lugar possui o dever de conservar esse lugar limpo, saudável e agradável para todos. Logo, esse dever se torna uma obrigação moral, que poderá ser exigida, normalmente quando ela não é cumprida.

É, porém, em sociedade onde as pessoas mais se sentem obrigadas moralmente por determinados deveres que ela impõe aos seus participantes. Todos já ouvimos falar do dever de pagarmos nossos impostos para que a cidade ofereça os serviços que todos precisamos. Pensado desta maneira, o pagamento de impostos é uma



obrigação moral, e não apenas fiscal, tributária ou policial. Sem essa cooperação, a cidade ficará suja, descuidada, impossível de todos viverem nela.

De igual modo, a obrigação daqueles que recolhem os impostos pagos é destiná-los para os fins para os quais foram recolhidos. Ao fazê-lo, eles estão proporcionando a todos os habitantes desta cidade uma vida saudável, de qualidade, que é o propósito de se viver em uma cidade. Eles têm a obrigação moral de fazê-lo, pois eles têm um dever, um compromisso para com aqueles que pagam seus impostos.

### **c) Fundamento da obrigação moral**

Qual seria a base ou fundamento moral de uma obrigação? Uma pessoa tem deveres com as demais pessoas, com o lugar onde mora, com o planeta no qual habita, com as gerações passadas e futuras. Uma sociedade, obriga a pessoas umas às outras, aos seus costumes, aos seus valores, quer vê-la feliz e bem-sucedida, ou entende que sua felicidade também será de todos que dela fazem parte.

Os cristãos e cristãs creem que Deus possui uma vontade moral que obriga os seres humanos a cumpri-la, sabe que deverá agir segundo seus mandamentos, e estes o obrigam ao mundo e às pessoas que o cercam.

### **d) Obrigação moral e livre arbítrio**

Onde há acordo entre as pessoas acerca de um dever moral, então todos devem se sujeitar a ele. Onde há uma lei moral acima de todos, para o Cristianismo, trata-se da lei divina, para outros uma lei universal, então todos em toda parte têm a mesma obrigação de cumpri-la. Onde as pessoas concordam acerca de alguns princípios práticos que intuitivamente obrigam alguém, então todos são obrigados a viver segundo esses princípios práticos.

Uma coisa é certa, porém: o dever é mais do que uma coisa externa a nós, e a obrigação de cumpri-lo é mais do que uma exigência de fora, mas algo que nós mesmos percebemos como o certo a fazer em determinada situação.

A obrigação moral é uma escolha na medida em que podemos dizer não a ela. É claro que isso não acontece normalmente, pois nascemos e somos moldados pela Moral de uma sociedade específica. É natural para nós fazermos aquilo que já está interiorizado desde que somos educados nesta sociedade. Porém, à medida que nos tornamos indivíduos maduros, tomamos conhecimento de outras formas de

procedimento e testamos nossas possibilidades morais, a obrigação moral para com nossa sociedade passa a demandar grande esforço, muitas vezes.

Somos moldados por nossas experiências particulares e pelos nossos interesses pessoais. Sempre existe conflito entre a nossa interioridade e as obrigações morais que a sociedade nos impõe desde fora. Por vezes, trata-se mesmo de escolhermos o que deverá prevalecer em cada caso: se a nossa vontade, a obrigação moral para conosco mesmos, entenda aí a própria consciência, ou a vontade da sociedade. Esta decisão, seja qual for, também requer muito esforço.

A sociedade ou a pessoa humana nunca permanece a mesma com a passagem do tempo. Ambas tendem a se modificar na medida em que forças, quaisquer que sejam, atuam sobre elas. Isso pode significar mudança nos deveres que uma sociedade ou um indivíduo impõem a si mesmos.

Um período de grande turbulência como uma guerra, uma revolução, uma epidemia, pode colocar obrigações morais que exigirão muito maior esforço que outros tempos. A transformação de uma sociedade ou de um indivíduo pode acarretar que se repense um conjunto de obrigações morais que já não faz sentido, nem para a sociedade e nem para os indivíduos dentro dela.

De novo, dizemos que ninguém é sujeito a uma obrigação moral senão na medida em que está preparado para a sua realização. Isso coloca grande peso sobre a formação do caráter conforme a virtude, isto é, de acordo com o hábito adquirido para a realização das tarefas que são propostas a cada dia de nossas vidas. Então, ser obrigado moralmente não impede nosso livre arbítrio, antes, nossa liberdade é afirmada na nossa resposta pessoal conforme nosso caráter.

## UNIDADE IV – A Prática da Vida Cristã

### Plano de estudo:

**AULA 1 – A Oração e Leitura da Bíblia na Vida Cristã**

**AULA 2 – O Serviço e o Sofrimento**

**AULA 3 – A Vida Cristã e o Discipulado**

**Aula 4 – Vida Cristã e a Questão Ética**

### Objetivos de aprendizagem:

AULA 1 – Identificar a importância da oração e da leitura da Bíblia na vida cristã.

AULA 2 – Compreender o lugar e importância do serviço e do sofrimento na vida cristã.

AULA 3 – Identificar a relação entre vida cristã e discipulado.

AULA 4 - Discorrer sobre as implicações éticas da vida cristã.



Figura 11 - Cidade - FONTE: Pixabay

## Aula 1 - A Vida Cristã e a Oração

A oração é uma prática que faz parte dos antecedentes da fé cristã no judaísmo e religião de Israel. Já nessa época oravam individualmente, como foi o caso da oração de Ana mãe de Samuel (I Sam. 1:10), de Ezequias ante a ameaça de Senaqueribe (Is. 37.15) e de Moisés em intercessão pelo povo (Núm. 11.2). Mas, oravam também comunitariamente, como aconteceu no retorno do exílio ao lerem conjuntamente a lei do Senhor e em seguida orarem à ele (Ne. 9.4) ou conforme relata o Salmo 105.40 sobre a oração dos filhos de Israel.

### 1.1 A Oração no Antigo Testamento

Os Salmos são formas de oração do povo de Deus, tanto de súplicas como de ações de graças, colecionados por um período de aproximadamente oitocentos anos. Valdir Steuernagel retratou bem o espírito humano de indagação e sentimentos diversos presente nos salmos:

Os Salmos nos falam da absoluta legitimidade de buscar a Deus nos momentos de crise e dor, momentos de angústia e perguntas. Aliás, os Salmos nos falam que este é o momento de buscar a Deus e retratam essa busca com uma transparência e um realismo humano surpreendente. Não há espaço para “maquiagens” e o salmista emerge com as suas perguntas, angústia e até sua raiva e crise de fé<sup>53</sup>.

Há várias orações relatadas no Antigo Testamento, comprovando que esse era o meio predominante do povo de Deus se comunicar com ele (2 Reis 20.2; Jonas 2.1; Êx. 8.30; 2 Crôn. 32.24 e outros).

A prática da oração no Antigo Testamento está relacionada à diversas situações e se mostra de variadas formas. Temos as orações de petição, como foi no caso de Isaque que orou ao Senhor para reverter a esterilidade de Rebeca: “E Isaque orou insistentemente ao Senhor por sua mulher, porquanto era estéril; e o Senhor ouviu as suas orações, e Rebeca sua mulher concebeu” ( Gên. 25.21). Neste caso, a oração além de ser intercessória visava um desejo específico, humano e cultural: gerar filhos, problema recorrente no texto bíblico. O texto também chama a atenção para a insistência de Isaque na oração, que a remete não para um simples ato cultural,

---

<sup>53</sup> STEURNAGEL, Valdir. *Para Falar das Flores...* Curitiba: Encontro, 2000, p. 26.

mas para o campo relacional com Deus. Insistência transparece liberdade diante de Deus.

Outra oração que se destaca é a de Sansão pedindo auxílio em sua luta contra os filisteus. Ele havia pecado e, por isso, perdido o poder da força física excepcional que possuía. Além disso, havia sido cegado por seus inimigos que furaram seus olhos. Todavia, diante de uma nova oportunidade de vingar-se, em uma atitude que demonstrou remorso, recorreu ao senhor em oração: “Então Sansão clamou ao Senhor, e disse: Senhor Deus, peço-te que te lembres de mim, e fortalece-me agora só esta vez, ó Deus, para que de uma vez me vingue dos filisteus, pelos meus dois olhos” – (Jz. 16.28). Esta também foi uma oração bastante objetiva e emergencial.

Havia também as orações intercessórias. Essa, de fato, era uma das funções dos sacerdotes quando adentravam à parte do templo chamada de “Santo dos Santos”: interceder pelo povo de Deus. Várias vezes Moisés e depois os profetas clamaram a Deus pelo povo, insistiram em oração, mesmo quando pareciam estarem “navegando contra a maré”, como aconteceu com Habacuque ao orar pedindo livramento de Judá contra a ameaça babilônica. O julgamento de Judá já havia sido dado e a oração dele não reverteria aquela situação. Porém, o profeta pareceu ter seu coração abrandado ao saber que Deus não estava ausente naquele momento e que tudo aconteceria no limite da sua vontade. O resultado foi uma oração de ação de graças:

Ouvindo-o eu, o meu ventre se comoveu, à sua voz tremeram os meus lábios; entrou a podridão nos meus ossos, e estremei dentro de mim; no dia da angústia descansarei, quando subir contra o povo que invadirá com suas tropas.

Porque ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; ainda que decepcione o produto da oliveira, e os campos não produzam mantimento; ainda que as ovelhas da malhada sejam arrebatadas, e nos currais não haja gado;

Todavia eu me alegrarei no Senhor; exultarei no Deus da minha salvação.  
(Habacuque 3:16-18)

Na travessia dos filhos de Israel pelo deserto temos exemplos de orações intercessórias do líder, Moisés, em relação ao povo que guiava: “Por isso o povo veio a Moisés, e disse: Havemos pecado porquanto temos falado contra o Senhor e contra ti; ora ao Senhor que tire de nós estas serpentes. Então Moisés orou pelo povo” - (Núm. 21.7).

A oração era o modo do povo de Deus relacionar-se com ele e responder-lhe pelos seus feitos. Era o Deus presente entre eles com o qual poderiam dialogar. Ele falava à eles por meio dos profetas e eles falavam à Deus por meio da oração. Essa relação entre eles também faz parte do que chamamos de revelação, pois mostra como Deus é para conosco, que de acordo com Rinaldo Fabris, aquele que age na vida:

Para a Bíblia, a relação com Deus não acontece num lugar estranho aos interesses vitais, mas se dá no coração ou centro profundo da experiência que os homens e mulheres vivem na sua caminhada histórica, num território, num lugar e tempo precisos [...]. O Deus da Bíblia não se revela na solidão que imaginamos, mas no profundo da experiência<sup>54</sup>.

Não se trata de um Deus inacessível, estático ou ausente, mas é aquele a quem a quem eles poderiam recorrer a qualquer tempo e situação, com a certeza de que de alguma forma ele agiria, ainda que fosse negando suas petições em função da manifestação da sua vontade. A vida com Deus, desde essa época, é necessariamente relacional. Esta é uma característica única do Deus de Israel: aquele com o qual se poderia relacionar. O fato dele ter se chegado historicamente a nós permitiu-nos chegar à ele com esta liberdade. A mediação sacerdotal no Antigo Testamento não era um impedimento para essa relação, ao contrário, era uma das suas principais vias. Não era, todavia, o modo perfeito, completamente livre, como realizado por Jesus. Ele convergiu para si todas essas mediações e deu-nos, por meio dele mesmo, acesso livre ao Pai. A oração com livre acesso a Deus tornou-se, então, marca distintiva da nossa espiritualidade.

## 1.2 A Oração no Novo Testamento

Está claro então que a prática da oração não é uma novidade do Novo Testamento, é muito mais uma relação de continuidade ao que se fazia no Antigo Testamento. A novidade do NT é a presença mediadora de Jesus Cristo, inclusive na oração. Ele é o meio pelo qual chegamos ao Pai: “Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim” - (Jo. 14.6).

---

<sup>54</sup> FABRIS, Rinaldo. A Oração na Bíblia – Coleção: Temas da Espiritualidade, nº 21. São Paulo: Loyola, 1992, p. 6.

Jesus também ensinou como orar no momento novo que ele estava inaugurando.

Nossa hinologia possui vários cânticos que convocam para a prática da oração, como caminho para a comunhão com Jesus Cristo e a experimentação da sua presença. Como muitos desses hinos antigos são fruto de situações reais de vida e fazem uma chamada legítima para a busca de uma vida com Deus, devemos considerá-los seriamente como umas fontes para a nossa teologia da espiritualidade cristã, como o hino abaixo:

Preciosas são as horas

Preciosas são as horas na presença de Jesus  
Comunhão deliciosa da minh'alma com a luz  
Os cuidados deste mundo não me podem abalar  
Pois é Ele o meu abrigo quando o tentador chegar.  
Se confesso meus temores, toda a minha imperfeição.  
Ele escuta com paciência essa triste confissão.

Com ternura repreende meu pecado e todo o mal  
Ele é sempre o meu amigo, o melhor e mais leal.  
Se quereis saber quão doce é a divina comunhão  
Podereis mui bem prová-la e tereis compensação  
Procurai estar sozinhos em conversa com Jesus  
Provareis na vossa vida, o poder que vem da cruz.

Mas não podemos desprezar o valor da nossa corinhologia, com suas evocações à prática devocional como modo de comunhão com Deus:

### **Ao orarmos**

Ao orarmos, Senhor  
Vem encher-nos com Teu amor  
Para o mundo agitado esquecer,  
Cada dia Tua vida viver  
Nossas vidas, vem pois transformar  
Refrigério pra alma nos dar  
E agora com outros irmãos  
Nos unimos aqui em oração



Mas, a leitura da Bíblia também é vista por nós como meio e fonte de espiritualidade. Não somente pelos ensinamentos que ela proporciona, mas também pelo ato de dedicação ao estudo do livro sagrado. Dedicar-se à leitura da Bíblia é visto como busca pela comunhão com Deus pela via do seu conhecimento.

De fato, o cristão dedica-se à várias práticas espirituais e entre elas a oração e a leitura da Bíblia. Isto remonta às origens do cristianismo e perpassa toda a história da Igreja até os dias atuais.

### 1.3 A Prática da Oração

A oração é sempre uma ação humana em relação ao divino. É o meio mais direto de contato com Deus que concebemos, seja para súplica, intercessão ou ação de graças, que são as principais formas de oração que praticamos. Moltmann ensina que não devemos recorrer em oração a Deus somente para realizarmos petições e súplicas, como um servo recorre ao seu senhor, diante da falta de uma comunicação livre com ele<sup>55</sup>. Deus é nosso pai e amigo, por isso, temos liberdade em falar com ele. A liberdade não significa necessariamente irreverência, falta de respeito, mas proximidade e acessibilidade. Ele assegura:

Aconselhamo-nos com Deus como um amigo que nos compreende [...]. Falar com Deus e ouvi-lo nessa liberdade, que expressa um amor imenso, é “orar no Espírito Santo”. É assim que oram amigos de Deus.

Moltmann ainda nos apresenta uma análise interessante da linguagem corporal na oração, com destaque para três delas:

- a) **A atitude muçulmana de oração** - prostração com rosto em terra. Conforme ele, refere-se à atitude de submissão de um súdito diante de seus senhores governantes (déspotas asiáticos), em um esforço de demonstrar pequenez, insignificância como um “embrião em ventre materno”. No Antigo Testamento há casos dessa atitude (Gn. 17.3-17; Js. 7.6; Nm 16.22 Dn 8.17), mas em referência ao temor diante do poder divino.

---

55 MOLTSMANN, 2002, p. 130.

b) **A atitude cristã** – juntar as mãos, fechar os olhos e ajoelhar-se. Trata-se de uma atitude de interiorização, de voltar-nos para dentro de nós mesmos em gestos como de dor. Também refere-se ao esforço por humilhar-se ante o divino, como na antiguidade que os servos não poderiam mirar (olhar nos olhos) dos seus senhores, daí o abaixar a cabeça em reverência. O juntar as mãos também era um ato comum, no sentido de mostrar que estavam desarmados. Os joelhos dobrados simbolizam o fraquejar do corpo e, portanto, humildade. Conforme Moltmann:

Quando uma pessoa está tão vergada sobre si mesma, não pode respirar livremente. Parece que está carregando a si própria como um grande peso. Nessa modalidade de oração, evidencia-se uma religião de interiorização que deprime. Os sentidos estão cerrados. Solitário, o ser humano busca a Deus no próprio íntimo, em seu coração ou na alma.<sup>56</sup>

c) Adoradores e adoradoras da primeira Igreja – cabeça erguida, olhos abertos e braços levantados. Típicos das figuras dos primeiros cristãos encontradas em algumas catacumbas antigas:

É a atitude de uma grande expectativa e da prontidão amorosa para receber e abraçar. Os que se abrem para Deus nessa atitude são pessoas livres. [...]. Os braços erguidos expandem o peito para a respiração. A posição ereta é o ponto de partida para movimentar-se no recinto e convida a caminhar, andar e dançar. Quem ora nessa posição ora sobretudo pela vinda do Espírito Santo: “Vem, Espírito Criador...”<sup>57</sup>

Devemos concordar com Moltmann que oração é prática da liberdade. Poder estar diante de Deus, nosso Criador e Pai, e falar-lhe de modo espontâneo e sincero, é como visitar o jardim do Éden nas tardes de outono, ou seja, sentir-se humano e livre.

**A Oração Intercessória** – é uma prática da Igreja que encontra suas bases mais antigas no ofício dos sacerdotes de Israel, que entravam no santo dos santos no templo para interceder pelo povo. É uma ação solidária, que foi também realizada por Jesus quando interceu pelos discípulos e todos os cristãos que viriam após eles (João 17). Tem a ver

---

<sup>56</sup> MOLTAMNN, 2002, p. 132.

<sup>57</sup> Ibidem.

com o identificar-se com o sofrimento do outro e desejar ardentemente que Deus seja com ele. Esta é uma forma de doação e serviço realizado por cristãos.

Embora oremos sempre em nossos cultos e em alguns horários fixos no dia, como nas refeições, ao levantar e ao dormir, nossa vida de oração não deveria resumir-se a essa rotina. Precisamos observar a oração como também aquele momento não programado, quando abrimos nosso coração ao nosso Deus e conversamos com aquele que sabe de todas as coisas. Devemos nos permitir ouvi-lo e ser confortados por ele.

Orar, como dissemos no início, é sempre uma ação humana em relação ao divino e, conforme a Reforma Protestante, um ato de liberdade.

- 1) Jesus condena a prática de oração como meio de auto-promoção e de obter ascendência sobre as pessoas, ou de buscar sua admiração e louvor. Ninguém é mais espiritual, santo ou mais religioso apenas porque ora muito ou bonito. A verdadeira recompensa à oração é secreta e vem de Deus.
- 2) A oração irracional, sem o uso da inteligência e mente, sem entendimento, sem a real comunicação do ser com Deus também é condenada por Jesus. Ela é vazia, fria e mecânica.
- 3) Jesus ensina um modelo de oração em que se destaca a seguinte estrutura:
  - a) a volta ao Pai e entrega da vida a Ele;
  - b) a submissão à Sua vontade - Mateus 6.10
  - c) a petição pelas necessidades diárias - Mateus 6.11
  - d) a petição do perdão dos pecados, pressupondo o perdão aos que nos ofendem - Mateus 6.12, 14, 15
  - e) o livramento de todo mal e de Satanás - Mateus 6.13<sup>a</sup>
  - f) a adoração final e o reconhecimento da soberania de Deus - Mateus 6.13<sup>b</sup>

## Aula 2 - A Vida Cristã e a Leitura da Bíblia



*Figura 12 - Leitura - FONTE: Pixabay*

A Bíblia é um livro singular. Sua leitura tem transformado muitas vidas em todo o mundo e em todos os tempos. Ela é a palavra de Deus que foi comunicada em sinais humanos, escrita e feita acessível a todos nós.

Ler a Bíblia é uma tarefa muito agradável, desde que realizada com verdadeiro interesse de entendê-la e com um coração sensível para ouvir o que ela tem a nos dizer como Palavra de Deus. Sua leitura deve visar o conhecimento de Deus para fins de adoração do seu nome e proclamação da sua salvação. Acreditamos que a Bíblia é um livro diferente de todos os demais já produzidos no mundo, afinal ela é um livro divino, ou seja, de alguma forma veio de Deus para nós, a fim de que o conhecêssemos, bem como a sua vontade. Mas, também é humano, pois foi produzido a partir da nossa realidade de vida no mundo.

Na teologia evangélica afirmamos que a palavra de Deus possui primazia em tudo o que fazemos. Isto significa que ela é autoridade maior em toda nossa elaboração teológica e, conseqüentemente, em nossa pregação. Tratar a Bíblia assim é assumir para com ela uma responsabilidade de vida e ministério. No entanto, também requer um

verdadeiro interesse de entendê-la e com um coração sensível para ouvir o que ela tem a nos dizer como Palavra de Deus. Se houver dedicação, tanto a leitura será muito mais interessante do que imaginamos como saberemos o que anunciar em nossa pregação.

A Bíblia, além de trazer respostas para o momento em que vivemos e nos ajudar a compreender a própria realidade, nos conduz a um conhecimento amplo de Deus e de suas ações no mundo dos humanos. Trata-se de um livro que foi escrito a centenas de anos, mas que em todo o seu conteúdo teológico reivindica constante atualidade, pois envolve a história da humanidade. Isto torna esse livro, ao mesmo tempo, maravilhosamente divino e humano, diferente de todos os demais já produzidos no mundo, afinal, é divino, ou seja, de alguma forma veio de Deus para nós, a fim de o conhecêssemos, bem como a sua vontade.

## **2.1 Princípios básicos para a leitura da Bíblia**

Não podemos esquecer que embora a leitura da Bíblia é uma tarefa fácil e completamente edificante, ela exige de nós o cumprimento de certas regras básicas para que possamos aproveitá-la melhor.

### **a) Não existe leitura dinâmica das Escrituras.**

Não a lemos para cumprir uma obrigação acadêmica ou religiosa. Lemos a Bíblia para conhecermos a Deus, suas grandes obras e Sua maravilhosa vontade. O salmo 119.11 diz o seguinte: “Escondi a tua palavra em meu coração para eu não pecar contra Ti”. Este texto afirma que conhecemos a vontade de Deus através da palavra e, se a guardamos em nós, poderemos evitar o pecado. Faz-se necessário, no entanto, determo-nos no texto Bíblico em atitude de reflexão, oração e desejo de ouvir a voz de Deus.

### **b) A Bíblia não é um livro de “histórinhas”.**

A Bíblia também não é um livro de fábulas, cheias de historinhas onde príncipes e super-heróis fazem coisas extraordinárias. Ela, além de ser o livro da Revelação de Deus, é um livro de história. Sim, história da relação de Deus com Seu povo e, de certa forma, com o mundo. Nesse caso, todas as pessoas citadas nos textos bíblicos são

homens e mulheres que viveram num certo momento da história. Eles possuíam qualidades e defeitos, vestiram e comeram conforme os hábitos culturais de seu povo e época e foram fiéis ou infiéis a Deus, conforme os relatos bíblicos. Essas pessoas, em determinados momentos, foram usados por Deus como agentes de sua vontade no mundo.

### **c) A Bíblia não é um livro de “lições morais”**

Embora a Bíblia nos ensina em como conduzir a vida no mundo, não podemos ler a história que ela relata somente para tirar lições para os dias de hoje. Quem lê a história de Davi com Goliath somente para apontar significados para as pedrinhas da funda ou dar nomes para o gigante, não dá o devido valor para toda a ação histórica de Deus no sentido de livrar Israel da ameaça dos filisteus, de se firmarem na terra de Canaã e do estabelecimento de uma Monarquia. A Bíblia não traz “lições morais”, como já afirmamos, ela apresenta a vontade de Deus para nós, humanidade por ele criada. Ela nos relata o que Ele fez para a nossa salvação. Isto é muito mais que algumas lições ao final de cada capítulo. Na realidade, ela trata da grandiosa história da salvação.

### **d) A Bíblia deve ser lida com o coração e com a mente**

De fato, ler a Bíblia não é uma tarefa complicada, *mas ela deve ser feita com o coração e com a mente*, que são, na realidade, os maiores dons que o Senhor nos deu e devem ser utilizados, principalmente, para Ele e para o seu conhecimento. Não podemos ter medo de pensar sobre as coisas que a Bíblia diz. Aliás, certamente seremos muito mais transformados pelo poder da Palavra se aplicarmos nossa mente para entendermos seu conteúdo e o deixarmos entrar em nossa vida transformando nossos valores, nossos ideais e nossa visão do mundo e da história. A salvação que a Bíblia apresenta através da exposição do Evangelho é espiritual, mas também histórica, somos salvos para viver no céu, mas também somos salvos para viver no mundo. Para entendermos a dimensão da Salvação que o Senhor Jesus nos concedeu devemos aplicar a mente e o coração numa atitude de reflexão da nossa fé.

## **2.2 Compreensões fundamentais da Bíblia para a vida cristã:**

Acreditamos que a Bíblia é um livro diferente de todos os demais já produzidos no mundo, afinal ela é um livro divino, ou seja, de alguma forma veio de Deus para nós, a fim de que o conhecêssemos, bem como a sua vontade. Mas, também é humano, pois foi produzido a partir da nossa realidade de vida no mundo.

### **A Bíblia – um livro DIVINO:**

1. Apresenta a **revelação** de Deus que aconteceu na história;
2. Anuncia a vontade de Deus que deve ser vivida por nós no mundo;
3. Suas verdades transformam nossas vidas;
4. É o resultado da ação inspiradora do Espírito Santo, para que a revelação fosse transmitida com fidelidade. Paulo fala acerca disso em II Tim. 3.16.
5. Seus escritos existem desde os tempos mais antigos e até os dias de hoje permanecem atuais para todos os cristãos, em várias partes do mundo.

A Bíblia também é um livro completamente humano, por isso é acessível ao nosso entendimento e à nossa língua. É a palavra de Deus encarnada, humanizada para falar a nós, vinda de Deus, mas a partir de nossa vida no mundo. E isto foi possível porque Deus é aquele que pode todas as coisas.

### **A Bíblia é um livro HUMANO por quê:**

- 1) Foi escrita por homens, na linguagem humana;
- 2) Os escritores bíblicos possuíam uma forma de vida, e, para escrever fizeram uso das particularidades culturais do povo do qual faziam parte ou ao qual se referiam. Falaram de comidas, de roupas, de modo de viver, de problemas econômicos e sociais. Veja esses exemplos: Jó 1. 1-3, Mat. 13. 31-35, Filemon, etc;

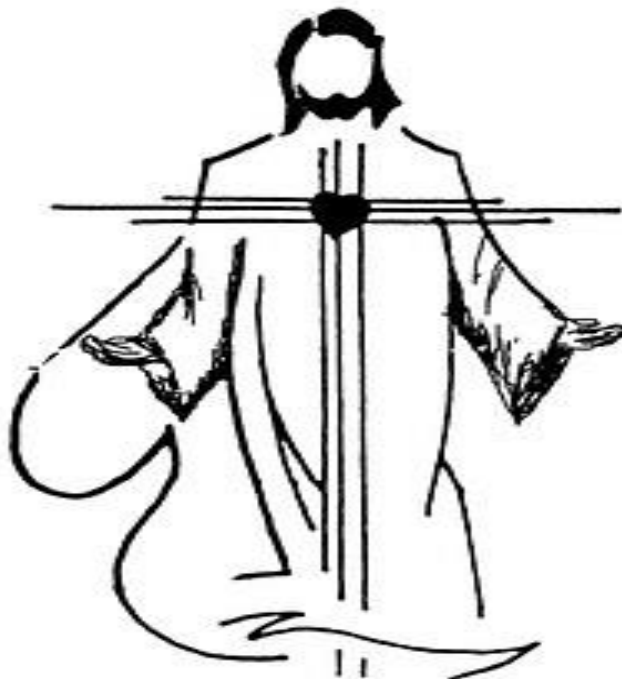
### **Conclusão**

Nós cristãos oramos e lemos a Bíblia para alimentar nossa fé, amadurecer nela, conhecermos a vontade divina a fim de vive-la no mundo. Tratam-se de práticas de espiritualidade, que caracterizam nossa vida cristã. No entanto, para ela nos falar não



precisamos forçá-la a dizer o que ela não está dizendo. Não podemos achar que a Bíblia diz tudo o que queremos ouvir, ela não é escrava da nossa vontade. Ela diz o que Deus quer que saibamos, sua verdade é completa e devemos lê-la com a preocupação de conhecer realmente o seu conteúdo, ainda que este contrarie nossa vontade e nos leve a rever ideias e comportamentos. Na verdade, é isso mesmo que Deus quer fazer conosco, transformar nossas vidas pela sua Palavra.

### Aula 3 - Espiritualidade Cristã, Serviço e Sofrimento Humano



O termo serviço procede do termo grego *diakonia*:

Diaconia (termo cristão), significa: serviço ao próximo, servir à mesa... A graça e alegria por tudo que Deus tem feito por nós, abençoando-nos em nossas vidas, nos faz sentirmo-nos à vontade para promover a diaconia. Diaconia e missão, palavras que dificilmente se separam, nos desafiam a entendê-las melhor dando-nos a oportunidade de colocá-las em prática cada vez mais<sup>58</sup>.

Há uma íntima relação entre a diaconia e a espiritualidade cristã. Para nós protestantes o serviço é uma consequência natural da nossa salvação. Servimos porque somos salvos e não para sermos salvos, como lemos em Tiago:

Meus irmãos, que vantagem há se alguém disser que tem fé e não tiver obras? Essa fé poderá salvá-lo? Se u m irmão ou irmã estiverem necessitados de roupas e do alimento de cada dia, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que vantagem há nisso? Assim também a fé por si mesmo é morta, se não tiver obras. (Tiago 2.14-17)

Portanto, podemos afirmar que a verdadeira espiritualidade possui como base de sustentação uma fé que gera obras, serviço.

---

58 Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/diaconia/diaconia.html>, Acesso em 17/05/2009.

### 3.1 Serviço, Cuidado e Ministério

#### **Contextualização e Doação: exigências do serviço**

**Contextualização:** é o processo pelo qual assumimos como nossa uma cultura e um modo de vida diferente daquele de onde nascemos, se que isto é possível. O melhor exemplo a ser seguido em relação à isso é do próprio Jesus Cristo, que conforme Filipenses 2.5-11 “O qual, existindo em forma de Deus, não considerou o fato de ser igual a Deus algo a que se devia prender, mas, pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo e fazendo-se semelhante aos homens”.

**Desprendimento e Doação** – são requisitos essenciais para o serviço. O serviço cristão, conforme o ensino bíblico, não visa a promoção de quem serve, mas o bem de quem é servido. Tal qual Jesus, não podemos servir esperando receber algo em troca, a não ser a satisfação de ver as pessoas transformadas pelo amor de Deus, como ensinou Costas:

... a Igreja começa a redescobrir o caráter de serviço da sua missão. Se dá conta de que tem sido chamada a servir o mundo em nome de Deus [...]. Redescobre ao seu Senhor, o vê como o servo sofredor de Javé e como o modelo autêntico para sua missão no mundo<sup>59</sup>.

#### **a) Servir é cuidar**

Nosso serviço é realizado através de gestos simples, mas que possuem um enorme significado para as pessoas que o recebem. Servir é cuidar. Cuidar nem sempre é oferecer o que gostaríamos, mas o que as pessoas precisam: “Assim, enquanto temos oportunidade, façamos o bem a todos, principalmente aos da família da fé”. - Gál. 6.10

Às vezes, queremos servir comunicando uma mensagem evangelizadora, mas é possível que a pessoa que evangelizamos está precisando de fato é de quem ouça suas histórias de vida, como foi o caso da mulher samaritana (João 3).

---

59 COSTAS, Orlando. Qué significa evangelizar hoy? p. 37.

O pacto de Lausanne propõe três formas possíveis de relação entre a evangelização e a ação social:

- a) A ação social como consequência da evangelização.
- b) A ação social como ponte para a evangelização.
- c) A ação social como parceira da evangelização.

De qualquer forma, o amor às pessoas por causa do nosso Deus nos faz desejar que sejam salvas e cuidadas ao mesmo tempo, e isto, conforme Costas “é transcender”, portanto, é espiritualidade.

### **b) O serviço é integral**

O serviço do Reino envolve múltiplas ações, mas com a única finalidade: tornar esse Reino real no mundo e conhecido das pessoas. Nosso serviço é para o Reino de Deus e em nome do Senhor Jesus, segundo Bonhoeffer:

Como colaboradores de Jesus estão os discípulos sob as ordens claras de seu senhor em sua tarefa. Não tem liberdade de encarar e atacar esta obra a seu critério. A obra de Cristo a eles confiada coloca-os sob a vontade de Jesus. Felizes os que recebem tal ordem para seu ministério, livres que estão de decisão e cálculos<sup>60</sup>.

Servir a Igreja e a sociedade em nome do Reino de Deus é estar disposto a desgastar-se, como no caso dos discípulos de Jesus quando voltaram cansados e com fome da missão que Ele os havia designado (Mc 6.30-44). Mesmo assim, estavam afoitos para contar para Jesus as obras que haviam realizado. Jesus chamou-os para comer algo e descansar, mas quando viram a multidão que os seguia, Jesus sentiu compaixão dela e tiveram que continuar o trabalho até o final do dia.

### **c) Serviço à criação**

Porque a criação aguarda com ardente expectativa a revelação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à inutilidade, não por sua vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que também a própria criação será libertada do cativeiro da degeneração, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que até agora toda a criação geme e agoniza, como em dores de parto... (Rom. 8.19-23).

---

60 BONHOEFFER, Dietrich, Discipulado, São Leopoldo: Sinodal. p. 124.

## 3.2 O Sofrimento

O sofrimento faz parte da realidade humana. Não há quem não sofra no mundo, desde a criança ao velho. As razões são as mais diversas, bem como a intensidade do sofrimento de cada um. Também diferem as reações ao sofrimento, que podem ser das mais conformistas às mais desesperadas. De qualquer forma, não é possível estar no mundo e não estar exposto ao sofrimento.

Cristo sofreu. A encarnação o colocou dentro desta realidade mundana. Sua humanização, como afirmou Paulo no hino Cristológico de Filipenses (2.7-8), utilizando os verbos *aniquilar-se* a si mesmo *humilhar-se* a si mesmo, foi real e envolveu o sofrimento, não somente devido à morte na cruz, mas por causa da própria condição de humanidade, e acrescido do fator de ter sido vivida conforme a justiça de Deus. Se Cristo sofreu por ser humanidade e por anunciar o Reino e a justiça de Deus no mundo, muito mais nós sofreremos por fazermos parte desta realidade humana e principalmente por sermos testemunhas do evangelho de Cristo.

Sobre isto, preferimos partir das orientações do apóstolo Pedro aos irmãos espalhados na região da Ásia Menor, e que estavam sofrendo devido às perseguições de caráter social e religioso.

### a) O Sofrimento e sua alegria

Mas alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo: para que também na revelação de sua glória vos regozijeis e alegreis. – I Pedro 4. 13

Pedro, neste caso, trata do sofrimento daqueles irmãos no ambiente social em que estavam vivendo. Certamente devido a uma possível estrangeirice, mas também ao seu testemunho cristão. Não somente viviam, mas expressavam uma fé religiosa diferente da comunidade onde estavam. Isto, além de causar estranheza gerava uma série de incompreensões e, possivelmente, maus tratos. Acrescentava-se a isto os sofrimentos causados pela perda de irmãos, novidade da própria fé e os decorrentes da própria condição da vida no mundo.

Ao escrever a eles Pedro não busca disfarçar a situação de sofrimento (1.6-7), que sabia ser tão real quanto o seu próprio sofrimento como apóstolo de Jesus Cristo,

afinal somente pode compreender a dor quem já passou ou passa por ela. Mas ele ensina o real sentido do que eles estavam passando:

**b) O sofrimento não era primeiramente deles, mas de Cristo – 4.13**

Com o sofrimento eles se tornavam participantes da aflição do próprio Cristo, causada por sua identificação com a realidade humana “... *Cristo padeceu por nós na carne...* (4.1)”, “... *Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo...* (2.21)”, humilhação por causa da justiça de Deus e de sua obra salvadora. Moltmann ao tratar sobre o sofrimento de Cristo a partir da sua morte fala sobre a morte do Messias, a morte do filho de Deus, a morte do judeu, a morte do escravo e a morte do vivo em sua identificação com a humanidade<sup>61</sup>. Não estavam sozinhos, mas sofriam com Cristo em sua obra que ainda que tenha sido histórica, é também escatológica e, de certa forma, atemporal.

**c) Participar das aflições de Cristo é também participar da sua glória – 4.13, 5.10.**

Este sofrimento não é des-esperado, mas se dá num contexto de esperança escatológica. Cristo se identifica conosco para que nos identifiquemos com ele, tanto em seu sofrimento quanto em sua glória. O caminho dele é nosso caminho, e o seu destino torna-se também nosso destino.

**d) O sofrimento em seguimento a Cristo é também no Espírito Santo – 4.14**

O mesmo Espírito que habitava em Cristo habita em nós. Nosso sofrimento não é pelo pecado em nós, razão pela qual muitos sofrem, mas pelo seguimento a Cristo, quanto a isto Pedro responde “... *se padece como cristão, não se envergonhe, antes glorifique a Deus nesta parte.* (4.16)”. Portanto, trata-se de uma dor acompanhada, pois se dá em Cristo e no seu Espírito.

**CONCLUSÃO:**

---

<sup>61</sup> Jürgen MOLTSMANN. *O Caminho de Jesus Cristo*, Petrópolis: Vozes, 1992, p. 225-232.

Nossa luta é pela vida conforme a vontade de Deus. O serviço cristão, portanto, deve ser realizado em participação ao serviço do Espírito Santo, de sustentar a vida no mundo.

Quanto ao sofrimento, todos sofrem neste mundo, mas o sofrimento do cristão é diferente, tanto na sua razão que é teológica como pelo fato de resultar não em desespero, mas em esperança. Esta esperança não é abstrata e nem uma espécie de conformismo, mas da real glória de Cristo que, embora há de se manifestar de forma plena na sua parousia, já está presente no mundo, pois assentou-se ao lado do Pai em glória e majestade, e dela já somos participantes Nele.



## Aula 4 – A Vida Cristã e o Discipulado



Figura 13 - Discípulos - FONTE: Pixabay

O Discipulado é um daqueles temas da Igreja que vão e voltam, pois precisam ser constantemente pensados à luz dos novos tempos e configurações sociais. O termo “discipulado” tem a ver com seguimento, tornar-se um aprendiz. No Novo Testamento, por vezes, parece confundir-se com “apóstolos” e dizer respeito à mesma situação. Na Igreja atual sempre foi muito empregado em relação ao seguimento da liderança de alguém, não necessariamente de ideias, por causa de sua autoridade ou espiritualidade. Nas religiões em geral o termo é empregado com o mesmo sentido: o seguimento de um líder religioso e disposição para o aprendizado.

### 4.1 O uso do termo e da prática do discipulado

No tempo do Antigo Testamento tanto a prática do discipulado como o uso do termo já eram empregadas, não somente em Israel mas entre os povos orientais em

geral. O profeta Isaías mencionou o termo em referência àqueles que seguiam suas palavras (Is. 8.16). O livro das Crônicas menciona a presença de mestres de música e seus discípulos quando Davi organizou o culto em Israel (ICr. 25.8). Quando Elias foi tomado por Deus ele deixou Eliseu, seu discípulo, em seu lugar, mas o episódio bíblico menciona a presença em Betel de 50 discípulos dos profetas. Tais textos bíblicos comprovam a prática de uma forma de discipulado no período bíblico.

Nos tempos do Novo Testamento a prática estava consolidada e o uso do termo era comum. Os mestres tinham seus discípulos, tal qual o apóstolo Paulo cresceu aos pés de Gamaliel, ou seja, em uma relação de aprendizagem, de discipulado. Jesus também teve seus muitos discípulos, pessoas que o seguiam por todas as partes onde caminhava, ouviam seus ensinamentos e presenciavam suas obras. Todavia, havia aqueles que defendiam ser discípulos de Moisés (Jo. 9.25), outros de João Batista (Mc. 2.8) etc.

Entre os discípulos de Jesus foram escolhidos doze apóstolos. O termo em grego que foi traduzido para discípulo é mathetes, e refere-se ao aprendiz, aluno. Ele aparece nos evangelhos e no livro de Atos, mas seu sentido está presente em todo o Novo Testamento. Os apóstolos também tiveram seus discípulos, como foi o caso de Timóteo e Tito com Paulo e outros que foram seus seguidores. A partir do sec. II a prática continuou comum e os próprios pais da Igreja tiveram seus discípulos, ou aprendizes. Até os dias atuais é comum essa relação mestre-discípulo nos círculos acadêmicos e religiosos.

## **4.2 A novidade de Jesus Cristo**

Jesus Cristo chamou pessoas para o discipulado, ao seu seguimento, outras passaram a segui-lo a fim de ouvir seus ensinamentos e acompanhar os milagres que realizava. Várias dessas pessoas tornaram-se testemunhas de Jesus Cristo e formaram as comunidades cristãs posteriormente. Entretanto, o discipulado proposto por Jesus Cristo envolve:

## **a) Auto-renúncia**

Ser discípulo de Jesus Cristo é estar disposto a sofrer por ele: “Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me” (Mt 16:24).

Nos séculos I ao IV os cristãos foram submetidos a formas diversas de perseguição e muitos foram torturados ou morreram por causa de Jesus Cristo. As palavras de Jesus se cumpriram de modo radical na vida daquelas pessoas e tem se cumprido na vida de outros cristãos na história que morreram em meio à perseguições e sofrimentos por causa de sua fé. Ainda nos dias atuais há incidência desse tipo de acontecimento, como ouvimos da mídia. Até nas prisões do Brasil foram citados casos de cristãos-evangélicos que foram mortos por não se submeterem às facções.

Além desse tipo de sofrimento de tortura física e morte, o chamado de Jesus a renúncia de si diz respeito também a abandonar aquilo que em nós é contra Cristo, que nos coloca em direção contrária dele, lembrando que o seguimento dele envolve alegrias e sofrimentos, aceitação e desprezo e outras situações humanas que se entrecruzam. Seguir a Jesus é seguir também o crucificado e não somente aquele que foi glorificado e recebeu toda a autoridade. Tomar a cruz e lembrar-se disto e estar disposto a isso, como ensinou Bonhoeffer ao tratar sobre o que ele chamou de “Graça Barata” e “Graça preciosa” em relação ao discipulado:

A graça barata é a pregação do perdão sem arrependimento, é o batismo sem a disciplina comunitária, é a ceia do Senhor sem confissão dos pecados, é a absolvição sem confissão pessoal. A graça barata é a graça sem discipulado, a graça sem cruz, a graça sem Jesus Cristo vivo, encarnado. (Discipulado, p. 10).

Bonhoeffer alerta que ao contrário da graça barata há a graça preciosa, que é de fato a graça de Jesus Cristo. A graça preciosa é o tesouro oculto no campo, por amor do qual o ser humano sai e vende tudo o que tem; a pérola preciosa, para cuja aquisição o comerciante se desfaz de todos os seus bens; o senhorio régio de Cristo, por amor do qual o ser humano arranca o olho que o faz tropeçar; o chamado de Jesus Cristo, pelo qual o discípulo larga suas redes e o segue. (p. 10)

Seguir a Jesus não é seguir meramente a um ilustre pensador ou a um líder religioso, mas é seguir ao Deus trinitário, que é ao mesmo tempo Deus Criador e Deus que salva sua criação.

### **b) Disposição ao testemunho e ao serviço**

Tornar-se discípulo de Jesus Cristo é dispor-se ao serviço e ao exercício da missão no mundo. Não se trata somente de ouvir seus ensinamentos, mas de compartilhá-los e vivenciá-los no mundo. Na multiplicação dos pães Jesus designa aos discípulos servir a multidão “E, tomando os sete pães e os peixes, e dando graças, partiu-os, e deu-os aos seus discípulos, e os discípulos à multidão. ” (Mt 15:36). Os discípulos de Jesus eram também colaboradores de seu ministério e, como tais, participaram de sua missão.

Bonhoeffer explica que a Igreja institucionalizada ingressou também em um processo de secularização e pregação de uma graça barata. O monasticismo surgiu como força de renovação da graça preciosa marcada pela renúncia e dedicação à fé. Todavia, o monasticismo seguiu um caminho meritório tendo em si próprio a realização da fé e não em Jesus Cristo e sua graça. Lutero era um monge e buscou na vida monástica a justificação de seus pecados, mas não a encontrou tornando-se então um dos líderes da Reforma Protestante. Seu abandono do monasticismo e da vida reclusa que ele exigia significou uma volta ao mundo e um ataque direto a ele:

O caminho de Lutero para fora do convento e de volta para o mundo constitui o ataque mais incisivo que o mundo sofreu desde os tempos da primeira Igreja. A renúncia do monge ao mundo é brincadeira comparada à renúncia que o mundo experimentou por parte daquele que a ele regressara. O ataque agora era frontal; o discipulado de Jesus passaria a ser vivido no seio do mundo. Aquilo que, em circunstâncias especiais e com facilidades da vida monástica, era praticado como realização especial passava agora a ser algo necessário, ordenado a cada cristão no mundo. A obediência perfeita ao mandamento de Cristo deveria acontecer na vida profissional de todos os dias. Assim se aprofundou de forma imprevisível o conflito entre a vida do cristão e a do mundo. O cristão atacava o mundo de perto; era uma luta corpo a corpo. (p. 14).

No chamado de Jesus o discipulado é mais do que uma relação de aprendizado, mas trata-se do engajamento em uma missão, que se realiza na vida dentro do mundo e no testemunho dele.

### **c) O discípulo que faz discípulos**

Conforme o evangelho de Mateus, antes de sua ascensão aos céus Jesus orientou aos seus discípulos, “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. (Mt 28:19,20).

A ordem de Jesus é para que se faça discípulos dele, seus seguidores e pessoas que contariam com sua presença como esperança na vida. Neste caso, embora a ordem de fazer discípulos esteja acompanhada da ordem de ensinar o que ele próprio havia ensinado, não se trata de mero seguimento de ideias, mas de um batismo, o que envolve uma confissão pública de fé e compromisso, e de acompanhar e se fazer acompanhado. Bonhoeffer esclarece “Jesus chama ao discipulado não como ensinador e exemplo, mas em sua qualidade de Cristo, Filho de Deus” (p. 20).

Neste caso, a vida do discípulo é uma vida em companhia, em comunhão, com o mestre e com aqueles que estão no mesmo seguimento.

## Bibliografia

- BARTH, Karl. *Introdução à Teologia Evangélica*, São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- BONHOEFFER, Dietrich, *Discipulado*, São Leopoldo: Sinodal, 1995.
- BOSCH, David. *Missão Transformadora*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- BRANDT, Hermann. *Espiritualidade: Vivência da Graça*. São Leopoldo: Sinodal.
- BROADT, Lawrence. Ezequiel. In.: *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. São Paulo: Academia Cristã, 2007.
- CANTERO, Luis Eduardo. *El pensamiento teológico de John Mackay. Un aporte a la teología latinoamericana, en especial Colombia*. In.: *Teología y cultura*, año 2, vol. 4 (diciembre 2005).
- CARRIKER, C. Timóteo. *Espiritualidade: Onde, Quando e Como*. Viçosa: Ultimato, 1997.
- CARVALHAES Cláudio. "Rastros dos Deuses nos Estudos Pós-modernos de Teologia e Religião". *Estudos de Religião* 24 (2003) 117-159.
- COMBLIN, José. *A vida – em busca de liberdade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- COSTAS, Orlando E. *A Vida no Espírito*. In.: *Boletim Teológico*. São Leopoldo, FTL, ano 3, no. 10, p. 51-64, dez., 1989.
- COSTAS, Orlando, *Qué significa evangelizar hoy?*. Costa Rica: Pub. INDEF, 1973.
- COSTAS, Orlando. *A Vida no Espírito*. In.: *Boletim Teológico*, Ano 3 (dezembro de 1989), nº 10. São Paulo: FTL – Brasil, p. 51-63.
- D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. *Um Projeto de Espiritualidade Integral*. Brasília: Sião, 1988.
- DE VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.
- DENNET Daniel. "A religião do bom senso". *Folha de São Paulo*. São Paulo, 12/02/06. Caderno Mais.
- DERRIDA J., VATTIMO G. (Ogs.). *A Religião. O Seminário de Capri*. São Paulo, Estação Liberdade, 2000.
- DERRIDA Jacques. *Acts of Religion*. London, Routledge, 2002.
- ERICKSON Millard J. *Truth or Consequences: the promise & perils of postmodernism*. Downers Grove, InterVarsity Press, 2001.

FABRIS, Rinaldo. *A Oração na Bíblia – Coleção: Temas da Espiritualidade*, nº 21. São Paulo: Loyola, 1992.

FOHRER, Georg. *História da Religião de Israel*. São Paulo: Academia Cristã, 2006.

GUMBRECHT Hans Ulrich. “Sem Saída”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 25/09/05. Caderno Mais.

HALL Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

HARVEY David. *A Condição Pós-moderna*. São Paulo, Loyola, 2004.

HEELAS Paul (Org.). *Religion, Modernity and Postmodernity*. Oxford, Blackwell, 1998.

KOYAMA Kosuke, *Fifty Meditations*. Orbis Books, 1979.

LEMERT Charles. *Pós-Modernismo não é o que você pensa*. São Paulo, Loyola, 2000.

LIPOVETSKY Gilles. *A Era do Vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa, Relógio d'Água, 1989.

LÖWY Michael. “O Capitalismo como Religião”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 18/09/05. Caderno Mais.

LUTERO. *Como reconhecer a Igreja*. São Leopoldo: Sinodal, Coleção Lutero para hoje, 2001.

MACKAY, John A. *Prefacio a la Teologia Criatiana*. Buenos Aires: La Aurora, 1940.

MARDONES José Maria. *Postmodernidad y Cristianismo. El desafio del fragmento*. = Presencia Teológica, 50. Santander, Sal Terrae, 1988.

MBITI, John S. *Christianity and traditional religions in Africa*. London, S.P.C.K, 1970.

MC GRATH, Alister. *Uma Introdução à Espiritualidade Cristã*. São Paulo: Vida, 2008.

MOLTMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida – O Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.

MOLTMANN, Jürgen. *Deus na Criação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

MOLTMANN. Jürgen. *Trindade e Reino de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2000.

PADILLA, René. <http://www.kairos.org.ar/images/revistaKairos/rpadilla-oracionpolitica.pdf>, acesso em 10/03

ROUANET Sérgio Paulo. “A volta de DEUS”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 19/05/02. Caderno Mais.

SANCHES Sidney de M. *Hebreus. Espiritualidade e Missão*. Belo Horizonte: Lectio, 2003.



SANCHES, Sidney M. *Experiência de Deus Hoje*. Campinas: Saber Criativo, 2018.

STAM, Juan. *Profecia Bíblica e Missão da Igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

STEURNAGEL, Valdir. *Para Falar das Flores...* Curitiba: Encontro, 2000, p. 26.

VATTIMO Gianni. *Depois da Cristandade*. São Paulo: Record, 2004

WOLFF, Hans Walter. *Bíblia Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003. P. 102.

ZABATIERO, Julio T. *Liberdade e Paixão*. Londrina: Descoberta, 2000.

## ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO

### QUESTÕES DE MÚLTIPLA-ESCOLHA:

1. Sobre a Espiritualidade é correto afirmar:

- I. Ela está exclusivamente relacionada ao transcendente e a uma ordem metafísica.
- II. Ela tem a ver com as situações concretas da vida no mundo.
- III. O termo pé derivado do hebraico ruach, que pode ser traduzido por “espírito”, inclusive no sentido de “vento”, “alento”.
- IV. Por ser um elemento da vida religiosa ela se apresenta de múltiplas formas e manifestações..

Assinale a assertiva correta:

- a) II, III, IV**
- b) I e II
- c) Nenhuma alternativa está correta
- d) Todas as alternativas estão corretas

2. Observa os seguintes textos:

Sobre a cultura religiosa do povo brasileiro podemos afirmar:

- a) Traz consigo a presença de valores cristãos não necessariamente apoiados em alguma doutrina ou instituição religiosa oficial.**
- b) Não apresenta nenhum traço do cristianismo.
- c) Traz somente a presença de valores do cristianismo oficial.
- d) Nenhuma alternativa está correta.

3. Não se constitui característica da posmodernidade:

- a) Multifacetada
- b) Superfragmentada

c) Hiperindividualizada

**d) Centralizada**

4. Sobre a atuação do Espírito Santo no mundo é correto afirmar, exceto:

a) É Ele quem nos permite tomar conhecimento do outro e nos relacionarmos com ele, bem como com o próprio Deus em Jesus Cristo.

**b) Seu papel é somente no nível espiritual no sentido metafísico do termo.**

c) Ele deu a vida e a mantém continuamente.

d) Pelo Espírito o gênero humano toma consciência da existência de 'outros' e recebe a capacidade para comunicar-se, ou formar uma comunidade, com eles.

5. Assinale abaixo os termos corretos e na ordem correta da frase:

“Um teólogo preocupado em produzir um saber da \_\_\_\_\_ que corresponda à \_\_\_\_\_ e seja relevante à ela, apresentará atitudes de \_\_\_\_\_ com esta mesma realidade. Ocupar-se-á em conhecê-la melhor e não se esquivará do envolvimento com ela.”

Preencha a lacuna em branco:

**a) Fé, realidade, comprometimento,**

b) Realidade, Igreja, afastamento

c) Fé, realidade, negação

d) Nenhuma alternativa está correta.

6. Observe os seguintes textos:

Texto 1: As bases para a espiritualidade no Antigo Testamento estão no entendimento do papel do Espírito Santo como força criadora e sustentadora da criação. Nas narrativas da criação encontramos os primeiros relatos sobre a presença e atuação do Espírito Santo.

Texto 2: O Espírito, na criação, é aquele que anima a vida e a torna eficaz.

Tendo em conta os textos supracitados considere assertiva correta:

- a) **Ambos textos estão corretos e texto 2 é complemento do texto 1**
- b) Ambos estão corretos, mas texto 2 não é complemento de texto 1
- c) Apenas o texto 2 está correto
- d) Apenas texto 1 está correto

7. Jesus se identificou muito com os sábios de Israel e, por vezes, foi chamado de “mestre”, mas ele é mais do que um sábio, é a própria sabedoria de Deus presente no mundo. No Antigo Testamento a sabedoria “hokmah” é apresentada como aquela que esteve presente no momento da criação (Prov. 8.22-36) ordenando tudo.

Sobre o texto acima podemos afirmar:

- I. Refere-se às bases da espiritualidade cristã no Antigo Testamento.
- II. Diz respeito ao ministério sapiencial de Jesus.
- III. Relaciona espiritualidade com a sabedoria.
- IV. Apresenta Jesus como a sabedoria encarnada.

Assinale a assertiva incorreta:

- a) Somente a alternativa IV está correta.
- b) Somente a alternativa I está correta.
- c) Somente as alternativas II e III estão corretas.
- d) **Todas as alternativas estão corretas.**

8. Sobre a espiritualidade monástica é correto afirmar, exceto:

- a) Ofereceu a nós um modo de espiritualidade mais ascético, meditativo e baseado nas disciplinas espirituais.

- b) Propõe uma vida cristã contemplativa e de internalização da fé.
- c) Apresenta uma proposta mais centrada na realidade concreta e interventiva nela.**
- d) É caracteristicamente apofática.

9. “Cristo sofreu. A \_\_\_\_\_ o colocou dentro desta realidade mundana. Sua \_\_\_\_\_, como afirmou Paulo no hino Cristológico de Filipenses (2.7-8), utilizando os verbos \_\_\_\_\_ a si mesmo \_\_\_\_\_ a si mesmo, foi real e envolveu o sofrimento, não somente devido à morte na cruz, mas por causa da própria condição de humanidade, e acrescido do fator de ter sido vivida conforme a justiça de Deus.”

Assinale a alternativa com os termos corretos e na ordem correta do texto:

- a) Humanização, encarnação, exaltar-se, enaltecer-se.
- b) Encarnação, humanização, aniquilar-se, humilhar-se.**
- c) Exaltação, humanização, encarnar-se, humilhar-se.
- d) Nenhuma das alternativas está correta.

10. Sobre o sofrimento cristão é correto afirmar, exceto:

- a) Não é des-esperado, mas se dá num contexto de esperança escatológica.
- b) Cristo se identifica conosco para que nos identifiquemos com ele, tanto em seu sofrimento quanto em sua glória.
- c) Nos tornamos participantes da aflição do próprio Cristo, causada por sua identificação com a realidade humana
- d) Nosso sofrimento se distingue do sofrimento de Cristo e possui origem na ordem de mundo que vivemos.**

11) Sobre a oração no Antigo Testamento é correto afirmar:

- a) Estava restrita às orações de ação de graças.
- b) Está relacionada à diversas situações e se mostra de variadas formas.**
- c) Somente não eram praticas as orações intercessórias.
- d) Nenhuma das alternativas está correta.

12) Podemos apontar como novidade da oração no Novo Testamento:

- a) **A presença mediadora de Jesus Cristo.**
- b) O completo rompimento com o modelo de oração do AT.
- c) A não aceitação da oração intercessória.
- d) Nenhuma das alternativas está correta.

13) Prática de oração que encontra suas bases mais antigas no ofício dos sacerdotes de Israel, que entravam no santo dos santos no templo para realizá-las:

- a) Oração de Ação de Graças
- b) Oração comunitária
- c) **Oração Intercessória**
- d) Nenhuma das alternativas está correta

14) As afirmativas abaixo descrevem o caráter divino da Bíblia, exceto:

- a) Apresenta a revelação de Deus que aconteceu na história.
- b) Anuncia a vontade de Deus que deve ser vivida por nós no mundo.
- c) É o resultado da ação inspiradora do Espírito Santo, para que a revelação fosse transmitida com fidelidade. Paulo fala acerca disso em II Tim. 3.16.
- d) **Possui estilos literários específicos.**

15) “Os escritores bíblicos possuíam uma forma de vida, e, para escrever fizeram uso das particularidades culturais do povo do qual faziam parte ou ao qual se referiam. Falaram de comidas, de roupas, de modo de viver, de problemas econômicos e sociais.”

A afirmação acima diz respeito a:

- a) Aspecto divino das Escrituras
- b) **Caráter humano da Bíblia**
- c) A descontextualização das Escrituras
- d) Nenhuma alternativa está correta.

16) O pacto de Lausanne propõe três formas possíveis de relação entre a evangelização e a ação social. São elas, exceto:

- a) A ação social como consequência da evangelização.
- b) A ação social como ponte para a evangelização.
- c) A ação social como parceira da evangelização.
- d) A dicotomia entre ação social e evangelização**

17) Assinale a frase que completa de forma assertiva a seguinte afirmativa: “O serviço do Reino envolve múltiplas ações, mas com a única finalidade:”

- a) Fazer a Igreja crescer numericamente.
- b) Tornar esse Reino real no mundo e conhecido das pessoas.**
- c) Tornar o cristianismo a religião oficial do país.
- d) Nenhuma das alternativas está correta.

18) Pedro escreveu para as Igrejas perseguidas na Ásia Menor: “Mas alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo: para que também na revelação de sua glória vos regozijeis e alegreis.” – I Pedro 4. 13

Sobre isso é correto afirmar, exceto:

- a) Pedro, neste caso, trata do sofrimento daqueles irmãos no ambiente social em que estavam vivendo.
- b) Sofriam devido a uma possível estrangeirice, mas também ao seu testemunho cristão.
- c) Deveriam rejeitar aquele sofrimento, pois o cristão não deve sofrer.**
- d) Com o sofrimento eles se tornavam participantes da aflição do próprio Cristo.

19) Sobre o discípulo é correto afirmar:

- a) O termo em grego que foi traduzido para discípulo é mathetes, e refere-se ao aprendiz, aluno.**
- b) O termo “discípulo” diz respeito àquele que ensina, que exerce poder.
- c) Trata-se de uma categoria de liderança exclusiva do Novo Testamento.
- d) Nenhuma alternativa está correta.

20) Podemos descrever a ideia de Graça barata de Bonhoeffer, como:

- a) É o tesouro oculto no campo, por amor do qual o ser humano sai e vende tudo o que tem.
- b) A pregação do perdão sem arrependimento, é o batismo sem a disciplina comunitária, é a ceia do Senhor sem confissão dos pecados, é a absolvição sem confissão pessoal.**
- c) Trata-se do senhorio régio de Cristo, por amor do qual o ser humano arranca o olho que o faz tropeçar; o chamado de Jesus Cristo, pelo qual o discípulo larga suas redes e o segue.
- d) Nenhuma alternativa está correta.



### **Perguntas:**

- 1) John Mbiti, teólogo, filósofo e poeta africano, queniano afirma: “A religião permeia todas as partes da vida, de maneira tão completa que não é fácil, talvez nem possível isolá-la. Um estudo desses sistemas religiosos é portanto... um estudo do povo em si, com toda a sua complexidade da vida tradicional e moderna”. Qual a relação entre Religião, religiosidade e espiritualidade?
- 2) O apóstolo Paulo explicou aos cristãos na cidade de Corinto: “Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado” (I Cor. 2.2). Discorra sobre a novidade cristológica para a espiritualidade?
- 3) Moltmann comenta que o Deus criador revelou sua perfeitíssima “criatividade” na riqueza da vida no mundo, e, por ela, o conhecemos não como um Deus estático, impassível e silencioso, mas como Deus dinâmico, que age e se revela na forma e no movimento do mundo e da vida. Como podemos compreender a vida cristã à luz dessa concepção de Deus?
- 4) Argumente apresentando citações bíblicas sobre a importância da oração e das práticas devocionais para a espiritualidade e vida cristã.

### **Fóruns**

1. Faça uma descrição da espiritualidade cristã contemporânea?
2. Você acha que a Reforma Protestante trouxe mudanças significativas para a espiritualidade cristã? Comente sobre isso.
3. Por que devemos ter uma compreensão da vida e seu funcionamento para pensarmos a vida cristã?
4. Você acha que é necessário pensarmos as novas formas de discipulado na contemporaneidade? Explique.

## **Materiais Complementares**

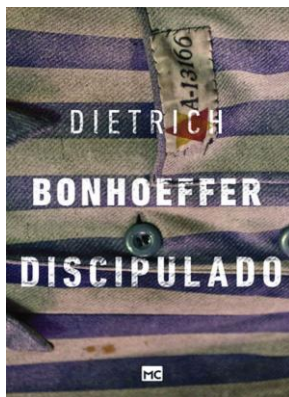
### **# LIVROS**

Título: Discipulado

Autor: Dietrich Bonhoeffer

Editora: Mundo Cristão

Ano: 2016



**SINÓPSE:** A leitura desta obra torna-se uma tarefa imprescindível para todo aquele que se propõe a mesma pergunta que orientava Bonhoeffer: “O que é o cristianismo, ou ainda, quem é de fato Cristo para nós hoje?”.

Para ele, ficou evidente a necessidade de criticar o que chamou de “graça barata”, que, “em vez de justificar o pecador, justifica o pecado”. Ou seja, a postura que a Igreja assume ao inverter todo o esforço dos reformadores sintetizado na doutrina da justificação pela fé mediante o sacrifício na cruz de Cristo. Justamente por isso, “a graça barata é a inimiga mortal de nossa Igreja”. Foi contra esse tipo de graça que os esforços de Bonhoeffer se direcionaram, reiterando enfaticamente a verdadeira vida em comunidade, na qual o discipulado é visto como compromisso radical de obediência a Cristo — mesmo que implique a morte, não apenas do velho ser humano, mas do próprio discípulo.